



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS DO SERTÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

RONALDO ALVES DE OLIVEIRA

**JARDIM DE MAMULENGOS NO ALTO SERTÃO DE ALAGOAS: FORMAÇÃO
HISTÓRICA DO GRUPO DE GAYS E LÉSBICAS DE DELMIRO GOUVEIA – AL
(2008-2023)**

Delmiro Gouveia/AL

2024

RONALDO ALVES DE OLIVEIRA

**JARDIM DE MAMULENGOS NO ALTO SERTÃO DE ALAGOAS: FORMAÇÃO
HISTÓRICA DO GRUPO DE GAYS E LÉSBICAS DE DELMIRO GOUVEIA - AL
(2008-2023)**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) em Licenciatura
Plena em História, turno Noturno, como forma de
obtenção do título de Licenciado em História, sob a
orientação da Professora Dra. Sheyla Farias Silva.

Delmiro Gouveia/AL

2024

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca do Campus Sertão
Sede Delmiro Gouveia

Bibliotecária responsável: Renata Oliveira de Souza CRB-4/2209

- O488j Oliveira, Ronaldo Alves de
Jardim de mamulengos no alto sertão de Alagoas: formação histórica do grupo de gays e lésbicas de Delmiro Gouveia - AL (2008-2023) / Ronaldo Alves de Oliveira. – 2024.
143 f. : il.
- Orientação: Sheyla Farias Silva.
Monografia (Licenciatura em História) – Universidade Federal de Alagoas. Curso de História. Delmiro Gouveia, 2024.
1. História. 2. Sexualidade. 3. História da sexualidade. 4. Gênero e sexualidade. 5. Grupo de Gays e Lésbicas de Delmiro Gouveia - GLAD. 6. LGBTfobia. 7. Memória. I. Silva, Sheyla Farias da. orient. II. Título.

CDU: 613.885

FOLHA DE APROVAÇÃO

RONALDO ALVES DE OLIVEIRA

JARDIM DE MAMULENGOS NO ALTO SERTÃO DE ALAGOAS: FORMAÇÃO HISTÓRICA DO GRUPO DE GAYS E LÉSBICAS DE DELMIRO GOUVEIA - AL (2008-2023)

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Graduação em Licenciatura Plena em História da Universidade Federal de Alagoas – Campus do Sertão, como requisito para obtenção de título de Licenciado em História, aprovado em 05/04/2024.

Banca Examinadora:

 Documento assinado digitalmente
SHEYLA FARIAS SILVA
Data: 12/04/2024 09:20:17-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Profa. Dra. Sheyla Farias Silva - UFAL (Orientadora)

Profa. Dra. Ana Cristina dos Santos

 Documento assinado digitalmente
FERNANDO DE SA OLIVEIRA JUNIOR
Data: 05/04/2024 16:14:41-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Prof. Me. Fernando de Sá Oliveira Júnior

Dedico este trabalho a toda comunidade LGBTQIA+ de Delmiro Gouveia (AL), Alto Sertão de Alagoas. A todo movimento em defesa dos direitos humanos e da diversidade no território sertanejo especificamente ao Grupo de Gays e Lésbicas de Delmiro Gouveia (GLAD).

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a toda a comunidade LGBTQIA+ na representação do Grupo de Gays e Lésbicas de Delmiro Gouveia (GLAD) nas pessoas da Ana Lúcia Moura Bernardino e do Obenaldo Sebastião da Silva por compartilharem suas memórias importantíssimas para a construção dessa pesquisa com as quais aprendemos muito. A minha Orientadora Profa. Dra. Sheyla Farias da Silva, pela paciência e persistência. Aos meus amigos Tiego Gomes, Jakson de Jesus e Marcelo Nascimento, pela ajuda com a construção das fontes orais transcrevendo as entrevistas fundamentais para o resultado desse trabalho. Aos meus familiares. E finalmente agradeço a minha ancestralidade, primeiramente a Olorun e também aos Orixás por me darem condições de vida e resistência para realizarem esse TCC.

Minha gratidão a todos!

Muito prazer

Eu sou o oitavo pecado capital

Tente entender

Eu sempre fui vista por muitos como o mal

Não consegue ver

Que da sua família eu sou o pilar principal?

Possuo você

Possuí você

Sua lei me tornou ilegal

Me chamaram de suja, louca e sem moral

Vão ter que me engolir por bem ou por mal

Agora que eu atingi escala mundial

Navalha debaixo da língua

Tô pronta pra briga

Navalha debaixo da língua

Não sou nova aqui, não te peço licença

Sua permissão nunca fez diferença

Com toda educação, foda-se sua crença

Foda-se sua crença

Urias, Hodari, Gorky, Maffalda e Zebu (2019)

RESUMO

Este trabalho analisa a formação histórica do Grupo de Gays e Lésbicas de Delmiro Gouveia (GLAD), o primeiro movimento de ativismo LGBTQIA+ formalizado da cidade. O contexto de LGBTfobia estrutural (MOREIRA, 2017) em que nossa sociedade se encontra, agencia não só violências diversas, mas também apagamentos a população LGBTQIA+. Nossa pesquisa é uma contribuição para o preenchimento de lacunas na historiografia local sobre a História da Sexualidade (ENGEL, 1997) nesta cidade. Então objetivamos, analisar em perspectiva histórica a LGBTfobia em Delmiro Gouveia (AL), as relações de poder, práticas de resistência e enfrentamento engendradas a partir da formação histórica do GLAD. Para conseguirmos estabelecer um enquadramento da memória que nos possibilite estudar essas memórias subterrâneas (POLLAK, 1992) empreendemos a metodologia de História Oral (H.O.) (ALBERTI, 2013; DELGADO, 2010) na execução de entrevistas semiestruturadas e consequentemente produção de documentos orais que junto as demais fontes recolhidas, a exemplo, atas, fotografias, matérias jornalísticas, panfletos, web links, documentos de frequência e planejamentos nos serviu de corpo de análise para desenvolver essa pesquisa.

Palavras-chave: História da Sexualidade, memória, LGBTfobia, GLAD.

ABSTRACT

This work analyzes the historical formation of the Grupo de Gays e Lésbicas de Delmiro Gouveia (GLAD), the first formalized LGBTQIA+ activism movement in the city. The context of structural LGBTphobia (MOREIRA, 2017) in which our society finds itself not only causes various types of violence, but also erases the LGBTQIA+ population. Our research is contribution to filling gaps in the local historiography on the History of Sexuality (ENGEL, 1997) in this city. Therefore, we aim to analyze LGBTphobia in Delmiro Gouveia (AL), the power relations, practices of resistance and confrontation engendered from the historical formation of GLAD, in a historical perspective. In order to establish a framework of memory that allows us to study these underground memories (POLLAK, 1992), we undertake the methodology of Oral History (H.O.) (ALBERTI, 2013; DELGADO, 2010) in the execution of semi-structured interviews and consequently the production of oral documents that together the other sources collected, such as minutes, photographs, journalistic articles, pamphlets, web links, attendance documents and plans, served us as a body of analysis to develop this research

Keywords: History of Sexuality, memory, LGBTphobia, GLAD.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1 - Homenagem do Bloco Pompeu a Zé Mulher.....	46
Imagem 2 - Documento de Plano Geral de Ação distribuída na I Capacitação Estadual de Lideranças GLTB – Projeto Somos.....	52
Imagem 3 - Cartaz de divulgação da I Parada da Diversidade Sexual.....	53
Imagem 4 - Primeira logomarca do movimento.....	55
Imagem 5 - Programação da I Semana da Diversidade Sexual.....	57
Imagem 6 - Cartaz de publicidade da II Parada da Diversidade Sexual do Alto Sertão.....	58
Imagem 7 - Nota de Balcão emitida pela Loja Primavera.....	61
Imagem 8 - Jornal Correio Regional.....	63
Imagem 9 - Certificado de participação.....	64
Imagem 10 - Ata de Assembleia de Fundação do Grupo de Gays e Lésbicas de Delmiro Gouveia.....	65
Imagem 11 - Atividade educativa e distribuição de panfletos.....	68
Imagem 12 - Atividade esportiva com a população LGBTQIA+.....	68
Imagem 13 - Atividade de divulgação da VII Parada da Diversidade Sexual.....	69

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
1.1. Abordagem: História Oral (HO).....	14
1.1.2. Da coleta à análise de dados.....	19
2 DIPOSITIVOS HISTORIOGÁFICOS: sexo, sexualidade e gênero como objeto de estudo da História	23
2.1 As contribuições de Michel Foucault para História das Sexualidades.....	25
2.2 Historiografia da sexualidade no Brasil	29
2.2.1 Movimento LGBTQIA+ e seus debates históricos.....	30
3 GLAD: formação histórica do grupo de gays e lésbicas de Delmiro Gouveia (2008-2023)	39
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS: “o GLAD é uma fênix e ele está ressurgindo das cinzas.....	72
REFERÊNCIAS.....	75
ANEXOS	79
ANEXO I	80
ANEXO II	107

1 INTRODUÇÃO

No decorrer da História do Brasil, a população que atualmente chamamos pela sigla LGBTQIA+¹ foi assimilada socialmente, politicamente e cientificamente como desviante. Um conjunto de sexualidades e identificações de gêneros divergentes da heterossexualidade cis normativa interpretadas como uma perversão e por consequência inferioridade moral (QUINALHA, 2017; MELLO, 2014). Esse processo articula diversas violências contra a comunidade LGBTQIA+ e é reconhecido atualmente como LGBTfobia estrutural².

O relatório intitulado *Mortes e Violências Contra LGBTI+ no Brasil (Dossiê 2022)* denuncia a LGBTfobia estrutural através do descaso do Estado brasileiro em gerar dados sobre à população LGBTQIA+ que pudessem ajudar a planejar e gerir políticas públicas de combate e dissolução deste problema social. Percebemos que de fato este relatório em alguma medida é uma evidência da carência de informações institucionais e ausência do interesse do Estado em colocar no leque de políticas públicas a população LGBTQIA+.

Este diagnóstico levanta o número de 5.635 pessoas LGBTQIA+ que pereceram entre os anos de 2000 e 2022, alvos de mortes violentas. Nos anos de 2016, 2017 e 2018 ocorreu a identificação de maior quantidade de casos, corroborando com o contexto sócio-político nacional de Golpe a ascensão de uma extrema-direita nos poderes políticos. Um aspecto marcante é a violência dirigida contra corpos trans. Segundo o levantamento, no Brasil em 2022 foi identificado 273 mortos violentamente, desses 228 assassinados, 30 suicídios e 15 por outras causas (referência indireta), com ênfase na violência voltada a travestis, transexuais e transgênero, corroborando com isso a ONG *internacional Transgender Europe* (TGEU) em sua

¹ Desde a ocorrência da I Conferência Nacional de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais (2008), realizada em Brasília-DF, no segundo governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (2007 à 2011) a sigla LGBT foi adotada para se referir a populações a de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais alvo do planejamento políticas públicas e promoção à cidadania. Ao longo do tempo essa sigla tem se modificado, hodiernamente ela aglutina categorias de sexualidade, gênero e identificações em construção, sendo assim LGBTQIA+: Lésbicas (L), Gays (G), Bissexuais (B), Travestis, Transexuais e Transgênero e (T), Queers (Q), Intersexuais (I), Assexuais (A) e finalizando com o símbolo “+” para designar toda as outras possibilidades de existências de sexualidade ou gênero. Neste trabalho adotaremos essa configuração da sigla.

² LGBTfobia é “[...] o sentimento, a convicção ou a atitude dirigida contra lésbicas, gays, bissexuais, pessoas trans e travestis que inferioriza, hostiliza, discrimina ou violenta esses grupos em razão de sua sexualidade e/ou identidade de gênero” (RAMOS; NICOLI, 2016, p. 183). Ainda conforme Ramos e Nicoli, esse termo aglutina uma diversidade de violências, discriminações, preconceitos, medos e aversões que tem como alvo cada representatividade da sigla LGBT, conseguindo dispor de um termo que não seja excludente e abranja o máximo de identificações de gênero e sexualidade possíveis. O caráter estrutural da LGBTfobia é aplicado a reflexão de Moreira que entende: “podemos dizer que a discriminação contra as minorias tem um caráter estrutural quando identificamos a presença de alguns processos que não expressam atos individuais, mas sim forças sociais alimentadas por relações assimétricas de poder” (MOREIRA, 2017, p. 137).

última pesquisa global³ coloca o Brasil como o país que mais mata pessoas trans no mundo, pelo décimo quarto ano consecutivo.

De acordo com outro levantamento feito pelo Grupo Gay da Bahia (GGB)⁴ o Estado de Alagoas é considerado o mais hostil a minorias sexuais e de gênero, sendo especificamente a cidade de Arapiraca/AL uma das mais violentas tendo o número de dois assassinatos por mês, esse índice ultrapassa a grande metrópole de São Paulo (SP) importante assinalar o ano 2022. Então é na esteira desse contexto nacional e estadual de LGBTfobia estrutural que surge a ideia de nos debruçarmos sobre o problema da violência contra população LGBTQIA+ no sertão de Alagoas, especificamente o município de Delmiro Gouveia. Principalmente, porque é nessa cidade que surgem os primeiros movimentos sociais no sertão de Alagoas em defesa dessa população, o que nos leva a pensar: como a cidade de Delmiro Gouveia (AL) se relaciona com a comunidade LGBTQIA+ ao longo do tempo? Existe alguma atuação das tecnologias disciplinares de poder nessa cidade que se volta aos os corpos LGBTQIA+? A existência de um grupo em prol dos direitos LGBTQIA+ no município indicaria uma necessidade ou reação social, coletiva e até institucionalizada a possível relação hostil dessa cidade à comunidade LGBTQIA+? Seria possível que a vivência das sexualidades e gêneros não-hegemônicos em Delmiro Gouveia (AL) ganhe novos arranjos a partir da institucionalização de um movimento social como o GLAD? Como se expressa a vivência da sexualidade e gênero e suas interseccionalidades em Delmiro Gouveia? Como se expressa suas relações de poder a partir do movimento GLAD?

É fundamentado nessas questões que nosso trabalho, temos como objetivo geral analisar em perspectiva histórica a vivência do sexo, sexualidade e gênero em Delmiro Gouveia (AL), suas relações de poder e práticas de resistência e enfrentamento a LGBTfobia a partir da formação histórica do primeiro movimento social institucionalizado LGBTQIA+ desta cidade, o GLAD.

E como objetivos específicos almejamos: (1) compreender em perspectiva histórica como se deu a formação do GLAD; (2) entender quais categorias de identificação e representação o GLAD toma como bandeira de luta e porquê; (3) estudar a atuação do GLAD,

³ Números absolutos TMM (2008 - setembro de 2022). Disponível em: <<https://transrespect.org/en/map/trans-murder-monitoring/>>. Acesso em: 13 jun. 2023.

⁴ Alagoas é um dos estados mais perigosos para a população LGBTQIAPN+. Disponível em: <<https://www.7segundos.com.br/maceio/noticias/2023/01/20/220427-alagoas-e-um-dos-estados-mais-perigosos-para-a-populacao-lgbtqiapn>>. Acesso em: 13 jun. 2023.

na resistência e enfrentamento da LGBTfobia; (4) analisar as relações de poder em nível do microcosmos cotidiano até as estruturas mais amplas sociais em relação a experiência de sexo, sexualidade e gênero em Delmiro Gouveia (AL) a partir da História do GLAD; (5) procurar entender os conflitos e disputas que possivelmente envolvam esse movimento em perspectiva interna e externa; (6) avaliar a atuação das estratégias disciplinares expressas em distintos discursos normativos da sexualidade na cidade; (7) executar entrevistas semiestruturadas associada a coleta de outras fontes.

Para alcançar tais objetivos decidimos definir uma abordagem nos termos da obra *O Campo da História: especialidades e abordagens* (2004) produzida pelo historiador brasileiro Prof. Dr. José D'Assunção Barros. Ao analisar a “Clio Despedaçada” (BARROS, 2004, p. 9) ele faz um exercício de estudo do campo da história em dimensões, domínios e abordagens. Esse terceiro pedaço do esquadramento de Clio, a abordagem, é conceituada pelo autor como: “[...] um 'modo de fazer a história' a partir dos materiais com que deve se trabalhar o historiador (determinadas fontes, determinados métodos, determinados campos de observação) [...]” (BARROS, 2004, p. 20). Assim, a abordagem se volta à relação com os tipos de fonte e os modos de tratamento das mesmas. Então os materiais disponíveis que o historiador deve usar, como uma diversidade de documentos inclusive a oralidade, são somados a um certo método e campo de observação.

Nesse contexto, é importante mencionar o conceito de fonte. O requerido pensador expõe a influência do que ele chama de “positivismo ingênuo do século XIX” (BARROS, 2004, p. 135) na definição de fonte. Nesse período havia uma centralização determinista na análise limitada a documentos escritos oficiais, justificada em uma suposta segurança e legitimidade, porém no século XX a historiografia superou essas concepções positivistas e metódicas. Então ocorreu uma ampliação no conceito de fonte, que não é consabida somente com os documentos institucionais, mas com todo e qualquer texto, material ou discurso que possa ser analisado pelo historiador e possibilite o contato do mesmo com seu objeto de estudo (BARROS, 2004), incluindo aí a fonte oral. À vista disso, escolhemos a História Oral como abordagem para essa pesquisa, opção que iremos discorrer na próxima seção.

1.1 Abordagem: História Oral (HO)

Conforme a historiadora e cientista política Profa. Dra. Lucilia de Almeida Neves Delgado:

A história oral é um procedimento metodológico que busca, pela construção de fontes e documentos, registrar, através de narrativas induzidas e estimuladas, testemunhos, versões e interpretações sobre a História em suas múltiplas dimensões: factuais, temporais, espaciais, conflituosas, consensuais (DELGADO, 2010, p. 15).

Nessa concepção, a História Oral nos permitiria acessar de forma mais direta a memória dos envolvidos, estudando suas diversas dimensões, factuais, cronológicas, geográficas, os conflitos e negociações mais capilares até os mais aparentes. Assim, a HO é importante, pois no contexto desse estudo, não escolhemos essa abordagem metodológica apenas pela necessidade de ampliar as fontes, levando em consideração a limitação dos documentos recolhidos (atas, registros fotográficos, matérias jornalísticas, panfletos, web links, documentos de frequência e planejamentos). Mas pela existência de lacunas tanto na historiografia local que ainda não tocou diretamente na História do GLAD como na constatação de que vivem os sujeitos que testemunharam os fatos envolvendo a mobilização da comunidade LGBTQIA+ desde o início do século XXI com a construção do GLAD.

Os historiadores Prof. Dr. José Carlos Sebe Meihy e a Profa. Dr. Fabíola Holanda Barbosa Fernandez prescrevem que: “[...] de modo geral é recomendável não pensar que a história oral serve exclusivamente para ‘tapar buracos documentais’. Pelo contrário, relevar o valor das narrações como forma de vê-las ‘em si’ é modo saudável de considerar a história oral [...]” (MEIHY; HOLANDA, 2013, p. 25). Dessa forma, a valoração da narrativa é colocada em pauta, e está em consonância com a ideia de que em nosso processo investigativo possamos também consultar a memória dos envolvidos na construção do GLAD, não só ampliando nossa envergadura de fontes através da oralidade, mas observando os sujeitos da pesquisa falando de ‘si’ e por ‘si’ mesmos, sem intermédio de interlocutores como mídia, polícia, igreja, partidos ou outros movimentos sociais.

Os sujeitos dessa pesquisa se distribuem numa atitude participativa, eles não são nossos objetos de estudo, mas suas memórias, seus letramentos simbólicos, conhecimentos, trajetórias de vida e experiências convergem em um saber próprio dos mesmos que vem contribuir na trajetória e construção deste trabalho.

A memória é central em nossa investigação, portanto, iremos lançar mão do importante trabalho para reflexão mnêmica, que são as assertivas do intelectual Michael Pollak (1992; 1989), conforme ele:

A priori, a memória parece ser um fenômeno individual, algo relativamente íntimo, próprio da pessoa. Mas Maurice Halbwachs, nos anos 20 - 30, já havia

sublinhado que a memória deve ser entendida também, ou sobretudo, como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes (POLLAK, 1992, p. 2).

Pollak assinala as contribuições do sociólogo francês Maurice Halbwachs para uma noção de memória resultante da construção coletiva e social, feita a partir de mecanismos como: a seleção minuciosa e excludente da memória segundo os critérios formados das insurgências de seu tempo, a formação de um conjunto de memórias que constrói um processo de identificação, um sentido de pertencimento e adesão afetiva e um caráter uniformizador (POLLAK, 1989; HALBWACHS, 2004).

A exemplo, a memória coletiva nacional, que ao integrar um feixe selecionado de elementos memoriais, constrói uma ideia uniforme de “nação”, “pátria amada”, “nossa terra” a base da exclusão, esquecimento e silenciamento de memórias, apontadas por Pollak (1989) como, memórias subterrâneas, aquelas que não foram selecionadas para construir essa identificação coletiva — a nação, — e portanto se localizam à margem, num não-lugar se reserva a ela o silenciamento, a exclusão, a invisibilidade, soterradas no esquecimento, seriam essas as minorias marginalizadas do qual a população LGBTQIA+ também se inclui. Compreendendo isso, Pollak arremata:

Ao privilegiar a análise dos excluídos, dos marginalizados e das minorias, a história oral ressaltou a importância de memórias subterrâneas que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opõem à "Memória oficial", no caso a memória nacional. Num primeiro momento, essa abordagem faz da empatia com os grupos dominados estudados uma regra metodológica e reabilita a periferia e a marginalidade (POLLAK, 1989, p. 4).

O autor nos expõe a sintonia metodológica entre o estudo das memórias subterrâneas e a HO. Isso se configura num arranjo metodológico importante para estudarmos a comunidade LGBTQIA+ em Delmiro Gouveia (AL). Outro elemento importante são os efeitos políticos da memória, ele afirma que: “uma vez rompido o tabu, uma vez que as memórias subterrâneas conseguem invadir o espaço público, reivindicações múltiplas e dificilmente previsíveis se acoplam a essa disputa da memória, no caso, as reivindicações das diferentes nacionalidades” (POLLAK, 1989, p. 4). A memória se movimenta em um campo de disputa de poder. Enquanto a memória oficial/nacional se estabelece para conseguirem uma integração e controle social, as memórias subterrâneas quando conseguem vir à tona são usadas estrategicamente nessa disputa política, para reivindicação dos direitos desses grupos historicamente marginalizados.

Como o pesquisador se coloca nesse campo da memória? O trabalho deve ser sempre

de ampliação das reflexões científicas, a partir do rigor metodológico, análises críticas consistentes e sensíveis. É trazer essas memórias subterrâneas para a pesquisa e estabelecer uma interpretação histórica possível a partir de um enquadramento da memória, segundo Pollak:

Se a análise do trabalho de enquadramento de seus agentes e seus traços materiais é uma chave para estudar, de cima para baixo, como as memórias coletivas são construídas, desconstruídas e reconstruídas, o procedimento inverso, aquele que, com os instrumentos da história oral, parte das memórias individuais, faz aparecerem os limites desse trabalho de enquadramento e, ao mesmo tempo, revela um trabalho psicológico do indivíduo que tende a controlar as feridas, as tensões e contradições entre a imagem oficial do passado e suas lembranças pessoais (POLLAK, 1989, p. 11).

O enquadramento da memória é o trabalho de delimitar fronteiras ou limites mnemônicos⁵. Então a HO é uma possibilidade de fazer esse enquadramento que consiga ter como alvo a análise de memórias que estão em subalternidade, que ainda não foram levadas em consideração nas reflexões da ciência histórica. Esse trabalho coopera para a ampliação dos estudos no campo da história dando atenção a novos recortes que podem ser desenterrados e pesquisados, como é o caso das vivências da comunidade LGBTQIA+ em Delmiro Gouveia (AL), especificamente suas movimentações políticas em torno da formação do GLAD, para isso acontecer precisaremos da História Oral que para Verena Alberti é o: “[...] método de pesquisa (histórica, antropológica, sociológica etc.) que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de ou testemunharam acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, forma de se aproximar do objeto de estudo. (ALBERTI, 2013, p. 24).

É importante também pensar nas limitações da HO nas críticas que se abatem sobre ela, em consonância com isso Alberti (2013) nos aponta algumas avaliações: em primeiro momento ela se refere ao questionamento da autenticidade do relato, esse tipo de indagação está ligada a obsoleta concepção positivista de “História Verdade”, a Escola Metódica se encarregou disso muito bem até o século XIX, porém o objetivo da HO não é estabelecer um relato factual ou verdadeiro sobre o passado, mas analisar as memórias, as construções do passado que aquele sujeito histórico faz, quais as suas intenções nisso, o efeitos de suas concepções mnêmicas e seus usos.

A HO também cruza essas memórias individuais com os contextos macro-históricos, então podemos observar semelhanças ou diferenças entre o micro e macro contextual. Seja pelo esquecimento proposital, seletivo, biológico ou pela aglutinação da memória, isso não se constitui em uma condição negativa pois o objetivo é analisar a memória, e inclusive investigar

⁵ É um conjunto de técnicas utilizadas para auxiliar o processo de memorização;

as possíveis razões desses fatores. Alberti entende que:

Trata-se de ampliar o conhecimento sobre acontecimentos e conjunturas do passado por meio do estudo aprofundado de experiências de visões particulares; de procurar compreender a sociedade através do indivíduo que nela viveu; de estabelecer relações entre o geral e o particular mediante a análise comparativa de diferentes testemunhos, e de tomar as formas como o passado é apreendido e interpretado por indivíduos e grupos como dado objetivo para compreender suas ações (ALBERT, 2013, p. 24).

Outras críticas apontadas por Verena Alberti (2003) foram a impostura e a adulteração da gravação, para qual a autora designa para que isso não ocorra exista um trabalho rigoroso de produção do documento oral, além disso esses problemas podem estar em qualquer fonte e é a atividade do historiador e seus pares que vão fazer o trabalho autocrítico da ciência em filtrar os excessos e incoerências. Outra crítica se dirige a subjetividade da HO, sobre isso a autora diz:

É sabido que jamais poderemos apreender o real, tal como ele é; apesar disso, insistimos em obter uma aproximação cada vez mais acurada dele, para aumentar qualitativa e quantitativamente nosso conhecimento. Este é o zelo científico, do qual a história também não escapa, mesmo que se discuta a propriedade de chamá-la de ciência. O trabalho do cientista, contudo, é também um ato de criação (ALBERT, 2013, p. 32).

Nesse sentido toda fonte é subjetiva, criada por seres humanos num contexto histórico específico, cabe ao historiador examinar com critérios conceituais, teóricos e metodologias para escapar de análises rasas e desonestas. Percebemos ao longo dessas considerações que é possível analisar a memória pela oralidade através da HO, principalmente porque essa metodologia nos coloca uma ampliação das possibilidades de fontes. A centralidade é da fonte oral, mas a HO não elimina o uso de outras fontes. Albert assevera que: “[...] o emprego da história oral significa voltar a atenção para as narrativas entrevistadas, isso não quer dizer que se possa eximir de consultar as fontes já existentes sobre o tema escolhido” (ALBERT, 2013, p. 38-39), por isso vamos ter um arsenal de fontes mais os documentos orais para conseguirmos um panorama rico de registros históricos a serem analisados.

Escolhemos como tipo de audiência a entrevista semi-estruturada, nesse modelo o roteiro predefinido não é uma camisa de forças e no decorrer da entrevista o interlocutor pode fazer questões que porventura sejam necessárias que não estejam oficialmente registradas no roteiro. E entrevistas temáticas que “são aquelas que versam prioritariamente sobre a participação do entrevistado no tema escolhido [...]” (ALBERTI, 2013, p. 48). Os entrevistados

serão selecionados segundo sua relação de participação na fundação do GLAD, se destacando como atores protagonistas do movimento.

Definimos o recorte temporal a partir da observação das fontes disponíveis. Os registros orais analisados expressam que um grupo de mulheres e homens gays, lésbicas, travestis e bissexuais já estavam se organizando desde muito antes, da oficialização jurídica do GLAD, é tanto que temos várias narrativas de tentativas para formação de um movimento social organizado em prol da diversidade de sexualidade e gênero em Delmiro Gouveia (AL). Através da leitura dos cartazes de divulgação das paradas da diversidade acontecidas no município identificamos a organização da I Parada da Diversidade Sexual de Delmiro Gouveia, datada em 27 de agosto de 2006, enquanto a II Parada do Alto Sertão Delmiro Gouveia em 18 de novembro de 2007, nessa segunda parada já existia o GLAD, porém ainda não tinha sido registrado juridicamente. Então para efeitos de determinação cronológica escolhemos como marco inicial o ano de 2008 onde o Grupo de Gays e Lésbicas de Delmiro Gouveia foi fundado juridicamente, a Ata da Assembleia de Fundação do Grupo de Gays e Lésbicas de Delmiro Gouveia está registrada na data do dia 29 de agosto de 2008, porém iremos nos debruçar sobre os contextos anteriores já mencionados que oportunizaram a estruturação completa inclusive burocrática do GLAD em 2008. Como marco final, escolhemos o ano de 2023, é quando ocorre a reativação do CNPJ da instituição, as fontes orais descrevem um período em que o movimento passou por uma inatividade que é rompida em 2023 a partir da ativação jurídica e com um processo de reconstrução do movimento LGBTQIA+ inerente ao GLAD e ao contexto municipal de forma geral.

1.1.2 Da coleta à análise de dados

A História Oral tem uma peculiaridade que é a natureza metodológica e procedimental. Nas assertivas de Barros:

Isso significa que ele [o historiador] irá produzir o essencial dos seus materiais de investigação e reflexão a partir da coleta de depoimentos, que depois deverá analisar com os métodos adequados. [...] A História Oral, enfim, remete a um dos caminhos metodológicos oferecidos pela História, e não a um enfoque, a um caminho teórico ou a um caminho temático (BARROS, 2004, p.132-133).

Dessa forma, entendemos que há necessidade de definir um caminho teórico para analisar os materiais coletados sejam eles orais ou outros tipos de registros. Para tanto,

decidimos tecer as análises das fontes, doravante, com inspiração nas ideias desenvolvidas pelo filósofo francês Michel Foucault (1926-1984).

Apesar de não ser historiador de formação, ele é conhecido pelas suas pesquisas no campo da História, estudando objetos como a loucura, poder, disciplina, biopolítica, discurso e o sexo/sexualidade, sendo uma importante referência no estudo da História da Sexualidade, o domínio dessa pesquisa.

A obra do referido intelectual, se aproxima da terceira geração da Escola dos *Annales*, que se desenvolve a partir de 1968 (BURKE, 1991) também chamada de Nova História. Desse autor podemos nos nutrir de suas análises sobre o poder (FOUCAULT, 1979; 1999; 2011). Para ele o poder é relacional:

O poder, acho eu, deve ser analisado como uma coisa que circula, ou melhor, como uma coisa que só funciona em cadeia. Jamais ele está localizado aqui ou ali, jamais está entre as mãos de alguns, jamais é apossado como uma riqueza ou um bem. O poder funciona. O poder se exerce em rede [...] em outras palavras, o poder transita pelos indivíduos, não se aplica a eles (FOUCAULT, 1999, p. 35).

Conforme lemos nessa citação, Foucault entende que, o poder se exerce em rede, assim não há como ter o poder. Ele não é uma coisa da qual possamos pegar, porém pode praticá-lo. Nesse contexto, ninguém é capturado absolutamente por uma relação de poder de dominação, pois em alguma medida, mesmo que desproporcional, os sujeitos atingidos pelas forças mais hegemônicas podem fazer pequenos movimentos estratégicos de resistência, e se estabelecer nesse jogo. O exercício do poder gera uma reação nomeada por Foucault como “efeito de poder” (FOUCAULT, 1999, p. 35).

Isto é, os desdobramentos desse exercício. Por exemplo, para ele, a formação do sujeito é consequência de uma variedade de relações de poder que o subjetiva, dessa forma o sujeito é um efeito do poder, uma relação produtiva de desfechos práticos, é uma série de clivagens, negociações, conflitos dentro do jogo de poder que vai estabelecendo os processos de identificação do sujeito (FOUCAULT, 1999).

Uma amostra disso é pensar que diante das disposições de forças hegemônicas, que historicamente formam um padrão de comportamentos, performatividades, discursos, edificações arquitetônicas, artísticas e culturais que definem a heterossexualidade como régua moral, religiosa, econômica e médica para o exercício geral da sexualidade, o efeito é a marginalização dos sujeitos que não se enquadrem nessa estrutura, e portanto, regem a esse

sistema, seja se integrando a ele tecendo formas mais privadas e capilares de negociação para sobrevivência a hostilidade dessa sociedade ou se afirmando a partir do lugar de marginalidade tomando para si identificações como LGBTQIA+ em perspectiva afirmativa de reivindicação de direitos fazendo uma defesa mais pública de sua sobrevivência, caracterizando um contra-efeito de poder.

Esse campo do jogo de poder caracterizado pelo filósofo se remete a diferentes formas de exercício do poder, mas a partir do século XVII e XVIII é que vai se integrar uma nova tecnologia de poder a disciplina. Foucault (2011) entende que em períodos mais pretéritos que esses séculos já existiam estratégias disciplinares, mas a forma como a disciplina vai funcionar a partir daí é bem peculiar. O poder disciplinar tem como alvo o corpo objetivando torná-lo mais dócil e útil, segundo ele são: “[...] métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade [...]” (FOUCAULT, 2011, p. 133).

Na passagem do período medieval para a modernidade percebe-se a formação de sociedades europeias burguesas, capitalistas de classe e em industrialização. Nesse contexto o ser humano muda sua relação com o trabalho, com a noção de tempo/produtividade, de consumo e uma série de fatores que vai urgir a necessidade de disciplinar os corpos, a partir não mais do suplício, dos castigos físicos, mas de uma tecnologia do poder que produzisse a eficiência desses corpos, essa é a disciplina (FOUCAULT, 2011).

Em seu livro *Vigiar e punir: nascimento da prisão (2011)* Foucault analisa a emergência dessa nova tecnologia do poder, e observa como a disciplina é exercida através da vigilância, os jogos de olhares, as técnicas de vigia em primeiro momento nas instituições disciplinares como o sistema carcerário, hospitalar e escolar e depois se capilarizando no corpo social e posteriormente para o Estado formando uma sociedade de controle disciplinar onde todos vigiam todos, os olhares se enraizaram no tecido societário, e diversas técnicas e táticas disciplinares são usadas para o domínio dos mesmos. Isso é visto quando observamos a atualidade e as diversas formas de vigilância que tem como alvo corpos de gêneros e sexualidades não-hegemônicas, uma operação do binômio vigiar/punir, principalmente torná-los dóceis, controláveis e produtivos. Claramente que Foucault pensa que o poder disciplinar não é total, pois os sujeitos sempre encontram formas em alguma medida de resistir a essas intempéries.

No século XVIII, com o surgimento da ciência estatística, o poder se debruça sobre um novo elemento: a vida da população. É aí que Foucault aponta o surgimento da Biopolítica, que nada mais é do que uma nova tecnologia do poder que tem como alvo a vida das pessoas. Para

o filósofo, o poder sobre a vida já existia antes, exercido no poder soberano de matar, por exemplo, no medievo todo um conjunto de castigos eram baseados nesse poder soberano: os suplícios, a espetacularização da violência, como um direito do soberano de tirar a vida de quem o rei quisesse, porém na sociedade moderna essas formas de exercício de poder sobre a vida passam por transformações. A biopolítica estabelece uma regulação da vida no tocante a promover condições de alargamento da vida para alguns grupos humanos selecionados e o deixar morrer para outros grupos humanos, essa é a relação fazer viver / deixar morrer (FOUCAULT, 1979).

Não significa que o direito de matar deixou de existir, mas ele perde protagonismo para tecnologia do biopoder que nesse contexto é mais competente para exercer o domínio regulatório da vida. Então, se na antiguidade e medievo uma moléstia generalizada poderia ser entendida como um castigo divino, na modernidade europeia esse mesmo fenômeno epidêmico era entendido através dos estudos estatísticos como caso de saúde pública e, portanto, demandava uma gestão administrativa da população, nesse exemplo, o cuidado é distribuído de forma desigual reservando para uns a morte prematura e para outros o escape dessa epidemia (FOUCAULT, 1979).

É nesse contexto que Foucault, vai indicar a formação de uma sociedade de governo. O filósofo indica:

Devemos compreender as coisas não em termos de substituição de uma sociedade de soberania por uma sociedade disciplinar e desta por outra sociedade de governo. Trata-se de um triângulo: soberania-disciplina-gestão governamental, que tem na população seu alvo principal e nos dispositivos de segurança seus mecanismos essenciais (FOUCAULT, 1979, p. 291).

É importante percebermos que na sentença de Foucault as tecnologias do poder (poder soberano, poder disciplinar, biopoder...) que se desenvolvem no decorrer do tempo não se anulam, pelo contrário elas não deixam de existir por conta do surgimento da outra, articulando-se entre si, se reposicionam, se combinam na formação de uma Sociedade de Governo, que funciona a partir da governamentalidade, que nada mais é que a gerência administrativa das populações através do acordo entre as múltiplas tecnologias de poder construídas no decorrer da história (FOUCAULT, 1979).

Uma sociedade que constitui-se de diversos dispositivos de poder, conforme destaca Foucault, o dispositivo de sexualidade que seleciona os corpos alvo de cuidado e alongamento da vida junto às teorias da degenerescência, o funcionamento do racismo pela biopolítica, onde o Estado moderno seleciona pelo crivo da racialidade os corpos que seriam alvo do deixar

morrer ou até o exercício atualizado do poder soberano de matar, através de dispositivos de segurança que fundamentam a construção de forças policiais que estão, pelo menos, tacitamente autorizadas a matar (FOUCAULT, 1999).

É nesse conglomerado de forças, dispositivos e tecnologias do poder que nosso objeto de estudo se situa, são as vivências de gênero e de sexualidade não-hegemônico no início do século XXI em Delmiro Gouveia (AL). Uma reflexão de como sexo, sexualidade e gênero se configuram nessa sociedade de governo brasileira, alagoana e principalmente delmireNSE. Os sujeitos envolvidos nessas categorias analíticas e geográficas, como o próprio filósofo francês marca, não são totalmente capturados e dominados pelo poder, tocamos então no conceito de resistência, conforme ele:

Absolutamente. Não coloco uma substância da resistência face a uma substância do poder. Digo simplesmente: a partir do momento em que há uma relação de poder, há uma possibilidade de resistência. Jamais somos aprisionados pelo poder: podemos sempre modificar sua dominação em condições determinadas e segundo uma estratégia precisa (FOUCAULT, 1979, p. 241).

Dessa forma, a resistência situa-se no campo da relação de poder, que são forças em oposição disputando, negociando e clivando-se. Assim onde existir uma relação de poder existirá algum sujeito resistindo através de estratégias mais capilares e cotidianas até organizações institucionais independentes, como é o caso da população LGBTQIA+ em Delmiro Gouveia (AL) no início do século XXI, que se organizou em torno do GLAD. Para tanto escolhemos estruturar esse trabalho nos seguintes capítulos. O segundo capítulo intitulado *Dispositivos historiográficos: sexo, sexualidade e gênero como objeto de estudo da História* propomos uma discussão sobre a historiografia do campo da História da Sexualidade, as influências de Foucault nessas produções e o estabelecimento desse campo dos estudos históricos no Brasil, finalizando com uma reflexão dos debates históricos do movimento LGBTQIA+ e sua formação. No capítulo três, intitulado GLAD: a formação histórica do Grupo de Gays e Lésbicas de Delmiro Gouveia (2008 – 2023) discorreremos sobre a construção histórica do GLAD, os contextos que possibilitaram sua formação e a análise das fontes que recolhemos.

2 DISPOSITIVOS HISTORIOGRÁFICOS: sexo, sexualidade e gênero como objeto de estudo da História

A História da Sexualidade e suas diversas linhas de pesquisa estão bem consolidadas como domínio do saber histórico. Uma publicação importante no Brasil sobre esse domínio historiográfico é o clássico artigo intitulado *História da sexualidade* (1997) da historiadora Profa. Dra. Magali Gouveia Engel. Nesse texto ela faz uma reflexão global sobre o estado do campo de investigação histórica da sexualidade. A autora descreveu, dentro das condições do séc. XX a concepção de duas possibilidades de sexualidade como objeto da ciência histórica, deixando evidente que esses caminhos são muito diversificados, Engel acentua que o

[...] primeiro caminho orienta-se no sentido de uma história dos discursos sobre o sexo, no qual Foucault representa um marco fundamental, questionando, entre outras coisas, o caráter puramente repressivo de tais discursos. O outro caminho aponta para uma história das vivências e do cotidiano da sexualidade, priorizando o estudo dos comportamentos reveladores dos variados usos do corpo (ENGEL, 1997, p. 431).

Essas possibilidades abrem caminho para uma série de estudos, principalmente para pesquisas de História das Mulheres e História dos Homossexuais que foram impulsionadas com a repercussão no meio acadêmico dos movimentos sociais feministas e LGBTQIA+ organizados e consolidados no século passado (ENGEL, 1997). Mesmo assim até 1997, ano de publicação do artigo, ainda havia poucos trabalhos sobre lesbianidade, esse dado mostra como dentro do campo da História havia e ainda há uma disputa, relações de poder que administram técnicas de apagamento, silenciamento e esquecimento principalmente para sujeitos que são margem da margem e intersessionalizam vulnerabilidades históricas, a exemplo, mulheres, mulheres negras, mulheres negras lésbicas ou mulheres negras lésbicas pobres (ENGEL, 1997; AKOTIRENE, 2019).

Uma importante referência citada por Engel (1997) como marco fundamental da História da Sexualidade é o filósofo Michel Foucault. Embora não fosse historiador de formação, ele foi influenciado e exerceu influência na terceira geração da *A Escola dos Annales* (BURKE, 1991). Para posicionarmos Foucault na historiografia precisamos recuar um pouco no tempo para o séc. XIX, onde a História enquanto ciência surge a partir das influências do modelo da teoria positivista na França, sendo representada pela conhecida *Escola Metódica*. No início do séc. XX os metódicos já eram tidos como um grupo afinado, nesse mesmo século, surge uma oposição crítica às concepções históricas positivistas vigentes, formando-se um novo movimento historiográfico francês que mudaria os rumos da teoria da História, o conhecemos como *Escola dos Annales* que se desenvolveu a partir da fundação da revista acadêmica *Annales d'histoire économique et sociale* que circulou entre os anos de 1929 a 1989 (BURKE, 1991).

O movimento dos *Annales* contribuiu com aspectos plurais da teoria da História, entre eles podemos citar: primeiro o conceito da História enquanto estudo dos seres humanos no tempo em oposição a ideia metódica de História como ciência do passado, afinal segundo Bloch, um dos fundadores dos *Annales* o passado não pode ser objeto de estudo científico, segundo a ampliação do conceito de fonte histórica que pode ser qualquer coisa que nos coloque em contato com o seu objeto de estudo, diferente da perspectiva positivista que só considerava a análise de documentos oficiais, terceiro o entendimento de uma História problema e por fim, além das inúmeras mudanças ocorre uma diversificação de objetos de estudo da História (BLOCH, 2001). Essa diversidade de objetos de estudo historiográfico se acentua a partir de 1968 com a terceira geração dos *Annales* (BURKE, 1991).

O historiador Prof. Dr. Durval Muniz de Albuquerque Júnior, ressalta uma extraordinária gama de intelectuais para historiografia nesse período, nas assertivas dele, a

[...] chamada Nova História, que normalmente é identificada com a terceira geração da *Escola dos Annales*, a historiografia influenciada pelos chamados filósofos pós-estruturalistas, entre eles, Michel Foucault ou a historiografia de base hermenêutica sob a influência de autores como Paul Ricoeur e Michel de Certeau, ao darem primazia à análise das atividades descritas como culturais ou mais ligadas ao campo das práticas simbólicas, das mentalidades, do imaginário ou dos discursos, também irão contribuir para que a dimensão inventiva humana e da própria historiografia fosse ressaltada (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007, p. 21).

Dentre todos esses filósofos, Foucault ganha destaque para nosso trabalho, pois em sintonia com a *Escola dos Annales* ele pensa a historicidade de coisas que não tinham sido pensadas antes, como a loucura, disciplina, biopolítica, discurso e principalmente o sexo/sexualidade. além de ser um filósofo que vai ao arquivo consulta inúmeras qualidades de fontes e acessa de forma interdisciplinar a obra de vários autores sobre os objetos estudados (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007). Sendo assim, o intelectual em questão, se configura como uma importante referência no saber histórico de forma geral e principalmente no estudo da História da Sexualidade.

2.1 As contribuições de Michel Foucault para História das Sexualidades

O historiador Georges Duby (1992), entendeu as mudanças nos costumes que rompiam com os resquícios da atitude de pudor advinda do séc. XIX, deram condições para os avanços

do estudo da sexualidade em perspectiva histórica⁶ que estamos observando, do qual Foucault faz parte. No ano de 1976 pela Éditions Gallimard começa a publicação da coletânea de livros sobre História da Sexualidade escrita pelo autor (FOUCAULT, 1988; FOUCAULT, 2006; FOUCAULT, 2007) este é um trabalho central para o requerido domínio historiográfico. Segundo Engel,

A tese central da sua obra sobre a história da sexualidade, infelizmente inacabada, é construída em torno do questionamento da ‘hipótese repressiva’, segundo a qual o século XVII teria representado o marco inicial ‘de uma época de repressão própria das sociedades chamadas burguesas, e da qual talvez ainda não estivéssemos completamente liberados. Denominar o sexo seria, a partir desse momento, mais difícil e custoso’. Contra tal concepção Foucault sublinha a emergência de uma “verdadeira explosão discursiva” sobre o sexo nos últimos três séculos [...] (ENGEL, 1997, p. 435)

A Professora Dra. Engel define alguns pontos centrais na obra. O livro *História da Sexualidade I: a vontade de saber* (1988) é um livro onde localiza-se a crítica à hipótese repressiva. Foucault (1988), traça um contexto histórico geral do séc. XVII amalgamado por uma hipótese de repressão do sexo gestadas pelas “próprias das sociedades ditas burguesas” (FOUCAULT, 1988, p. 21) do qual ainda circulasse até a contemporaneidade de sua publicação. A dominação do sexo/sexualidade no plano real teria que primeiramente passar pela linguagem, exercer sobre ele um controle discursivo, uma espécie de mutismo, uma imposição do silêncio ou censura total que fundamenta o pudor moderno (FOUCAULT, 1988).

Nesse sentido, Foucault (1988) não nega essa repressão, silenciamento ou mutismo moderno sobre o sexo, mas ele entende que essa hipótese da repressão não é total, e vai analisar os documentos para percebermos como há contradições nas sociedades modernas burguesas que num espaço público e nos documentos se reveste de puritanismo, mas no chão do cotidiano onde as relações são mais viscerais instintivas e menos idealizadas, aí o sexo estaria solto e não dominado.

A chamada “explosão discursiva” (FOUCAULT, 1988, p.21) sobre o sexo acontece nesse mesmo período, nos séculos XVII, XVIII e XIX, Foucault defende que há uma fermentação discursiva em torno e a propósito do sexo. Dessa forma o autor nos mostra que não houve um silenciamento total, mas a definição de fronteiras do vocabulário autorizado o que o autor chama de 'política dos enunciados' uma espécie de controle sobre a forma de falar do sexo, estabelecendo lugares de silenciamentos que podem não ser absolutos ou regiões

⁶ Dentre os vários trabalhos além de Foucault temos DUBY, 1992; ARIÈS & BÉJIN, 1982.

discursivas de descrição sobre o mesmo (FOUCAULT, 1988).

Sendo assim, o exercício do poder através da repressão, não só violenta e silencia o sexo, mas produz uma forma desejável e aceitável de falar sobre ele e de vive-lo. O efeito disso é a consolidação no séc. XIX de uma *scientia sexualis* (FOUCAULT, 1988, p. 51) que tem por objetivo “[...] produzir discursos verdadeiros sobre o sexo, e isto tentando ajustar, não sem dificuldade, o antigo procedimento da confissão às regras do discurso científico.” (FOUCAULT, 1988, p. 66). Assim, nos lembra Foucault,

Muito mais do que um mecanismo negativo de exclusão ou de rejeição, trata-se da colocação em funcionamento de uma rede sutil de discursos, saberes, prazeres e poderes; não se trata de um movimento obstinado em afastar o sexo selvagem para alguma região obscura e inacessível, mas, pelo contrário, de processos que o disseminam na superfície das coisas e dos corpos, que o excitam, manifestam-no, fazem-no falar, implantam-no no real e lhe ordenam dizer a verdade [...] (FOUCAULT, 1988, p. 70-71)

Essa rede de elementos heterogêneos (de discursos, saberes e prazeres, entre outros...) que se articulam para produzir controle do sexo se configura, segundo ele, em um dispositivo de sexualidade. O que está em disputa não é a extinção completa do sexo, mas seu controle, sua administração, e a emergência de uma nova tecnologia de saber-poder a biopolítica, conforme as assertivas do autor,

[...] trata-se de um conjunto de processos como a proporção dos nascimentos e dos óbitos, a taxa de reprodução, a fecundidade de urna população, etc. São esses processos de natalidade, de mortalidade, de longevidade que, justamente na segunda metade do século XVIII, juntamente com uma porção de problemas econômicos e políticos (os quais não retorno agora), constituíram, acho eu, os primeiros objetos de saber e os primeiros alvos de controle dessa biopolítica (FOUCAULT, 1999, p. 289-290).

Nesse sentido, os dispositivos de sexualidade a partir do biopoder, administrar a população, dirigindo cuidado e alongamento da vida para padrões de corpos hegemônicos e o deixar morrer para os que não se enquadrem nesses aspectos (FOUCAULT, 1999). Nesse período são produzidos a “[...] histerização do corpo da mulher, a pedagogização do sexo da criança, a socialização das condutas de procriação e a psiquiatrização do prazer perverso. Tais estratégias revelariam a própria produção histórica da sexualidade” (ENGEL, 1997, p. 437).

A partir daí, as sexualidades dissidentes são enquadradas como prazer perverso e doentio, sofrendo um processo de racionalização e enquadrada no saber psiquiátrico, para que pudesse ter o controle disciplinar desses corpos dissidentes, exemplo disso são as ideias de

degenerescência onde eram alvo os corpos de negros, mulheres, pessoas com deficiência, prostitutas e também sujeitos de sexualidade e gênero não hegemônicos (FOUCAULT, 1999).

Além das considerações teóricas e historiográficas de Foucault tecidas até esse momento, não podemos nos furtar de apresentar algumas críticas a seu trabalho sobre a História da Sexualidade. O historiador francês Roger Chartier (1988) apresenta uma crítica usada principalmente por historiadores: a defesa da ideia de realidade, em que as análises de Foucault supostamente não contemplariam. Observamos que Chartier e o professor Antoine Griset corroboram com a perspectiva de Foucault em que o sexo/sexualidade,

[...] está muito para além de um simples materialismo, colocando o sexo ‘do lado do real’ e a sexualidade ‘do lado das ideias confusas e das ilusões’. Trata-se de uma análise estratégica da realidade, que se inscreve na viragem espetacular, característica, para Foucault, das sociedades modernas, dos objetivos do poder [...] (GRISSET, 1984, p. 62)

Um segundo ponto criticado é a resistência de Foucault de privilegiar a repressão como fator central para o estudo da História da Sexualidade, segundo a filósofa Marilena Chauí: “a ideia central de Foucault é que a liberação sexual, se for possível, não passa pela crítica da repressão sexual, mas pelo abandono do discurso da sexualidade e do objeto sexo e pela descoberta de uma nova relação com o corpo e com o prazer” (CHAUÍ, 1984, p. 182) nessa mesma reflexão ela aponta que o filósofo lança luz sobre a discussão acerca da repressão sexual, em contra partida, possivelmente não acolheria sua solução (CHAUÍ, 1984). Talvez possamos contar mais uma vez com a historiadora Magali. Engel, que considera,

De qualquer forma, talvez seja conveniente relativizar o pessimismo, tão freqüentemente atribuído a Foucault, já que suas reflexões acerca da sexualidade podem, de fato, contribuir no sentido de se questionar, não num futuro remoto, mas no presente vivenciado, a relação poder/saber/prazer da qual, apesar da revolução dos anos 60, ainda estamos bastante impregnados” (ENGEL, 1997, p. 439-440).

Então a partir dessas discussões sobre o requerido pensador e das contribuições e polêmicas críticas feitas a ele que podemos identificar sua importância para esse campo de investigação e prosseguirmos em outra questão: mas e no Brasil? Como se sucedem as reflexões historiográficas sobre o domínio da sexualidade? Como ocorreu a construção de um movimento LGBTQIA+? E qual a sua relação com as produções historiográficas? É sobre esse ponto que nós iremos nos debruçar na próxima seção.

2.2 Historiografia da sexualidade no Brasil

Em conformidade com as assertivas de Engel (1997) observamos que os movimentos sociais organizados e estruturados no mundo a partir do fim da década de 1960 e início da década de 1970 tiveram grande projeção na academia gerando o interesse de produções científicas acerca da História da sexualidade e gênero, destacando-se principalmente os movimentos feminista e homossexual.

Esse desenho mundial de mobilizações sociais foi interrompido no Brasil pela Ditadura Civil Militar (1964 - 1985) que tecia um contexto autoritário chamando a atenção de partidos e organizações clandestinas ou não para o combate do regime ditatorial (GREEN; QUINALHA; FERNANDES; CAETANO, 2018). Portanto, com o processo de redemocratização paulatina ainda com algumas continuidades do período da ditadura civil militar, ocorrido na década de 1980 é marcado pela reconstrução de alguns movimentos sociais, a exemplo do movimento homossexual que surgiu em torno desses anos no Brasil (GREEN; QUINALHA; FERNANDES; CAETANO, 2018).

Concomitantemente nessa mesma década de 1980 é um marco para o crescimento do interesse de historiadores sobre temas relacionados ao corpo, sexo, desejo e o amor (ENGEL, 1997). Era essa uma influência da Nova História, assim como das ideias de Foucault. Motivados a fazer abordagens mais adequadas ao contexto da sociedade brasileira, os autores descreveram análises bem próprias a partir da influência francesa entre outras (ENGEL, 1997).

É importante citar também a presença influente de Gilberto Freyre (1900 - 1987) para esse campo. Os primeiros trabalhos da historiografia brasileira que se ocuparam com temas como “[...] comportamentos sexuais, padrões normalizadores da sociedade, a prostituição, o ‘homossexualismo’ [...]” (ENGEL, 1997, p. 446) tiveram influência e inspiração o trabalho de Gilberto Freyre que em suas obras *Casa grande e senzala* (1973) e *Sobrados e mocambos* (1981) onde podemos identificar análises sobre as experiências sexuais e afetivas vividas durante o período colonial até o séc. XIX (ENGEL, 1997).

O estudo da Profa. Dra. Magali Gouveia Engel (1997) não exime Freyre das críticas, mais que justas, sobre sua perspectiva muitas vezes pautadas em impressões “[...] preconceituosa e excessivamente generalizante [...]” (ENGEL, 1997, p. 446), porém também considera sua contribuição junto a Sérgio Buarque de Holanda para o campo da História das Mentalidades e da História Cultural, em suas “análises pioneiras, privilegiando fatos mentais e/ou culturais num esforço de compreender as continuidades e descontinuidades da história do Brasil.” (ENGEL, 1997, p. 447)

A História da família também foi uma influência para o campo de investigação da sexualidade, assim Engel destaca a publicação da *Revista Brasileira de História* (vol. 9, nº 17, set. 1988/fev. 1989) que reúne trabalhos sobre a temática família e grupos de convívio organizada pela historiadora Dra. Eni de Mesquita Samara. No Brasil a História da Sexualidade também contou com uma obra que reúne trabalhos com várias abordagens nesse domínio. O livro organizado Ronaldo Vainfas, em 1986, intitulado *História e Sexualidade no Brasil*, compreende dois eixos de análise: o primeiro eixo de pesquisa da sexualidade pela História aborda o recorte colonial e o segundo eixo se concentra da formação de uma nova ordem social no Brasil depois do período colonial compreendendo o fim do séc. XIX ao início do séc. XX (ENGEL, 1997)⁷.

Dadas as reflexões até aqui, podemos concluir que o contexto das produções historiográficas sobre a sexualidade e gênero no Brasil tem como plano de fundo uma efervescência dos movimentos sociais principalmente feminista e homossexual, sobre esse dado acreditamos que é importante citarmos um pouco dessa trajetória inicial e como que ela se projeta na ciência histórica.

2.2.1 Movimento LGBTQIA+ e seus debates históricos

No ano de 2018, o Movimento LGBTQIA+ brasileiro completava 40 anos de existência desde a criação do primeiro grupo institucionalizado de luta pelos direitos das homossexualidades⁸, no ano de 1978. Nesse momento uma equipe interdisciplinar se debruçou sobre a trajetória desse movimento social. Um livro organizado pelos historiadores James N. Green, Marcio Caetano, Marisa Fernandes e pelo cientista social Renan Quinalha, intitulado *História do Movimento LGBT no Brasil* (2018), a publicação revisava historicamente os 40 anos de movimento: temas, abordagens, momentos centrais, atuação política, grupos pioneiros e as diversidades de perspectiva do movimento LGBTQIA+ foram alguns dos objetivos dessa obra.

Os organizadores assinalam que no fim da década de 1970 e início da década de 1980

⁷ A autora Magali Gouveia Engel toma nota de vários trabalhos historiográficos do fim da década de 1980 e início da década de 1990 que tem como sujeitos históricos homossexuais e mulheres, são eles: CHALHOUB, 1981; SOIHET, 1989; ESTEVES, 1989; RAGO, 1985; ENGEL, 1989 e SOARES, 1992.

⁸ O cientista social Renan Honório Quinalha (2017) em sua tese de doutorado na área de relações internacionais toma nota de que o termo “homossexualidades”(QUINALHA, 2017, p. 15) era usado até o início da década de 1990 para designar uma diversidade de subjetividades dissidentes, a exemplo das travestilidades e transgeneridades que eram compreendidas neste termo mais genérico até mesmo pelas travestis por isso utilizaremos também a expressão “homossexualidades” que se coloca no plural para abarcar todas essas especificidades das identificações desse período até que não repercuta anacrônico o uso do termo LGBTQIA+ (QUINALHA, 2017).

tem como marca a crescente formação de movimentos sociais que lutavam por visibilidade e cidadania (GREEN; QUINALHA; FERNANDES; CAETANO, 2018). Segundo o historiador James N. Green (2018): “[...] esses movimentos sociais tem uma atuação fundamental para a transição do processo de redemocratização, lutam por ‘liberdade pública, por participação política, por justiça social e pelo reconhecimento de suas identidades particulares’[...]” (GREEN; QUINALHA; FERNANDES; CAETANO, p.10). De acordo com os organizadores, esse contexto de libertação das lutas só ocorre nesse momento histórico por conta da atuação da Ditadura Civil Militar (1964-1985) que tinha reprimido no Brasil os movimentos de contracultura ou 'juvenil rebelde' que se desenhavam no mundo e na América Latina. Essa repressão iniciada na década de 1960 teria atrasado a organização de um movimento de luta pela diversidade para os altos de maio de 1978 quando ocorreu a primeira reunião do *SOMOS - Grupo de Afirmação Homossexual* reconhecido como marco histórico da luta organizada dos atualmente reconhecidos Movimentos LGBTQIA+ (GREEN; QUINALHA; FERNANDES; CAETANO, 2018).

Na Ditadura Civil Militar a partir de 1964 a pauta de costumes e questões comportamentais passam a ser um objetivo do Estado, principalmente após 1968 (GREEN; QUINALHA; FERNANDES; CAETANO, 2018). Por exemplo, a repressão a sexualidade fazia parte do regime, pesava sobre a diversidade uma sanção moral higienista onde o Estado se responsabilizava de vigiar e punir os desvios do padrão da família nuclear, monogâmica, patriarcal e heterossexual, entendida como régua moral, o desejável, socialmente limpa e adequada (GREEN; QUINALHA; FERNANDES; CAETANO, 2018; FOUCAULT, 1979 e FOUCAULT, 1988).

Green (2018) demarca o funcionamento de um sistema disciplinar pelo Estado a partir do qual se articula a docilidade e utilidade dos corpos, tem como efeito a formação de subjetividades baseadas nesses ideais comportamentais. Ainda nas assertivas de Green (2018), apesar dessa conjuntura a repressão não é total, os sujeitos de forma individual ou coletiva se organizam aplicando táticas para viverem suas sexualidades e formarem suas subjetividades resistindo ao regime autoritário, então, “[...] boates, bares, espaços de pegação e sociabilidade entre homossexuais masculinos, lésbicas e pessoas trans cresciam e conviviam com a repressão do Estado nos lugares públicos [...]” (GREEN; QUINALHA; FERNANDES; CAETANO, 2018, p.10), em clandestinidade.

No regime ditatorial ocorreu um crescimento exacerbado dos grandes centros urbanos e da classe média depois do ‘Milagre Econômico’, que oportunizou novas vivências para homossexuais principalmente, essas mudanças passavam justamente com os espaços de

sociabilidade, que nitidamente eram formas de resistência antes mesmo de haver um movimento institucionalizado (GREEN; QUINALHA; FERNANDES; CAETANO, 2018).

O Prof. Dr. Green nos alerta inclusive que mesmo antes do *SOMOS* (1978) já existiu outras tentativas de associativismo, meios de comunicação e ações políticas para pessoas fora das normas padrões do sistema sexo-gênero, ele considera inclusive que a própria existência pública de corpos LGBTQIA+ é um ato político, nesse sentido observamos esses elementos anteriores a institucionalização dos atuais Movimentos LGBTQIA+ são importantes para formação de novas subjetividades e construção de condições de formas de ser e estar no mundo a partir de seu contexto histórico dando subsídios para que na virada para década de 1980 houvesse a construção de um movimento homossexual socialmente reconhecido e organizado.

É importante observar as considerações que o cientista social Renan Quinalha teceu em sua tese de doutorado na área das relações internacionais intitulada *Contra a moral e os bons costumes: a política sexual da ditadura brasileira 1964-1988* (2017) que resultaram no artigo *Uma ditadura hetero-militar: notas sobre a política sexual do regime autoritário brasileiro* (2018) publicado na coletânea *História do Movimento LGBT no Brasil* (2018). O trabalho de Quinalha ressalta as dificuldades de estudar as homossexualidades no regime militar brasileiro, e ressalta como a *Comissão Nacional da Verdade* (CNV) tem uma contribuição para estabelecer um pouco de iluminação sobre o tema, mas também suas ações excludentes.

No campo das exceções temos algumas contribuições da CNV, Quinalha cita: o pioneirismo da Comissão da Verdade de São Paulo que promoveu a primeira audiência pública da comissão da verdade exclusiva sobre a Homossexualidade e ditadura militar, ocorrida em 26 de novembro de 2013; audiência pública denominada de *Homossexualidades e a ditadura no Brasil* foi promovida pela *Comissão Nacional da Verdade* (CNV) em parceria com a *Comissão da Verdade do Estado de São Paulo "Rubens Paiva"* em 29 de março de 2014; a *Comissão da Verdade do Rio de Janeiro* decidiu escrever um capítulo denominado *Homossexualidades, repressão e resistência durante a ditadura* elaborado pelos pesquisadores James N. Green e Renan Quinalha para discutir questões relativas ao território fluminense; O relatório final da CNV conta com um capítulo específico para isso, na seção de *Textos Temáticos do Livro II*, intitulado *Ditadura e homossexualidades* (2014), escrita sob a supervisão do comissionado Paulo Sérgio Pinheiro e dos pesquisadores James N. Green e Renan Quinalha. (QUINALHA, 2017).

Em contra partida o autor ressalta alguns traços do apagamento da memória das homossexualidade na ditadura miliar: primeiro a invisibilidade dentro da academia e do setor de intelectuais; em segundo lugar, o silenciamento dos interlocutores da memória da ditadura,

assinalando que alguns deles atualmente já se reposicionaram em relação a isso; em terceiro lugar as resistências LGBTfóbicas sobre o tema na CNV que de forma estrutural em sua esmagadora maioria não constituiu grupos de trabalho temáticos LGBTQIA+ e no fim do processo estabeleceu de última hora um prazo curto para produzir um balanço sobre o tema (QUINALHA, 2017).

Haja vista todo esse contexto Renan Quinalha descreve suas ideias sobre o período ditatorial no Brasil e assevera o entrecruzamento da reflexão sobre “[...] regimes autoritários e regulação das sexualidades [...]” (QUINALHA, 2018, p. 20), uma clara inspiração foucaultiana que expressa a ideia de regulação, quando ocorre na modernidade a construção de saberes e tecnologias do poder como a disciplina, biopolítica e governamentalidade que buscam a administração/regulação dos corpos, subjetividades e da sociedade num ato disciplinar administrativo, onde a repressão faz parte dele mas não é total e constata-se movimentos de resistência mesmo diante de contextos hostis (FOUCAULT, 1979).

Então na historiografia sobre a ditadura existe uma centralização no estudo da atuação repressora do Estado contra agentes políticos, sejam parlamentares ou resistência armada. Alguns autores defendem que havia uma repressão que convivia ou tolerava minimamente as dissidências sexuais⁹ (GREEN; QUINALHA; FERNANDES; CAETANO, 2018).

As fontes mais recentes têm mostrado como essa hipótese de que a Ditadura Civil Militar brasileira não foi dura com as questões de costumes, gênero e sexualidade dissidentes é mentirosa (QUINALHA, 2018). Renan Quinalha entende a necessidade de produzir uma bibliografia específica que considere a “[...]dimensão sexo-gênero na elaboração das tecnologias repressivas e dos dispositivos disciplinares voltados aos setores considerados moralmente indesejáveis [...]” (QUINALHA, 2018, p. 21). Nesse sentido, o Estado autoritário na ditadura se torna uma estrutura central para irradiação de discursos e regulações em relação à sexualidade. Dessa forma, “[...] ajudando a definir as condutas classificadas como inaceitáveis” (QUINALHA, 2018, p. 21).

Conforme o autor, padrões de moralidade pública, não se envolveram na política pela primeira vez nesse período repressivo, esse processo remonta a formação do Estado brasileiro e diversos discursos (religioso, legal, médico, criminológico...) se relacionam resultando num modo de produzir regulação específica sobre as sexualidades e gêneros dissidentes específicos

⁹ Essas perspectivas podem ser identificadas nos seguintes trabalhos: RIBEIRO, 2005 e GOLDBERG, 1987.

em cada período histórico, um exemplo disso são os dispositivos legais que criminalizam a homossexualidade no período imperial, segundo ele,

No Brasil, desde o Código Criminal do Império, de 1830, a prática homossexual não se encontra expressamente criminalizada para civis. Sem embargo, diversos outros dispositivos legais e contravencionais, tais como ‘ato obsceno em lugar público’, ‘vadiagem’ ou violação à ‘moral e aos bons costumes’, foram intensamente mobilizados para perseguir as sexualidades desviantes (QUINALHA, 2018, p. 22).

No caso da Ditadura Militar a doutrina de segurança nacional elegeu como inimigos internos os dissidentes ‘degenerados’ sexualmente e gênero dissidente, junto aos dispositivos morais que observam as homossexualidades como fator de degeneração e corrupção da juventude (QUINALHA, 2018). Esse maquinário repressivo não pode ser entendido somente em seu aspecto negativo, o próprio Foucault (1988) critica que o poder no campo da sexualidade é mais considerado pela sua relação negativa, proibitiva e repressiva de controle sexual, o filósofo argumenta que repressão e proibição não pode ser a única forma de conceber as relações de poder no campo da sexualidade, essas relações no campo da sexualidade também passam por um aspecto positivo e produtivo. Quinalha (2018) argumenta que, exemplo disso seria entender não só as repressões, mas como a ditadura produziu uma régua ideal de sexualidade aceitável e positiva para o Brasil.

Nessa dinâmica, sexualidades/gêneros dissidentes dentre outras categorias eram vistas como ameaça à ordem moral do regime que se valia de uma espécie de ideologia de segurança nacional a qual Comblin (1978) entende ser um traço das ditaduras latino-americanas. A repressão às homossexualidades tinha apoio de setores civis que ajudaram a embasar a ideologia do regime, a partir da moralidade conservadora e demais elementos, a exemplo, as marchas da família com Deus pela liberdade desde 1964 (QUINALHA, 2018).

Dessa forma a ditadura militar com apoio da com a estrutura estatal e de setores civis articulou uma diversidade de dispositivos repressivos com pretensão de ser um regime de ‘utopia autoritária’ que almeja o controle e regulação total do corpo social eliminando qualquer elemento dissidente (D’ARAÚJO, M. C. et al. 1994). Nesse sentido, Quinalha defende que o estudo do controle moral enquanto aspecto central na ditadura brasileira precisa vir acompanhado da análise de suas estruturas repressivas, nesse caso, considerando também suas relações de poder repressivas e produtivas como outrora argumentado.

Então sobre essas estruturas repressivas, o Estado se configurava principalmente nos primeiros anos da ditadura até 1968, com uma rede de repressão diversa e difusa, neste momento não havia uma centralização acentuada em um ou mais órgãos de repressão (QUINALHA, 2018). Segundo Carlo Fico (2004) esse contexto muda no fim da década de 1960 a ideia da ‘utopia autoritária’ dominou algumas instâncias de poder estatal e o setor linha dura do exército tinha suas expressões autoritárias acatadas por medo ou concordância. Em consonância com Carlos Fico, Quinalha (2018) entende que essas articulações deram sustentação ao regime e permitiram que setores mais radicalizados do exército tomassem cada vez mais a centralidade do exercício repressor.

Na tese de Renan Quintalha (2018), o regime se caracterizava por ser uma ditadura hetero-militar, um processo onde a moralidade conservadora já existente na sociedade brasileira em foro privado ou limitado a alguns grupos que tinham certa influência na sociedade acabaram por se introduzir no Estado e se tornar políticas públicas que agenciava e produzia subjetividades. Esse sofisticado processo oficializou uma política sexual que tinha como objetivo o controle das ditas "[...] ‘perversões’ ou ‘desvios’, tais como o erotismo, a pornografia, as homossexualidades e as transgressividades" (QUINALHA, 2018, p. 31).

Então, é natural que o período de transição democrática tenha sido cercado de rupturas, mas principalmente de continuidades do regime anterior é tanto que essa passagem histórica foi marcada pela impunidade dos agentes repressores e isso teve como efeito a manutenção da violência contra a comunidade atualmente reconhecida como LGBTQIA+ (QUINALHA, 2018). Nesse contexto, a abertura democrática foi definida como um momento de insurgência de movimentos sociais. Se outrora o objetivo da ditadura era manter o controle ou eliminar corpos que reivindicaram politicamente sua cidadania ou subjetividades (QUINALHA, 2018) agora essas pautas vinham se fortalecendo e vários setores da sociedade se organizando inclusive institucionalmente.

Outra continuidade do regime autoritário foi a moralização da sociedade que definia uma visão inclusive da esquerda ortodoxa, que não acompanhava a nova crítica e postura da juventude. Pela liberdade e contra determinadas relações de poder e efeitos de autoritarismo (MACRAE, 2018). No campo das oposições a ideia de unidade bem forte nos anos de repressão, perdia força, e se tornava cada vez mais difícil com o surgimento de novos movimentos e divisões dentro do marxismo a exemplo dos movimentos de mulheres e negros (MACRAE, 2018).

As transformações da década de 1970, como por exemplo, a flexibilização da censura entre outras mudanças, oportunizaram uma reorganização e o surgimento em pauta de velhas demandas desses grupos de negros, mulheres e homossexuais. Pautas anteriormente vistas como secundárias dentro do campo das oposições, nesse momento reformuladas e reorganizadas. Nas lutas pelas sexualidades/gênero dissidentes temos como marco a criação do Jornal focado nas homossexualidades chamado *Lampião da Esquina* em abril de 1978, com menos de um ano em 1979 o periódico já sofria com a perseguição (MACRAE, 2018). Não havia nenhuma lei que impedisse diretamente a existência das publicações do *Lampião*, porém acusaram a redação de “[...] violar a legislação da imprensa e de ir contra a ‘moral e os bons costumes’” (MACRAE, 2018, p. 43) um resquício bem acentuado dos dispositivos de controle moral de uma sociedade conservadora forjada nos meandros de uma agonizante ditadura.

O ano de 1978 compreendia o seguinte contexto: a constituição do *Movimento Negro Unificado* (MNU), o crescimento do Movimento Feminista e o surgimento de grupos de luta pelas homossexualidades pelo Brasil, em que se destaca o primeiro que veio a se denominar somente em fevereiro de 1979 como *SOMOS - Grupo de Afirmação Homossexual* (MACRAE, 2018). Então na década de 1980 houve uma série de discussões acerca da organização e composição do movimento homossexual, apesar das discordâncias e polêmicas um ponto de convergência desses grupos, era a aversão a qualquer forma de autoritarismo, a autonomia desse movimento em relação aos partidos políticos, o apoio ao movimento feminista, e a identidade sexual afetiva sem a dicotomia passivo/ativo ou dominado/dominador (MACRAE, 2018).

Havia muitas disputas dentro do campo das nomenclaturas, esse movimento discutia a melhor forma que poderia ser chamado, nessa seara, desde a década de 1960 a comunidade de homossexualidades construiu espaços de sociabilidades e nos chamados guetos homossexuais se construiu toda uma discursividade sobre eles mesmos (MACRAE, 2018). Eles formulavam novas nomenclaturas, em lugar de bichas e sapatonas, entendidos e não entendidos, com o objetivo de não serem termos pejorativos. No fim da década de 1960 essas reformulações acontecem em contexto urbano, aliando homossexuais a grupos politizados (boêmios) intelectuais, artistas e estudantes, que construíam uma resistência cultural opositora do regime autoritário, nesse contexto reunia os contestadores culturais as homossexualidades (MACRAE, 2018).

A discussão profunda-se inclusive num viés anticolonial, alguns grupos rejeitavam o

termo *gay* para denominá-los é a formação de um processo de subjetivação que seja mais democrática e inclusive não se pautar por ideais anglo-saxões, em contrapartida outros grupos não tinham problema com o termo anglo-saxão a exemplo do *Grupo Gay da Bahia* (1980 - atualidade). Outros termos de nomenclaturas nesse período era o seguinte, uma das alternativas ao termo ‘entendido’ era a resignificação da ‘bicha’ termo e colocando na arena pública como forma de transgressão e resistência aos valores hegemônicos, toda essa variação assevera a diversidade de pensamentos como um traço forte da comunidade de dissidentes (MACRAE, 2018).

Esse processo se trata da formação das subjetividades coletivas que passam por um processo plural, os diversos recortes de grupos de sexualidades/gênero dissidentes constroem coletivamente as formas que querem ser chamados, para atender suas demandas, no recorte econômico as classes mais populares continuam a reproduzir antigos termos, porém as classes médias reproduzem novos termos para não ser vista nesse lugar de marginalidade, feminilidade, passividade etc. Essa subjetividade ainda é construída a partir do eixo patriarcal e ainda hierarquiza as relações dentro da diversa comunidade homossexual nesse período (MACRAE, 2018).

Ocorreu também a influência das discussões feministas na construção do movimento LGBTQIA+ principalmente para lésbicas que “[...] lutavam em duas frentes: contra relações de dominação entre os sexos e contra a reprodução dos papéis de dominador e dominado no ambiente homossexual” (MACRAE, 2018, p. 48) assim como a reprodução as tensões dentro do SOMOS, entre as lésbicas e homossexuais masculinos, elas mobilizaram uma crítica a monopolização das decisões masculinas e ao uso de piadas misóginas (MACRAE, 2018).

Esses atritos acabaram resultando no surgimento de um grupo de lésbicas independente do SOMOS, em maio de 1980 a fundação do *Grupo de Ação Lésbica-Feminista* (GALF). Além de várias clivagens com os setores socialistas e as discussões raciais, esses fatores fizeram o grupo de pulverizar, porém a dissolução do grupo só se deu em 1983 pautada pelos seguintes fatores:

Depois de participar ativamente no grupo durante dois ou três anos, as pessoas se cansaram e voltaram a terminar os seus estudos ou priorizar o seu emprego e a sua vida particular. Também o Brasil vivia uma recessão brava em 1982-83, que afetava as camadas sociais mais vulneráveis, que frequentavam as reuniões do SOMOS. E surgiu a aids. Alguns membros do grupo focaram nas respostas a esta doença. Outros fugiram do ativismo e do gueto com medo de serem infectados (GREEN, 2018, p. 77 - 78).

Os anos de 1990 e primeira década do séc. XXI é marcada pela relação entre sindicatos e pessoas de esquerda, e a paulatina aproximação de partidos políticos da causa LGBTQIA+. A formação do SOMOS deixa um legado de organização e luta que se espalha pelo Brasil na forma da constituição de vários grupos ao longo do tempo até a atualidade, exemplo disso, é que no contexto da primeira década do séc. XXI o surgimento de um movimento parecido com esse no alto sertão de Alagoas, o Grupo de Gays e Lésbicas de Delmiro Gouveia (GLAD).

Conhecido por ser a primeira organização institucionalizada do movimento LGBTQIA+ nessa cidade, gostaríamos de entender: se a existência de um grupo de defesa da cidadania dos sujeitos de sexualidade/gênero dissidentes no município indicaria uma necessidade de reação social, coletiva e até institucionalizada a possível relação hostil dessa cidade à comunidade LGBTQIA+? Afinal, como a cidade de Delmiro Gouveia (AL) se relaciona com a comunidade LGBTQIA+ ao longo do tempo? Existe alguma atuação das tecnologias disciplinares de poder nessa cidade que se volta aos os corpos LGBTQIA+? Seria possível que a vivência das sexualidades e gêneros não-hegemônicos em Delmiro Gouveia (AL) ganhe novos arranjos a partir da institucionalização de um movimento social, o GLAD? É sobre esses meandros das relações de poder envolvendo a existência e vivências de sujeitos LGBTQIA+, o movimento GLAD e as estruturas do poder disciplinar que iremos analisar em perspectiva histórica no próximo capítulo.

3 GLAD: a formação histórica do Grupo de Gays e Lésbicas de Delmiro Gouveia (2008 – 2023)

Este capítulo tem por objetivo analisar a formação histórica do Grupo de Gays e Lésbicas de Delmiro Gouveia (GLAD), as necessidades de sua insurgência e as estratégias de organização política cotidiana e institucional agenciadas por sujeitos LGBTQIA+ nos processos de resistência e enfrentamento às violências voltadas a esses mesmos corpos. Para tanto, iremos utilizar duas entrevistas de História Oral e demais fontes cedidas pelos entrevistados, são eles: Ana Lúcia Moura Bernardino, uma mulher cis, publicamente lésbica, militante pelas causas feministas e Obenaldo Sebastião da Silva, homem cis publicamente bissexual, envolvido nas lutas por liberdade religiosa. Ambos, populares ativistas pelos direitos humanos no tocante à diversidade de sexualidade/gênero em Delmiro Gouveia (AL) e reconhecidos correntemente como os primeiros formadores do GLAD desde seus processos iniciais de mobilização até a oficialização jurídica do grupo sendo testemunhas diretas desses processos e, portanto, selecionados para contribuir com esse trabalho através de suas memórias.

É importante lembrar que adotamos as assertivas de Pollak (1989) sobre a memória. Para ele e seu aporte teórico, o campo mnemônico faz recortes, seleções, opera esquecimentos estratégicos ou por limitações biológicas, negocia visibilidades, seleções e apagamentos, esse processo tem por consequência a exclusão de alguns sujeitos da memória coletiva formando o que o autor identifica como memórias subterrâneas. Então este trabalho estabelece um enquadramento da memória (POLLAK, 1989) que possibilite o estudo desses sujeitos soterrados mnemonicamente, excluídos e marginalizados da memória coletiva. Dessa forma, a memória se constitui como um campo de disputas e relações de poder, do qual nem o interior das narrativas dos sujeitos marginalizados escapam. Exemplo disso são as inúmeras disputas, clivagens, conflitos e discordâncias da memória dos sujeitos entrevistados nesse trabalho, sobre isso pretendemos problematizar, sem estabelecer um processo de heroificação de nenhum deles, porém identificando suas parcelas de protagonismo e participação na formação do GLAD.

Dados esses apontamentos gostaríamos de iniciar nossas reflexões sobre a memória infante dos entrevistados. Ana Moura nasceu em Jaboatão dos Guararapes (PE) no dia 19/01/1969, mas viveu desde sua infância em Delmiro Gouveia (AL). Suas memórias infantis remontam a década de 1970 a meados de 1980 e mostram algumas impressões de como a

entrevistada percebe a relação entre a população desse município e os corpos LGBTQIA+ nesse período, inclusive a ela mesma enquanto mulher lésbica sertaneja.

Um primeiro aspecto a ser tocado é a composição familiar em que ela viveu. A família é composta por sua mãe e cinco filhos, sendo quatro irmãos e uma mulher, e é caracterizada por ela com a seguinte expressão “uma família tradicional” (Ana Lúcia Moura Bernardino, 2023). Essa é uma categoria usada pela entrevistada para definir, um grupo familiar conservador que apesar de não ter um pai (no caso dela sua mãe era solo e tinha se separado do seu pai) tem a representação masculina como protetor da família, no caso dela relata que eram seus irmãos mais velhos que tinham mais autoridade e conduziam no núcleo familiar. Sobre a ideia de família tradicional Bernardino diz:

Uma família composta de irmãos mais velhos que mandavam nos mais jovens, uma família composta de pessoas que criavam seus filhos com única intenção de casá-los, que eles reproduzem mais filhos e conceitos e normal, tradicional para eles mesmo aquela família bem a critério mesmo [...] (Ana Lúcia Moura Bernardino, 2023).

Para ela, esse modelo de família tem por objetivo a formação de novos grupos familiares através do casamento e a gestação de descendentes. Sendo assim, entendemos que esse novo grupo familiar esperado fossem nuclear, heteronormativo, cisgênero e possivelmente cristão casado na igreja, essa mentalidade agencia uma série de expectativas sobre a entrevistada. Em relação à educação recebida pela sua mãe, Ana Moura relata que: “Ela me criou para me formar, para me casar, para ser uma professora, casada de véu e grinalda. Ela me criou dentro de uma estrutura familiar que ela recebeu. Na cabeça dela era isso” (Ana Lúcia Moura Bernardino, 2023).

Identificamos então que essas expectativas sociais mostram como a entrevistada já estava submetida a um projeto de vida doméstico, voltado para o casamento, a maternidade e se caso fosse trabalhar seria professora. Essa educação familiar, esperava dela uma posição de obediência, docilidade, disciplina (FOUCAULT, 2011) e em alguma medida entendemos a possibilidade de que essa memória fale sobre o lugar esperado da mulher em Delmiro Gouveia (AL), que através da educação doméstica exerce relações de poder cotidianas que administram a subjetivação das expectativas do que ela viesse a se tornar no futuro, porém nos resguardamos ao território das hipóteses a partir das limitações da análise de uma memória individual, que nos dá um indício das relações de poder cotidianas dessa cidade.

Apesar das estruturas de poder disciplinar terem uma forte influência na formação da subjetividade da entrevistada a partir de sua educação familiar, percebemos em seu discurso que mesmo enquanto criança já projeta uma postura subversiva, ela diz: “[...] eu era uma criança que aos sete anos eu fiz minha primeira greve na escola. Eu já era uma criança assim mais... Eu não tinha aquele comportamento que a minha família dava, que a minha mãe queria, daquela menininha quietinha, comportadazinha.”(Ana Lúcia Moura Bernardino, 2023). Nesse discurso localizamos um ponto de tensão resistente à disciplina familiar, a subversividade na escola que se soma a outros pontos como veremos na próxima citação a reformulação dos papéis de gênero nas brincadeiras. Ana Lúcia Moura Bernardino, narra:

Eu tinha um amigo de infância, Hélio, que era meu amigo de infância, e era muito engraçado, porque naquela época as meninas tudo brincavam de panelada. Então a gente gostava de brincar de panelada e tinha o homem que trabalhava fora e a mulher que cuidava da casa. E toda vez que eu ia buscar um parceiro para a gente brincar essas brincadeiras de criança, eu só queria Hélio e ele só queria mim, porque era assim, ele ficava em casa cuidando das filhas e eu ia trabalhar (Ana Lúcia Moura Bernardino, 2023).

Nessa narrativa identificamos que na brincadeira descrita existe a reprodução de papéis de gênero conservadores a partir da imitação do mundo dos adultos, porém ocorre uma inversão dos sujeitos pelo qual se esperava o desempenho de tais papéis. Então, o cotidiano infantil revela mais um foco de resistência as imposições cis heteronormativas. Ana e Hélio frequentemente se escolhiam para brincar, possivelmente isso acontecia por poderem desempenhar suas atividades brincantes sem censura e longe dos olhares disciplinares (FOUCAULT, 2011) de outras crianças e dos adultos. A própria entrevistada reconhece que esse é um exemplo em que ela não se encaixava nos padrões e expectativas de vida agenciadas pela sua mãe e sociedade que queriam dela a formação de uma família nuclear, heterossexual, o exercício da maternidade e o exercício de trabalho doméstico.

O nosso outro entrevistado também nos relata sobre suas relações familiares na infância. Obenaldo Sebastião da Silva viveu sua infância na zona rural em Matriz de Camaragibe (AL) e suas memórias também descrevem uma disciplina familiar operando sobre os limites construídos pelos adultos de assuntos que deviam ou não ser discutidos perto ou por crianças. Essa era a gerência discursiva de como as crianças se portam ante ao mundo adulto e vice versa, além do tipo de informação que poderia ser colocada mesmo no lugar privado da casa, mas na presença de uma criança. Ele relata:

“[...] existia essas certas restrições porque o que é discutido hoje abertamente até como forma de orientação, antigamente era aquele tabu e certas coisas nem se tocava o nome nééé... porque tinha muitas das coisas que só em pensar [ruptura do raciocínio] em pensamento já era errado né, então assim as experiências são poucas por conta dessa restrição [...] (Obenaldo Sebastião da Silva, 2023).

Essa gestão discursiva é descrita como restritiva pelo entrevistado, imputando uma sanção moral possivelmente de matriz cristã que localiza o erro até no pensamento do sujeito, o que algumas vertentes teológicas cristãs chamam de pecado por pensamento. Essa realidade é compreendida por Obenaldo Silva como parte do passado, ele indica uma transformação no presente através do movimento do choque geracional, que oportunizaram a gestão de novas subjetividades e o rearranjo de forças onde seria possível falar de assuntos antes considerados ‘tabu’ e atualmente são comunicados, segundo ele: “[...] o que é discutido hoje abertamente até como forma de orientação [...]” (Obenaldo Sebastião da Silva, 2023) dessa forma disciplinando o discurso para as convenções atuais.

Mesmo as memórias da infância de Obenaldo Sebastião não terem sido na espacialidade de Delmiro Gouveia (AL) ele ainda traz alguns dados que convergem com as memórias infantis de Ana Moura. Ao falar sobre sua infância ele relata:

[...] não era discutida essa questão, principalmente da sexualidade [pausa reflexiva] não era discutido, era assim muito preconceito entendeu, era assim, a gente era muito discriminado principalmente você era taxado muito de viadinho disso daquilo, sempre no diminutivo e eram assuntos que nunca eram abordados e quando eram abordados era de forma grosseira e não assim educacional esclarecedora, mas de forma grosseira o lado grosseiro da história (Obenaldo Sebastião da Silva, 2023).

Como vimos ele discorre que sua família não falava sobre sexualidade, um silenciamento familiar que possivelmente indique uma concepção dos assuntos voltados para o sexo/sexualidade, como tabu, e pautados sobre os filtros da moralidade cristã, numa vez que a família era evangélica poderá facilmente reproduzir esses elementos. No entanto o silenciamento não era total pois quando esses assuntos vinham à tona o silêncio era quebrado, sobre condição entendida pelo entrevistado como “grosseira” adjetivo usado para qualificar de forma negativa o método que as pessoas tocavam no assunto sobre sexo/sexualidade, antagonizando com a forma que Obenaldo entende ser a ideal para tratar do assunto, nesse caso seria um viés educacional para elucidar essas questões. No contexto da infância ele localiza uma relação de preconceito e discriminação contra sexualidades identificadas como dissidentes.

Ele chega a citar a reprodução do termo “viadinho” para “taxar”, ou seja, estereotipar, estigmatizar, e xingar pessoas de sexualidades dissidentes, historicamente usado para homossexuais. Um termo que animaliza o corpo homossexual ao compará-lo com um veado, além de ser colocado no diminutivo, alerta de nosso entrevistado, que relaciona a uma ideia de diminuição do outro. Provavelmente esse termo foi inspirado no personagem principal do filme *Bambi* (1942), uma animação da Disney, que tinha como protagonista um filhote de veado macho que esboçava um comportamento frágil, delicado, dócil, infantil e para alguns interpretado como efeminado, sendo esses adjetivos muitas vezes lidos como femininos e que não poderiam ser expressos no espectro da masculinidade, nesse sentido, tanto o termo viadinho, viado e bambi foram historicamente usados para depreciar homossexuais efeminados.

Dentro da cera dos termos usados para desclassificar pessoas atualmente identificadas como LGBTQIA+ Obenaldo Sebastião ainda relata o uso de piadas entendidas por ele como de mau gosto:

“[...] umas piadas bem de mau gosto que até hoje ainda usa: ‘vire homem’ aiaia... ‘o viadinho’ ‘lá vai a bichinha’ ‘frutinha’ né que são piadas, mesmo daquela época dizia-se, ‘olha lá vai o viadinho’, ‘vire homem rapaz’ então assim... hehehe [ri ironicamente, gracejo ansioso] sabe esses tipos de... [pausa reflexiva] e usava muito também... como aquelas bonecas de pano, tinha aquelas bonecas de pano e tudo na que teve até uma música de Mastruz com Leite annnn... que usa esse termo eeeee... ‘flor de mamulengo’ olhe que o significado é uma pessoa mole [ri ironicamente, gracejo ansioso] hehehahaha essas brincadeiras de muito mau gosto então se escutava muito isso, ‘florzinha’ né sempre se usava ‘florzinha’” (Obenaldo Sebastião da Silva, 2023).

Aqui ele identifica as piadas de “mau gosto”. Todos os significados usados para adjetivar pessoas de diversas identificações de gênero e sexualidade fora da norma são negativos. Como vimos, o frequente uso de diminutivos tem como efeito a diminuição desses sujeitos e humilhação pública. Um termo que chamou nossa atenção foi citado por ele: “flor de mamulengo” (Obenaldo Sebastião da Silva, 2023). Trata-se do título de uma música da famosa banda musical de forró eletrônico, *Mastruz com Leite* fundada no ano de 1990 em Fortaleza (CE) pelo empresário Manuel Gurgel. A música em questão é intitulada *Flor de Mamulengo* composta por Luiz Fidelis no ano de 1994 e refere-se a uma história que se passa num teatro de mamulengos, também conhecidos como fantoches, bonecos maleáveis feitos de pano de forma bem artesanal.

A narrativa da música fala de uma boneca de mamulengo apaixonada por um outro boneco e por consequência não tem sua paixão correspondida, interpretamos que a ideia de

masculinidade machista não admite que um homem rejeite a oferta afetiva e principalmente sexual de uma mulher, a consequência disso é a suspeição de sua real heterossexualidade. Por isso o termo é associado a homossexuais principalmente efeminados, lidos socialmente nesse período como falsos homens. Então, percebemos como os sentidos ligados a delicadeza e fragilidade geralmente aplicados a uma leitura da feminilidade são utilizados para detratar esses homens que supostamente se assemelham a essas características de uma certa feminilidade estereotipada. São generalizações que em muitos casos nem sequer conseguem se aplicar as mulheres quanto mais aos homens efeminados.

Nas experiências de Ana Moura e Obinaldo Sebastião, percebemos que nas duas entrevistas, se por um lado havia uma disciplina familiar e social que administrava papéis de gêneros e pretensos projetos de vida, formas de gestão discursiva sobre o sexo e um modelo aceitável de família, por outro lado essa norma não era total e não atingia todos os sujeitos da mesma forma. Um exemplo disso eram as famílias que não se enquadram nesse conceito tradicional de núcleo familiar descrito outrora por Ana Moura. Ela diz: “[...] apesar de eu ter vizinhos que não eram tão tradicionais assim por exemplo, o vizinho a mim morava Nado Cabeleireiro que era gay, mas ali eu não prestava muita atenção e a gente na maioria das vezes só passava, a gente ria e só gritava ‘viado’, né?” (Ana Lúcia Moura Bernardino, 2023).

Desta feita, esse ideal de família tradicional conservadora não era total, e o que ela narra como exemplo de desvio dessa norma, é o caso de seu vizinho chamado Nado Cabelereiro, uma conhecida personalidade publicamente gay, e relata que as crianças, inclusive ela em sua infância fazia chacota com ele por conta de sua sexualidade, usando o termo “viado” de forma pejorativa, nesse caso, as crianças se sentiam autorizadas a ridicularizar esse corpo homossexual no ambiente público. Então, vários momentos das duas entrevistas onde há a convergência do uso do termo ‘viado’ para depreciar e estigmatizar homossexuais, contextos estes atados por essa unidade discursiva.

É importante fazer uma análise do contexto histórico dessas memórias infantis. Ana Moura fala de Delmiro Gouveia (AL) em torno da década de 1970 até meados de 1980 e Obinaldo Silva fala de sua experiência em Matriz de Camaragibe (AL) por volta da segunda metade da década de 1970 até a década de 1980. Esses dados temporais afluem para o período da *Ditadura Civil Militar* (1964-1985) brasileira, como já vimos, Quintilha (2018) explica que esse regime contribuiu para produção de inúmeros dispositivos repressivos que se articularam em parceria com uma moralidade de matriz cristã para criar uma forma desejável e disciplinada de ser e estar no mundo atingindo todos os setores da sociedade e ambicionando um

autoritarismo total (D´ARAÚJO, M. C. et al. 1994), desta feita, formam subjetividades que são violentas para alguns sujeitos vistos nesse período como degenerados e uma ameaça à segurança nacional esse era o caso das pessoas de gênero e sexualidade ditas dissidentes.

Nesse sentido, temos a construção de uma cultura de censura e violência reproduzida não só pelo Estado, mas também pela população de forma estrutural, voltada a corpos que não se posicionassem na cis heteronormatividade. Possivelmente esse contexto nacional tenha de alguma forma influenciado nas relações cotidianas de poder expressas nas entrevistas, além de corroborar um sentido estrutural para o que *a priori* poderíamos identificar como um feixe de violências voltados a sujeitos identificados como divergentes da norma cisgênero heterossexual.

Na esteira dessas reflexões encontramos uma questão: como o município de Delmiro Gouveia (AL) se relaciona com sujeitos atualmente reconhecidos como LGBTQIA+? Os relatos dos entrevistados, já nos dão um pequeno indício de que essa relação é violenta não só do ponto de vista verbal, mas de uma diversidade de mecanismos de vigilância, punição, disciplina e apagamento. Para chegarmos a essa resposta precisamos identificar quais sujeitos, sejam homossexuais, lésbicas, travestis, transexuais, transgênero ou outros nós encontramos no cenário público da história dessa cidade? A partir daí, identificamos uma invisibilização desses agentes históricos nas fontes oficiais, em detrimento da indicação de alguns nomes nas fontes orais acessadas neste trabalho.

Ana Moura cita alguns nomes como, o já mencionado Nado Cabeleireiro, Nenê Brasileira e Zé Mulher, homens publicamente gays. Obenaldo Sebastião também cita Nenê Brasileira e Zé Mulher. Essas são personalidades populares em Delmiro Gouveia (AL). Zé Mulher era um conhecido estilista e já chegou a ser homenageado no famoso Bloco Carnavalesco do Pompeu possivelmente entre as décadas de 1980 e 1990. Apesar dos primeiros indícios de violência no discurso e dados de repressão, ainda foi possível a presença de um homem homossexual na condição de homenageado no carnaval de Delmiro Gouveia (AL) no fim do séc. XX. Nesse sentido, percebemos que a repressão não é total ou absoluta. Porém, vale destacar que esse é o único caso de homenagem pública de personalidade homossexual encontrado por nós nesse período, não existindo, por exemplo, visibilidades dessa natureza para mulheres lésbicas, identificação já reconhecida entre até a década de 1990 e segundo os entrevistados presentes na cidade.

Imagem 1 - Homenagem do Bloco Pompeu (Delmiro Gouveia - AL) a Zé Mulher que na foto está fantasiado de noiva e segurando o estandarte do bloco possivelmente na década de 1980 ou 1990, os demais não foram identificados.



Fonte: www.amigosdedelmirogouveia.blogspot.com.

Então a homenagem de Zé Mulher, não significa que não existiam práticas de repressão sistemáticas agenciadas contra pessoas ditas de gênero/sexualidade divergentes nesta cidade ou contra o próprio Zé Mulher. A questão é que no tabuleiro das relações de poder essa personagem, já é política e gente de resistência só por existir, só por transgredir as normas da hegemonia cis heteronormativa, e ao ser homenageado, é colocado numa posição pública de prestígio e reconhecimento, que ainda é um lugar de representação social bem específico: o da alegoria, folclore e do exótico.

Até aqui nos debruçamos sobre os sujeitos marginalizados, porém com uma certa popularidade e visibilidade na cidade. E os sujeitos completamente apagados? E aqueles homossexuais, lésbicas e travestis dos quais nem o nome é citado, dos quais só restam as narrativas de detração em suas memórias? Sobre esses sujeitos, Ana Moura expressa o contexto apreendido por ela de como o município de Delmiro Gouveia (AL) se relacionava com eles antes dos movimentos de defesa da atual população LGBTQIA+, ela diz:

A maioria dos gays apanhava, tanto na rua como da polícia. Muitas vezes não tinham nenhum tipo de direito de se defender, porque quando ele ia se defender, o policial dava na cara dele e mandava ele pra casa, porque ‘foi ele que provocou’, porque ‘ele era que estava cantando’. Delmiro Gouveia, a maioria dos homens que saíam com outros homens só levavam os gays para transar no lajeiro e as quatro brechas de que eles não transavam com homens, porque eles ‘não eram viados para ficar com outros viados’. Então, havia eles mesmos que saíam com os gays eram os primeiros a atacá-los no meio da rua.

E quando eu falo atacar não é uma questão verbal não, é de bater, de espancar, é de tomar as coisas do gay. E havia a maioria das meninas lésbicas, aquelas que eles conseguiam identificar, eles arrastavam para a beira de rio pra estuprar, porque ‘tinham que gostar de homem, não de mulher’. Então assim, eu tive lésbicas presas. Que tiveram suas costas arrancadas, o couro, de porrada, porque eram lésbicas. Que até hoje na velhice tem problemas de saúde. De tanto que apanhou dentro de uma delegacia, que eram até estupradas. Se levava na calada da noite. A maioria das trans também foram estupradas. Roubavam os seus dinheiros que elas tinham. Se o trans fazia um programa, eles tinham ‘o direito’ de carregar o dinheirinho, de bater e prender. Era uma violência descabida, desmedida. Era um ódio, um abuso muito grande (Ana Lúcia Moura Bernardino, 2023).

Essa memória possivelmente remete à década de 1980 e 1990, período em que segundo os entrevistados ainda não havia uma organização social institucional como o GLAD. Ana Lúcia Moura traz alguns dos vários exemplos de violências gerenciados na cidade contra esses corpos identificados com dissidentes de sexualidade e gênero, são eles: violência policial, culpabilização da vítima, sexualidades vivenciadas de forma escondida, ataques de homens que mantinham atividade sexual escondida com os gays assumidos (bater, espancar, assaltar), o termo “viado” como um significado negativo, estupros, prisão, e tortura policial de lésbicas e travestis. A entrevistada ainda cita em outros momentos: perda de emprego, estigma de “estupradora de crianças” (Ana Lúcia Moura Bernardino, 2023) para mulheres lésbicas e o uso do termo “Sapatona” usado para desclassificar as lésbicas. Esses relatos também corroboram com as memórias de Obinaldo Sebastião e demonstram como a cidade de Delmiro Gouveia (AL) pode ser muito violenta com essa população.

É claro que essa conjuntura não era recebida de forma passiva pelos indivíduos alvos dessas violências, pois existiam as formas de resistência mesmo antes dos movimentos LGBTQIA+ institucionalizados. Segundo Foucault (1979), a resistência participa do campo dos jogos do poder, as forças em oposição disputando, negociando e clivando-se, nos levam a conclusão do autor de que onde existir uma relação de poder aí também existirá algum sujeito resistindo estrategicamente, sejam seja de forma mais capilar e cotidiana até a formação de organizações institucionais independentes, dentre as várias possibilidade de participar da disputa. No caso da população LGBTQIA+, disputar e resistir pela sua própria sobrevivência.

Na narrativa dos entrevistados, existia algumas formas de resistência, *a priori* agenciada cotidianamente e depois se construíram enquanto tentativas de construção de um movimento social que não se consolidou até a formação do GLAD. Ana Moura diz que depois de sua

colocação pública como mulher lésbica em Delmiro Gouveia a sua casa se tornou um ponto de referência em acolhimento onde gays, lésbicas e travestis dormiam, comiam e socializavam, uma espécie de albergue, e expressa que eles “[...] não se sentiam a vontade na casa deles [...]” (Ana Lúcia Moura Bernardino, 2023) devido a humilhação familiar e ameaças de expulsão de casa.

Ana Bernardino, tece um contexto muito particular de como essas precariedades e violências voltadas à população de gays, lésbicas e travestis possivelmente situadas no fim do séc. XX e início do séc. XXI fez com que ela pensasse em alguma forma de organização social: “E aí, vários gays em minha casa, então assim, era um albergue realmente, era um albergue, era um albergue. E aí foi nesse tempo que eu comecei a me sentir mais alto, e eu comecei a pensar, já que a gente tem tantos e eram muitos, por que não se organizar? Por que não?” (Ana Lúcia Moura Bernardino, 2023). Então percebemos que é justamente por conta desse contexto de violência e negação dos direitos que surge a necessidade de para além de construir uma rede de apoio e solidariedade organizado o movimento social. Daí para as primeiras tentativas de construção desse movimento social pela diversidade de gênero e sexualidade juridicamente reconhecidos em Delmiro Gouveia (AL) não demoraria muito tempo.

Obenaldo Sebastião chega em Delmiro Gouveia em 1998 ao longo de sua habitação em Delmiro Gouveia tem notícias de algumas experiências de movimentos sociais voltadas a defesa de gays, lésbicas e travestis, ele descreve que:

Pronto Delmiro, Delmiro eu estou em Delmiro Gouveia já tem 26 anos, 26 anos que eu estou em Delmiro, quando eu cheguei em Delmiro Gouveia que eu vim de Maceió para cá, quando eu cheguei em Delmiro Gouveia, quando eu cheguei em dois mil e ... ssssssss... [gagueja] annnn... [pausa reflexiva] em 98 eu cheguei em Delmiro a 26 anos que eu cheguei em Delmiro. Quando eu cheguei em Delmiro não tinha... [pausa reflexiva] havia várias tentativas de criação de movimento e grupos LGBT em Delmiro foi tentada porque houve annn... o Flor de Cactos que durou pouco tempo e não foi afrente, Flor de Mandacaru [ruídos de panelas] que inclusive foi alugado sede, não por mim, mas por outras pessoas, né foi alugado sede, mas que também não foi afrente, foi criado também o ASTRADEL que era annnnn... [pausa reflexiva] das travestis mas que também não foi a frente não vingou [...] (Obenaldo Sebastião da Silva, 2023).

Nesse relato ele cita a existência nos últimos anos da década de 1990 dos seguintes movimentos: Flor de Mandacaru e Flor de Cactos que possivelmente eram grupos mais abrangentes de luta pela diversidade de sexualidade e gênero, um deles inclusive chegou a ter sede física e a Astradel uma associação de travestis em Delmiro Gouveia. Sobre essas organizações ele não dá nenhum detalhe e relata que não participou da formação dessas

experiências, citadas por ele como “tentativas [...] não foi a frente não vingou [...] não deu certo” (Obenaldo Sebastião da Silva, 2023) e com isso entendemos que no relato dele, essas organizações foram rompidas, acabadas e não tiveram continuidade. Nesse ponto o campo da memória começa a apresentar seus conflitos, pois há uma discordância entre ele e Ana Moura. Na verdade, a relação mnemônica entre a entrevista de Ana Moura e Obenaldo Sebastião é bem conflituosa, e pretendemos nos debruçar sobre essas questões analisando suas relações de poder.

Desses movimentos citados por Obenaldo Sebastião, Ana Moura converge somente na citação do grupo Flor de Cactos, segundo ela, em contato e troca de informações com o GGB (Grupo Gay da Bahia), o GGAL (Grupo Gay de Alagoas) e um contato de uma lésbica do Rio de Janeiro (RJ) formarão esse grupo a partir de reuniões em sua casa, ela diz:

E eles [GGAL, GGB] foram me informando que a gente tinha que começar a reunir o pessoal, não só na minha casa como era de forma aleatória, a gente precisava fazer uma instituição, ter ata, fundar, a gente buscar direitos na capital [...] e aí a gente começou a se organizar em casa mesmo, conversando e aí a gente criou o grupo Flor de Cactos [...] (Ana Lúcia Moura Bernardino, 2023).

Ana Moura defende que o GLAD foi um processo direto de continuação sólida desse grupo anterior, seu relato oral descreve que:

E aí a gente fundou o Flor de Cactos. Mas alguma coisa não pegou. O nome não batia. Tinha alguma coisa que a gente não gostava. A gente dava a mão para o Flor de cactos, mas tinha alguma coisa que a gente não gostava. E um dia, a gente sentada na televisão, saiu um grande sucesso na época, o Gladiador. E a gente estava todo mundo assistindo. Eu e os viados todos assistindo, os gays. E aí eu olhei para o filme e disse assim, "Gente, eu acho que a gente poderia botar o nome GLAD, ao invés de Flor de Cactos, porque nós somos os guerreiros, as guerreiras, os gladiadores contra o preconceito. E aí, não sei por que motivo, todo mundo que estava na sala olhou para mim e disse "Amei, GLAD!" Sabe quando aquela coisa toma assim de todo mundo? "GLAD, GLAD, toma!" Eu disse "Agora vamos ver o que vai dar certo (Ana Lúcia Moura Bernardino, 2023).

O grupo *Flor de Cactos* do qual tivemos acesso a pouquíssimos registros históricos, somente essas menções orais, é concebido por Ana Moura como um processo do qual ela foi participante e uma das formadoras e que o GLAD seria uma continuação direta de sua existência modificando-se somente o nome do grupo. Sobre esses relatos orais é importante entender que estamos analisando o campo das memórias que segundo Pollak (1996) funciona a partir de uma

série de mecanismos como esquecimentos, silenciamentos, apagamentos, negociações, conflitos e tensões, o nosso cuidado é identificar esses elementos e analisar as relações de poder.

Nesse contexto, não podemos afirmar essa continuidade sólida defendida por Ana Moura, pois nos deparamos com a carência de fontes acerca do grupo Flor de Cactos, além da memória oral conflituosa não tivemos acesso a nenhuma outra fonte que citasse diretamente esse grupo. Entretanto, descobrimos uma informação no documento da *Ata da Assembleia de Fundação do Grupo de Gays e Lésbicas de Delmiro Gouveia (2008)*. Essa ata cita que houve um edital de convocação pública para tal reunião datado de 14 de julho de 2003, 5 anos antes desta assembleia de fundação do GLAD e 3 anos antes da I Parada (2006) do qual não tivemos acesso. Nesse contexto, a fonte não associa este Edital de Convocação Pública (2003) a nenhum nome de grupo informal existente nesse período, ou seja, não cita diretamente o Flor de Cactos ou outros exemplos de organizações prévias ao GLAD. Então, o que identificamos com razoável nitidez é a movimentação política desses sujeitos se direcionando para uma organização institucional que possibilitem a essa comunidade uma ampliação da resistência às violências e negação de direitos evidenciadas na cidade de Delmiro Gouveia (AL).

Como o Flor de Cactos foi mencionado pelos dois entrevistados possivelmente essa experiência foi marcante na memória desses indivíduos e como temos a presença de Ana Moura e possivelmente de outras pessoas como um resquício de continuidade dessa primeira organização no GLAD então percebemos que em alguma medida o Flor de Cactos foi uma experimentação de organização política importante para que posteriormente ocorresse a estruturação do GLAD.

Obenaldo Sebastião também ele estabelece sua narrativa sobre a formação inicial do GLAD, segundo ele:

Depois de várias tentativas de não ter dado certo, ter participado do Projeto Somos, então havia, depois do Projeto Somos em 3 meses havia uma parada, a gente tinha uma parada em Delmiro mas a gente não tinha um grupo, [ruído de panela de pressão] é diferente, a parada foi realizada mas ainda não tinha o grupo então precisava-se criar para dar continuidade ao trabalho que foi iniciado com a parada, então veio a necessidade de se criar o grupo, né, LGBT em Delmiro (Obenaldo Sebastião da Silva, 2023).

O entrevistado descreve que participou de uma formação do “Projeto SOMOS” (Obenaldo Sebastião da Silva, 2023) no ano de 2006 em Maceió (AL), nesta experiência

formativa eles receberam um material didático intitulado *Guia Prático SOMOS - Projeto Somos: Desenvolvimento Organizacional, Advocacy e Intervenção para ONGs que trabalham com GAYS e outros HSH* (2005). Segundo esse documento a ação formativa em questão foi uma proposta da Associação Brasileira de Gays Lésbicas e Transgêneros (ABGLT) que vinha implementando o Projeto SOMOS desde 1999 com o apoio do Ministério da Saúde (MS) através do Programa Nacional de DST/AIDS em todo país. O projeto articulou:

[...] ações educativas no campo da prevenção do HIV/Aids, promoção de climas favoráveis e Advocacy, desenvolvimento institucional e fortalecimento de organizações da sociedade civil, que atuam no campo da luta pela cidadania do público GLT (BRASIL, 2005, p. 6).

Para tanto haviam Centros de Capacitação e Assessoria espalhado pelas nas cinco regiões do Brasil, segundo o documento:

"[...] além de difundir ações de prevenção por todo o Brasil, tem se constituído, sobretudo, para grupos recém criados no interior do país, como uma rede de apoio na luta contra a homofobia, uma das causas fundamentais das respostas sociais de preconceito e de discriminação, que afetam de forma contundente o acesso da população GLT brasileira à informação, à educação, à saúde e aos direitos de cidadania." (BRASIL, 2005, p.6).

Dessa forma percebemos o papel desse projeto para formação de grupos sociais GLT (Gay, Lésbicas e Travestis) no interior do país. Nessa conjuntura, houve em Alagoas a *I Capacitação Estadual de Lideranças GLTB – Projeto Somos, Maceió (AL)*, ocorrida em 24 a 28 de abril 2006, promovida pelo GGAL e ABGLT. Foi dessa formação que o Obenaldo Silva participou e que como já vimos tinha o objetivo de formar lideranças para construção do movimento Gay, Lésbicas e Travestis no interior do estado.

Imagem 2 - Documento de Plano Geral de Ação distribuída na *I Capacitação Estadual de Lideranças GLTB – Projeto Somos, Maceió (AL)*, ocorrida em 24 a 28 de abril de 2006.

Logo: 69 AL MUNICÍPIO DE ALAGOAS

Logo: SOMOS

Logo: ARGLT

I Capacitação Estadual de Lideranças GLTB – Projeto Somos
Maceió, 24 a 28 de Abril de 2006

PLANO GERAL DE AÇÃO

Município: DELMIRO GOUVEIA
Entidade: RSD ASSOCIAÇÃO GAY DELMIRO
Data: 28/04/2006

ADVOCACY

Metas	Prazo Término	Responsáveis	Recursos Humanos e Financeiros	Parcerias
Constituir um grupo GLBT na cidade com Estatuto e CNPJ	Agosto de 2006	OBENALDO	15000 reais	RSD/PROG
Propor a criação de uma Lei Municipal que proíba a discriminação	Setembro 2006	OBENALDO	—	VEREDORA PAULI
Participação em Conselhos Municipais, Fóruns e Comissões de Controle Social	Termino da Lei	OBENALDO	—	ORGANIZAÇÃO NA SOCIEDADE CIVIL E PARLAMENTO/PROG

Fonte: acervo pessoal de Obenaldo Sebastião da Silva.

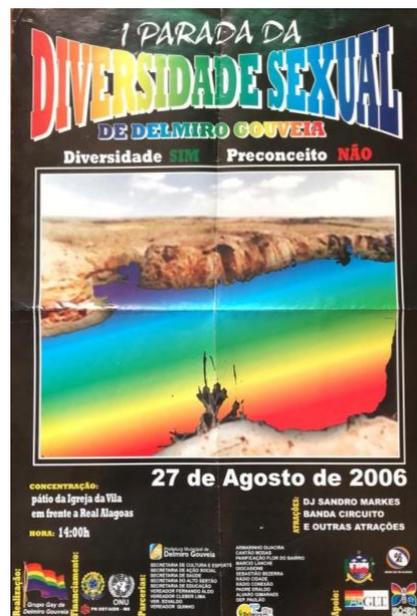
A imagem acima é uma fotocópia da primeira página do documento de *Plano Geral de Ação*, cedido pelo Obenaldo Sebastião da Silva, por isso, não sabemos a sequência completa de atividades e elementos planejados na reunião desses sujeitos históricos durante a capacitação. Porém, é possível analisar a fonte disponível e verificar que como ocorreu o projeto formativo de maneira bem propositiva, ao sair desse momento os participantes já tinham uma espécie de planejamento com metas, responsáveis, recursos humanos, recursos financeiros, parcerias, um conjunto de ações e prazo de término. Corroborando com isso ele diz:

[...] daí quando foi em 2006 eu já estava participando de movimento, Movimento Sem Terra, movimento de moradores aquela coisa de movimento estudantil de jovens, de bairro associação de bairro, aí eu fui chamado para participar do Projeto SOMOS que em 2006 [...] ficamos hospedados no hotel Adelmo [Não entendemos direito se realmente o nome do hotel era esse], [ruídos de panela] e daí o Projeto SOMOS é um curso de capacitação [...] eu participei, foi selecionada uma pessoa por cada cidade de Alagoas, com o intuito, né porque ele serve principalmente, porque ele trabalha a linha de *Advocacy* uma capacitação para cada formação de liderança [ruído de panela] eu participei dessa capacitação do Somos e eles me deram 3 meses para sair de lá vim para Delmiro e montar um grupo e realizar uma parada (Obenaldo Sebastião da Silva, 2023).

Obenaldo Sebastião destaca que sua participação em movimentos sociais resultou no convite ao Projeto SOMOS. Nesse momento existia a intenção de articular uma organização para defesa da população GLT, então como ideia preliminar no documento do Plano Geral de

Ação (2006) está preenchido no campo do nome da entidade: “AGD - Associação Gay Delmiro”. Essa parece ser uma formulação primária de nomeação do que se tornaria o GLAD. O documento também dá a indicação de estabelecer parcerias políticas com o Vereador Jamil, sociedade civil organizada e um deputado não nomeado, curiosamente no cartaz da I Parada da Diversidade Sexual de Delmiro Gouveia (2006) havia uma parte que mostrava somente para parcerias e citava o Deputado Paulão como um desses parceiros, podemos observar que alguns dos anseios do planejamento em alguma medida se concretizou nessa primeira atividade de grande porte do movimento.

Imagem 3 - Cartaz de divulgação da I Parada da Diversidade Sexual de Delmiro Gouveia (AL) em 27 de agosto de 2006.



Fonte: acervo pessoal de Obinaldo Sebastião da Silva.

Esse feixe amplo de parcerias para efetivação de um grupo ativista pela diversidade de sexualidade e gênero está situado em uma metodologia identificada como *advocacy*. Segundo Marlene Libardoni (2000) *advocacy* seriam:

[...] iniciativas de incidência ou pressão política, de promoção e defesa de uma causa e/ou interesse, e de articulações mobilizadas por organizações da sociedade civil com o objetivo de dar maior visibilidade a determinadas temáticas ou questões no debate público e influenciar políticas visando à transformação da sociedade (LIBARDONI, 2000, p. 2).

O documento e o relato oral de Obinaldo Sebastião citam esse termo, e indicam essa linha de trabalho que pretende formar uma rede de apoio, pressionando e negociando com diversos setores sociais para promoção de um trabalho transformador da sociedade nesse caso voltado aos direitos humanos e questões GLT. De forma geral o nosso entrevistado entende que a *I Capacitação Estadual de Lideranças GLTB – Projeto Somos, Maceió (AL)* (2006) tem como resultado direto a *I Parada da Diversidade Sexual de Delmiro Gouveia* (2006) que se desdobraria na construção do GLAD, as demais fontes como o *Plano Geral de Ação* (2006), o *Guia Prático SOMOS - Projeto Somos: Desenvolvimento Organizacional, Advocacy e Intervenção para ONGs que trabalham com GAYS e outros HSH* (2005) e o cartaz de divulgação da *I Parada da D. S. de D. Gouveia* (2006) demonstram uma ligação nesses desdobramentos, mas não podemos entender essas relações somente como um jogo de segmentos causais despretensiosos.

Nos jogos de poder agenciados dentro da memória, esses dois sujeitos históricos (Ana Moura e Obinaldo Sebastião) parecem sempre estar querendo disputar o monopólio do protagonismo e do pioneirismo desse movimento, mas será que não houve outras pessoas envolvidas? O exercício aqui não é de vilipendiar trajetórias, mas de ter cuidado para não heroificar ninguém.

A ativista Ana Moura Bernardino fala de uma forte ligação com o GGAL e capacitações em Maceió (AL) como forma de preparação para a I Parada:

E aí a gente foi pra Maceió, chegamos em Maceió, como Obinaldo era presidente do GLAD, eu deixei o Obinaldo mais lá perto do Nildo, pra entender como é que a gente poderia fazer em Delmiro a primeira Parada Gay, que a gente fez em 2006, a primeira Parada Gay. Mas aí a gente já começou a participar de eventos em Maceió, a se politizar, a entender, a se capacitar, entendeu? E aí a gente tocou o barco, como era que a gente faria essa primeira parada, tema, e aí em 2006 a gente fez a primeira parada da diversidade sexual de Delmiro [...] (Ana Lúcia Moura Bernardino, 2023).

Esse e outros relatos de ambos os entrevistados demonstram como havia um diálogo muito próximo entre o GGAL e os sujeitos que estavam se mobilizando para organizar um movimento aqui em Delmiro Gouveia (AL). Na citação Ana Moura conta sobre uma viagem a Maceió (AL) “[...] para entender como é que a gente poderia fazer em Delmiro a primeira Parada Gay [...]” (Ana Lúcia Moura Bernardino, 2023) e sinaliza Obinaldo Sebastião foi quem ficou mais próximo do Josenildo Correia de Oliveira integrante do GGAL e formador. Ela não fala diretamente sobre o Projeto SOMOS, nem temos como afirmar que essa atividade foi a

mesma que Obinaldo cita, porém a semelhança das narrativas aponta a possibilidade de uma ação conjunta para a execução da I Parada.

Em relação justamente à organização da I parada, os entrevistados trazem dois relatos diferentes. Ana Moura ao ser questionada sobre os sujeitos que estavam à frente da organização da I Parada Delmiro Gouveia ela responde: “Obinaldo, eu, José Ricardo” (Ana Lúcia Moura Bernardino, 2023), este último nome não conseguimos localizar quem era. Já Obinaldo Sebastião ao ser questionado a mesma coisa ele responde: “[...] foi organizada apenas com duas pessoas. Eu, Obinaldo, e então o presidente do GGAL, Nildo Correia, que veio de Maceió para cá, me ajudar por falta de pessoas aqui em Delmiro que se agregassem ou que se oferecessem para ajudar em alguma coisa.” (Obinaldo Sebastião da Silva, 2023). Então ainda existe muita divergência entre essas memórias que são muito conflituosas.

De qualquer forma, o *Plano Geral de Ação* (2006) o grupo de ativismo GLT desta cidade estava identificado como Associação Gay de Delmiro Gouveia (AGB) no cartaz de divulgação da *I Parada da Diversidade Sexual de Delmiro Gouveia* (2006) detectamos uma modificação, observemos a imagem:

Imagem 4 - Primeira logomarca do movimento, impressa no cartaz de divulgação da *I Parada da Diversidade Sexual de Delmiro Gouveia* (2006).



Fonte: Acervo Pessoal de Obinaldo Sebastião da Silva

Não está evidente como ocorreu a escolha dessas primeiras identificações do grupo. Obenaldo Sebastião ao responder se o GLAD já era formalizado na promoção da I Parada, ele responde:

Então, como eu disse, eu tinha sido capacitado, então eu teria três meses para realizar uma parada. E logo depois da parada foi que foi formalizada a questão do GLAD. Porém, ele já tinha nome como Grupo Gay de Delmiro Gouveia. Só a realização do grupo gay de Delmiro Gouveia. Só que daí foi realizada junto com o GGAL e a ABGLT e o Grupo Pró-Vida de Maceió (Obenaldo Sebastião da Silva, 2023).

Essas narrativas confirmam ainda mais o uso do nome Grupo Gay de Delmiro Gouveia, provavelmente pela influência dos grupos de ativismo mais antigos e já estabelecidos do qual se tinha acesso como o GGB e principalmente o GGAL que teve uma participação importante para construção da I Parada e da formação do GLAD. Ainda mais podemos analisar os termos usados para nomenclaturar esse suposto grupo, sendo eles “associação” e “grupo” que remetem a uma coletividade e podem indicar um trabalho mais ou menos coletivo, ou que não estivesse necessariamente exclusivamente na execução de Obenaldo Sebastião, Josenildo Correia de Oliveira (Conhecido como Nildo do GGAL) e Ana Moura. Ou pode indicar uso da discursividade do coletivismo para legitimar a ação enquanto uma mobilização comunitária de gays, lésbicas, bissexuais e travestis de Delmiro Gouveia (AL).

A I Parada também se organizou como a culminância em torno de uma série de atividades, tivemos acesso a um documento intitulado *Programação da I Semana da Diversidade Sexual de Delmiro Gouveia*, que ocorreu de 18 a 27 de agosto de 2006. Foram executadas ações voltadas ao planejamento da I Parada: como reunião da comissão organizadora, entrega e retorno dos ofícios de patrocinadores, produção da arte, confecção do material; também atividades ligadas a divulgação como entrevista nas rádios e colocação de material IEC (Informação, Educação e Comunicação); atividade de abertura; atividade cultural intitulada *Eletro Music - Festa da Parada*; atividades educacionais com palestra em escolas temas de inclusão, saúde e sexualidade, adolescência e juventude, conscientização do pré-conceito por motivo de sexualidade/gênero, gravidez e drogas na adolescência, família, sexualidade e religião culminando no dia 27 de agosto a *I Parada da Diversidade Sexual de Delmiro Gouveia* (2006) com atividades políticas, artísticas e culturais.

Imagem 5 - Imagens do *Programação da I Semana da Diversidade Sexual de Delmiro Gouveia*.


Programação da I Semana da Diversidade Sexual de Delmiro Gouveia
 18 a 27 de Agosto de 2006-07-13
Cronograma de Atividades

ATIVIDADES	PRAZO	RESPONSÁVEIS	OBSERVAÇÕES
Reuniões da comissão organizadora		Obinaldo	
Entrega de ofícios aos patrocinadores	10/07/06 a 10/07/06	Obinaldo	
Retorno de ofícios de patrocinadores	11/07 a 20/07/06	Obinaldo	
Elaboração da arte	10/06/06	Hildo Corrêa	
Confeccionar material da Parada	21/07/06	Hildo Corrêa	
Divulgação da parada nas rádios.	23/07/06 a 27/08/06	Hildo Corrêa	

Colocar material IEC (folder e panfletos)	23/07/06 a 25/07/06	Obinaldo	
Abertura da I Semana da Diversidade Sexual - Delmiro Gouveia	19/08/06, 18:00 horas	Hildo Corrêa	Casa das Artes
Electro Music - Festa da Parada	19/08/06, 11:00 horas		Corredor da feira
Palestra: Não importa Qual o Time que Ele ou Ela Joga.	21/08/06, 14:00 a 18:00 Horas		
Palestra: E aí, Podemos Ter um Pape Cabça?	22/08/06, 14:00 a 18:00 Horas	Facilitadores:	
Palestra: De onde vem a sexualidade e por que somos o que Somos?!	23/08/06, 14:00 horas	Facilitadores:	Colégio Irmã Dulce
Palestra: Sexualidade, prevenção e saúde na adolescência.	24/08/06, 14:00 horas	Facilitadores: Edjane Alves dos Santos Silva - Associação Social Especializada em Controle Social e Políticas Públicas	Colégio Francisca Rosa
* Palestra: qual é a consequência de preconceito?	Colégio Francisca Rosa 24/08/06, 19:00 horas		
* Palestra: gravidez e drogas na adolescência, como evitar este mal.	25/08/06, 16:00 horas Facilitadores:		Escola Vigília Bezerra
* Palestra: Família, sexualidade e religião.	25/08/06, 19:00 horas	Facilitadores:	

* Palestra: Família, sexualidade e religião.	25/08/06, 19:00 horas	Facilitadores:	Clube Vicente
Bitz da Prevenção	26/08/06, 09:00 horas		Pátio da feira
I Parada da Diversidade Sexual de Delmiro Gouveia <i>Diversidade SEM Preconceito NÃO</i> 27/08/06, 14:00 horas Concentração: pátio da Igreja Igreja da Vila em frente a Póli Alagoas			

INFORMAÇÕES
 (82) 3326-1515 / 3315-1515 / 3345-0800 / ou pelo endereço eletrônico: radio.gay@obol.com.br / ggd11@uol.com.br
 Hildo Corrêa ou Obinaldo Silva

Fonte: acervo pessoal de Obinaldo Sebastião.

Essa junta de atividade demonstra uma preocupação não só em promover lugares de sociabilidade gay, lésbica, bissexual e travesti, mas também atividades de cunho educacional voltado a juventude. Essas palestras também estão registradas em *Atas de Presença*, que nos foram cedidas por Obinaldo Sebastião com a identificação das escolas, facilitadores de

assinatura dos estudantes que participaram da preleção no contexto da I Parada (2006) e III Parada (2008). Os entrevistados descrevem que o movimento das paradas da diversidade teve muita projeção ao longo dos primeiros anos do segundo ano do evento, o movimento já adotava o nome GLAD e ampliou a cobertura geográfica do título, veja a imagem.

Imagem 6- Cartaz de publicidade da *II Parada da Diversidade Sexual do Alto Sertão*, ocorrida em 18 de novembro de 2007.



Fonte: acervo pessoal de Obinaldo Sebastião da Silva.

A *II Parada da Diversidade Sexual do Alto Sertão* não teve um tema específico e ampliou a espacialidade para a representação da microrregião alagoana do Alto Sertão. Até então havia uma articulação coletiva que ainda não havia sido institucionalizada legalmente, tanto Ana Moura como Obinaldo Sebastião descrevem que houve uma razoável aceitação da população de gays, lésbicas, travestis e bissexuais que inclusive se envolveram e participaram com força de trabalho voluntário e contribuições financeiras para manter o movimento. Em relação a recepção da população de forma geral, Obinaldo expressa uma quebra de expectativa, ele diz: “[...] assim uma aceitação não tão áspera [...]” (Obinaldo Sebastião da Silva, 2023), no

sertão de Alagoas, um território estigmatizado pelo machismo, desigualdade social e sucateamento do sistema de educação, esperava-se uma reação mais agressiva da população.

Porém percebemos que a repressão existe mas não é total, num contexto como 2006 onde estávamos no primeiro governo social democrata do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT-Partido dos Trabalhadores), onde a escuta de diversas camadas da sociedade brasileiras outrora marginalizadas como a população negra e GLT, as discussões sobre a diversidade de sexualidade e gênero começam a efervescer, e o debate sobre a tentativa de criminalização da homofobia através da PL 122/2006, poderia ter como efeito social, algumas pessoas não quererem parecer preconceituosas, e uma forma mais velada de violência se articular no silêncio do microcosmos social e das estruturas do Estado. Nesse sentido entendemos que o fato de ter uma relativa aceitação não significa que não houvesse LGBTfobia agindo principalmente em lugares em que a memória do entrevistado não alcança, nos bastidores dos demais setores sociais.

Um caso da operação da LGBTfobia velada é a colocação pública de Ana Moura enquanto uma mulher lésbica em Delmiro Gouveia (AL), ela conta que ao ver uma de suas amigas lésbicas não serem contratadas para trabalhar como babá pela suspeita da mãe da criança em estigmatiza-la como pertença estupradora de crianças, sensibilizou Ana e faz com que ela aceitasse um convite para participar de uma entrevista nas rádios Delmiro AM e FM, para discutir sobre esses tipos de violências, apesar de receber mensagens ao vivo de apoio no programa radiofônico, ela notou a diferenças em seu cotidiano, segundo ela:

[...] eu conseguia colocar respeito no ambiente em que eu estava. Porém, muita gente, veladamente, se afastou de mim. Começaram a me excluir daquele grupinho de conversa, de amizade, começou a não mais me convidar para aniversários. Houve uma exclusão. Não de forma direta, mas indiretamente houve uma... ‘Não queremos estar no mesmo ambiente’ (Ana Lúcia Moura Bernardino, 2023).

O efeito é de exclusão social, não necessariamente declarado, mas indireto. Esse é um exemplo de como essa cidade a tratou quando se assumiu gerenciando uma sutil reação social velada de exclusão, onde os olhos vigilantes da sociedade direcionam formas específicas de punição que não perpassa apenas por castigos físicos, mas principalmente por técnicas e táticas do poder disciplinar para subjetivar controle através da docilidade (FOUCAULT, 2011). No contexto da I Parada Ana Moura torna a tocar nesse aspecto velado da LGBTfobia: “Eu tiro pela relação da primeira parada. A própria população apoiou, deu apoio. Porque como se havia

algum preconceito assim, não era tão escancarado, era velado. (Ana Lúcia Moura Bernardino, 2023). Houve também o apoio certo do governo federal, estadual municipal e um incentivo financeiro internacional, de alguns políticos e da iniciativa privada, segundo Obenaldo Sebastião:

A gente teve, em 2006, o armário do Jacira que contribuiu, foi quem patrocinou o nosso mês. O nosso mês, né? O nosso mês foi assim belíssimo. Aí tivemos a Cantão Moda, Panificadora Flor do Bairro, Marcio 's Lanches. Novamente, Diocasioni, Galeria, Bezerra, Rádio Delmiro, Rádio Conexão na época, que não existe mais. Padre Eraldo, Álvaro Guimarães. Particular, né? Porque era governo também. E só esses (Obenaldo Sebastião da Silva, 2023).

Esse relato corrobora com as informações do cartaz de divulgação da I Parada da Diversidade Sexual de Delmiro Gouveia (AL) que informa algumas categorias de contribuição sendo o financiamento do Governo Federal, Plano Nacional DST/AIDS – Ministério da Saúde, Organização das Nações Unidas (ONU); parcerias da Prefeitura Municipal de Delmiro Gouveia, Sec. de Cultura e Esporte, Sec. de Ação Social, Sec. da Saúde, Sec. de Educação, Ver. Fernando Aldo, Ver. Cleber Lima, Ver. Edivaldo, Ver. Quinho, Armarinho de Jacira, Cantão Modas, Panificação Flor do Bairro, Marcio 's Lanches, Diocacione, Sebastião Bezerra, Rádio Cidade, Rádio Conexão, Padre Eraldo, Álvaro Guimarães. Deputado Paulão, Rádios Delmiro AM e FM; apoio do Governo do Estado, GGAL, ABGLT e Movimento PRÓ-VIDA Transgêneros – AL. Nessa lista podemos identificar representantes, das gestões públicas, do setor político, da sociedade civil e do setor privado que contribuíram.

Nós tivemos acesso a um documento curioso, uma nota de balcão datada do dia 11/03/2008 emitida pela Loja Primavera doando R\$ 40,00 para a *III Parada da Diversidade Sexual do Alto Sertão* (2008), no nome de Obenaldo Sebastião da Silva, o que nos faz pensar na existência dessa relação de financiamento e promoção dessas instâncias privada ou não como apoiadoras e apoiadores, não só por uma questão de imagem e marketing mas também pela possibilidade da vontade de alguns deles contribuírem com esse processo.

Imagem 7- Nota de Balcão emitida pela Loja Primavera em nome de Obenaldo Sebastião da Silva.

gente teve três anos de recurso no Ministério da Saúde via a Fundação Delmiro Gouveia [...] a gente pôde ter um impulsionamento maior (Ana Lúcia Moura Bernardino, 2023).

Essa grande citação se faz necessária para entendermos alguns apontamentos importantes. Ana Moura associa alguns elementos diretamente à III Parada, são eles: as atividades educacionais, financiamentos federais pelo Ministério da Saúde e a ampliação do nome do evento. Através dos Cartazes de divulgação e da memória de Obenaldo Sebastião, observamos que desde a I Parada em 2006 subsídios do governo federal através do Ministério da Saúde já chegavam ao sertão possivelmente via CNPJ do GGAL, como também já era organizada desde esse ano a *Semana da Diversidade Sexual de Delmiro Gouveia* com atividades educacionais, culturais e políticas já analisadas anteriormente. Como também a ampliação geográfica do nome do evento ocorreu na II Parada em 2007. Esses equívocos podem acontecer por uma falha biológica da memória, pelos processos de seleção e recortes ou pela aglutinação desses elementos a um ano que agrupou muitos avanços para o movimento.

Por exemplo, em 28 de novembro de 2007 é assinado pelo Presidente Luiz Inácio Lula da Silva o decreto de *Convocação à I Conferência Nacional de Políticas Públicas para a População GLBTTT*. Em 18 de Janeiro de 2008 o decreto é estadual assinado pelo então governador do estado de Alagoas Teotônio Vilela garantindo 4 conferências regionais: região metropolitana, zona da mata, agreste e sertão. Esta última conferência sertaneja de políticas públicas LGBTTT ocorreu em Delmiro Gouveia (AL) foi noticiada pela imprensa local, no Jornal Correio Regional:

Imagem 8 - Jornal Correio Regional, um periódico local divulga as atividades da primeira conferência regional do sertão voltada a políticas públicas para a população GLBTTT ocorrida em 16 de março de 2008.

Página 2

CORREIO REGIONAL

Editorial

TUDO É BONITO E INTERESSANTE ATÉ...

Quando iniciamos o Correio Regional sabíamos das dificuldades que iríamos encontrar, mas o desejo de divulgar e manter nossa cidade com notícias e informações, nos encoraja e dá prazer para nós, que gostamos de fazer aquilo que ainda nos tempos remotos serviria como linguagem universal: **COMUNICAÇÃO**. Suspiros e muito nossas carceiras para conseguirmos financiamento para que todos os meses, vocês amigos leitores, possam desfrutar de uma leitura agradável e grávida através deste periódico chamado: **Correio Regional**.

Recebemos muitos elogios e quase nenhuma crítica, isso é bom. **TUDO É BONITO E INTERESSANTE ATÉ...** a hora que fazemos em patrocinar o único Jornal da cidade, aí, é um Deus nos ajudando, fulano desconfessa pra lá,

Beltrano desconfessa pra cá, um sai de fininho pela tangente, outro sai de fininho com cara de pau, mesmo quando sabemos que são pessoas e instituições que podem, mas não querem ajudar a construir um pouco de **CULTURA** para a população, e o que chamamos de: **VENHA A NÓS, AO VOSSO REINO**.

Por que um Jornal ou veículo de Comunicação só, é percebido quando dá uma **"PANCADA"** em suas páginas, telas ou microfones? Aí, você que escreve, faz reportagem ou trabalha em qualquer veículo de comunicação, é lazado de, linguado, subversivo e outros adjetivos mais. E, se, o Correio Regional parar por causa de patrocínio... ??? Agora pergunto: **ISSO É BONITO E INTERESSANTE?**

Os Editores

Curiosidades

Conferência reúne Homossexuais

Em 16 de março de 2008, foi realizada em Delmiro Gouveia a Conferência Nacional de Políticas Públicas para a População GLBT (gays, lésbicas, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros). O evento reuniu pessoas de todas as idades, onde foram discutidos problemas que homossexuais de todo país sentem: preconceito e principalmente discriminação.

Ana Moura, Erica Faysson, Obinaldo Silva e Otávio Oliveira podem lutar por seus direitos e possuir uma opção sexual sentem-se muito bem, feliz da vida juntamente com Ana Moura sua atual companheira.

Para o presidente do Grupo de Gays e Lésbicas de Delmiro Gouveia (GLAD), **Obinaldo Silva** a conferência é uma vitória, pois o preconceito ainda é predominante na região. "Aqui estaremos discutindo Política Pública, Direitos Humanos, com um apoio em massa por parte da administração local: Prefeito e Secretários, colocando ao nosso dispor tudo que for necessário para realização do evento e com isso, vamos continuar nossa luta pelos nossos direitos", finalizou Obinaldo.

Otávio Oliveira Gerente de Adversidade

Para Otávio Oliveira, Gerente de Adversidade Sexual da Secretaria do Estado, da Mulher e dos Direitos Humanos, existe a necessidade de articular essas políticas em todo o Estado. Ainda segundo Oliveira, a 1ª conferência foi convocada pelo Presidente da República, através do decreto de 29 de novembro de 2007 e reforçado pelo Governador do Estado Teotônio Vilela, pelo decreto de 18 de janeiro de 2008, garantindo a realização de quatro conferências no Estado: Sertão, Agreste, Zona da Mata e Região Metropolitana. "Queremos mostrar que é normal e legal ser transexual, precisamos revisar uma política de gays, lésbicas e travestis aqui no sertão e demorar certos preconceitos", Concluiu Otávio.

Segundo Ana Moura, homossexual assumida, opção sexual é uma escolha na busca da felicidade. E, alega que, a sua bandeira é um arco-íris com diversidade de cores e gostos, cobrando das autoridades e todas as classes sociais, o essencial: respeito. "Só ganhamos respeito quando também damos respeito. Sou muito feliz, assumida e acredito que o amor não escolhe sexo, religião ou raça, o amor é universal", finalizou Ana em tom de satisfação.

Luciene da Silva conhecida como Pio, disse que a conferência é muito importante para que

Pedro do Doce e clientes

Pedro Luiz Alves da Silva seria mais um transeunte pelas ruas de Delmiro Gouveia se não fosse sua ousadia e sua enorme criatividade transformadas em determinação. Pela atual crise de desemprego no país, Pedro do Doce, como é carinhosamente chamado por todos que o conhecem, ficaria a se lamentar da situação em que vive; está desempregado há mais de dez anos e sem muita perspectiva para a sua família.

Natural de São Paulo, Pedro Luiz, 48 anos, resolveu morar em Delmiro Gouveia, cidade natal de sua esposa, e chegando a cidade, não encontra emprego, mas mesmo assim, essa situação não o abateu, tanto que logo começou a procurar alternativas de sobrevivências; descobriu que sua esposa Eliete Pereira tinha trabalhado em uma cooperativa e aprendeu a fazer doces e outras co-

midas mais, daí então, começaram a fabricar doces caseiros. A nova atividade vem dando certo Eliete fabrica os doces e Pedro sai às ruas duas vezes durante a semana vendendo os docinhos de Mamão com Coco, Doce de Leite em Calda e outros. Atualmente o casal e uma filha sobrevivem dessa atividade informal chegando a vender 800 polinhos por mês que custa um real cada. Mas, Eliete e Pedro queriam mesmo um emprego com carteira assinada alegando que, viver na informalidade, não é a mesma coisa que ter seu salário certo todos os meses, e, esperam algum dia, terem seus empregos fixos, seja aonde for.

Segundo Pedro do Doce, todo trabalho dignifica o Homem, mas o emprego fixo é uma certeza de salário certo todos os meses, chova ou faça sol, "quando não estou vendendo doce, estou fazendo "bicos", trabalho de pedreiro, pintor de casa, eletricitista, faço de tudo dignamente para sobreviver". Argumentou Pedro.

Eliete ainda trabalha como vendedora de cosméticos quando não está fazendo doce, pois alega que só os docinhos não dariam para sobreviver, "temos uma filha estudando, uma casa para cuidar e outras coisas a mais", alertou Eliete em tom de cobrança.

CORREIO REGIONAL COMPROMISSO COM A VERDADE DOS FATOS

Uma publicação: LFCOM Comunicação & Marketing
CNPJ: 09.193.861/0001-08
Endereço: Rua Augusta, 220 - Centro - Del. Gouveia - AL
Fones: (82) 3641.3581 - 3641.3173 - 9997.6581 - 9998.7305
Dir. Reportagem: Tadeu Gobeu / Dir. Redação: José Lisboa
Colaboradores: José Clênio Sandes e Miguel P.ella
Jornalista Responsável: Dr. Mario Cardoso
Diagramação: José Lisboa
Impressão: Editora Fonte Viva (76) 3281.4816 / P. Afonso-BA
Tiragem: 1.000 exemplares / Periodicidade: Mensal
Os artigos assinados não representam necessariamente a opinião do jornal

FAGNER

Abertura de firmas, todos os tipos de alterações, baixas, programas informatizados folha fiscal e contábil, impostos de renda pessoas físicas e jurídicas. Além de toda cobertura nas áreas trabalhistas, previdenciária, federal, fiscal e contábil.
R. da Independência, 64-B
Centro - Delmiro Gouveia - Alagoas
Fone/Fax: (82) 3641.2210
Cel: (82) 8826.7354

Fonte: acervo pessoal de Obinaldo Sebastião da Silva.

A ocorrência da primeira conferência regional do sertão voltada a políticas públicas para a população GLBT em 16 de março de 2008 se configura como um marco histórico de escuta pelo Estado das demandas de cidadãos que fazem parte da população de gays, lésbicas, bissexuais, travestis, transexuais, transgênero na região sertaneja. Segundo o Correio Regional, contou com a presença de Otávio Oliveira, gerente de diversidade sexual da Secretaria de

Estado da Mulher e dos Direitos Humanos, Ana Moura e sua companheira Luciene Silva (conhecida popularmente como Piu), Obenaldo Silva, que apesar de estar na informalidade já era identificado como presidente do GLAD, Érica Faysonn a primeira transexual alagoana a fazer uma cirurgia de redesignação sexual.

Do dia 5 a 6 de abril de 2008 em Maceió (AL) houve a *I Conferência Estadual de Políticas Públicas para a População GLBT* e Obenaldo Sebastião da Silva participou como delegado representando o GLAD.

Imagem 9 - Certificado de participação da *I Conferência Estadual de Políticas Públicas para a População GLBT* (2008).



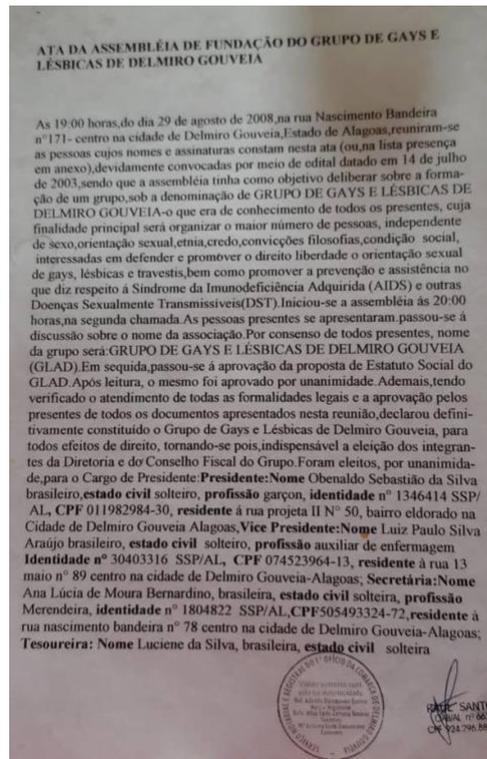
Fonte: Acervo pessoal de Obenaldo Sebastião da Silva.

E em 5 de maio de 2008 a execução da *I Conferência Nacional de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais (2008)*, realizada em Brasília (DF). Nesse evento a sigla LGBT foi adotada para se referir a populações de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, transexuais que foi ouvida e se tornou alvo do planejamento de políticas públicas e promoção à cidadania.

Na esteira desse contexto de efervescência do debate público sobre cidadania LGBT, em 24 de agosto de 2008 ocorreu a III Parada da Diversidade Sexual do Alto Sertão, envolvendo as atividades educacionais, sociais, políticas e culturais narradas por Ana Moura e logo em seguida no dia 29 de agosto de 2008 o GLAD foi juridicamente formalizado quando

aconteceram os processos de *Ata de Assembleia de Fundação do Grupo de Gays e Lésbicas de Delmiro Gouveia (GLAD)* e abertura de CNPJ aberto. A memória de Ana Moura está contextualizada com essa cena do movimento LGBT nacional, então é esperado que ela reconheça o ano de 2008 como um marco histórico devido ao efeito desses fatos históricos na formação do GLAD.

Imagem 10- Scanner da primeira página da *Ata de Assembleia de Fundação do Grupo de Gays e Lésbicas de Delmiro Gouveia*.



Fonte: Acervo pessoal de Ana Lúcia Moura Bernardino.

Na análise da *Ata de Assembleia de Fundação do Grupo de Gays e Lésbicas de Delmiro Gouveia* (2008) percebemos que o documento não estava completo então só observamos a primeira página, evidentemente carimbada e devidamente registrada. Essa parte da ata descrevia algumas informações gerais da reunião que aconteceu às 19:00 horas do dia 29 de agosto de 2008 no seguinte endereço, Rua Nascimento Bandeira, nº 171, Bairro Centro, Delmiro Gouveia (AL). A ata de fundação indica um documento anexo com a lista de presença das pessoas, isso poderia identificar quais outras pessoas fizeram parte dessa articulação da qual não tivemos acesso. O objetivo da assembleia foi definido para "[...] deliberar sobre a formação

de um grupo, sob a denominação de Grupo de Gay e Lésbicas de Delmiro Gouveia" (*Ata de Assembleia de Fundação do Grupo de Gays e Lésbicas de Delmiro Gouveia*, 2008).

Finalmente o nome Grupo de Gays e Lésbicas de Delmiro Gouveia (GLAD) se consolida no processo de histórico, mas ainda é cercado de debates e disputas, como já vimos Ana Moura relata que a origem desse nome foi sugestão dela para atender as necessidades de não-identificação com a nomenclatura do antigo movimento Flor de Cactos, então inspirados pelo filme *O Gladiador* (2000) propôs a mudança para o nome GLAD como um símbolo de combatividade dos gladiadores contra o preconceito em Delmiro Gouveia (AL), porém esse discurso além de estabelecer uma linha de continuidade sólida entre o grupo Flor de Cactos e o GLAD, o que não temos segurança ainda para afirmar devido à dificuldade de acesso a algumas fontes e necessidade de ampliação dos documentos orais. Esse discurso também agencia um lugar de poder para Ana Moura de centralidade, protagonismo e pioneirismo, com isso, não objetivamos negar essas características, mas é necessário reconhecer também a trajetória de outros agentes protagonistas deste processo. Obenaldo Sebastião conta outra narrativa sobre a origem do nome do movimento, segundo ele, após a formação do *Projeto SOMOS* (2006) eles foram orientados que:

O nome poderia ser ‘tal’ mas a gente poderia fazer um nome fantasia para resumir tudo e ficar menor de ser pronunciado e eu assistia muito o desenho das ‘3 Espiãs Demais’, assistia as ‘3 Espiãs Demais’, tá naquele desenho tinha uma máquina que era o cérebro de tudo que dava as ordens e ia se fazer o que não ia, então era uma máquina a G.L.A.D.I.S. que tinha as três espiãs tinha o chefe que era o Gerald James e tinha essa máquina que providenciava todos os acessórios das três espiãs ai G.L.A.D.I.S. G.L.A.D.I.S. GLADES GLADS GLAD ei eu disse pronto eu vou usar GLAD eu vou usar GLAD então por isso eu vou usar GLAD, mas o nome é Grupo de Autoafirmação de Delmiro Gouveia (AL), mas aí para o nome fantasia ficou GLAD (Obenaldo Sebastião da Silva, 2023).

Nesse relato aparece outra referência da cultura *pop*, a animação francesa, *As três espiãs demais!* (2001) feita por David Michel e Vincent Chalvon-Demersay transmitida na TV aberta brasileira em 2002. Em sua terceira temporada apresenta uma nova personagem, um robô inteligente chamado G.L.A.D.I.S. que fazia o papel de assistente de trabalho do Gerald James, o chefe das espiãs. A escolha dessa referência pela sonoridade demarca uma preocupação estética, não só de Obenaldo mas de Ana também. Obenaldo Sebastião continua a explicar:

[...] o nome fantasia é GLAD, para tirar ummm foco de dizer assim a ‘é uma associação de viado, de viado’ [fala o termo viado de forma sussurrada] aquela coisa, né agente logo se pensa nisso, [...] dentro da própria orientação que foi passada para que tirasse esse foco annnn porque assim em determinados

lugares como algumas vezes pode acontecer sim ou não de repente você põe uma associação tá lá eeeee pode ser apedrejada simplesmente pelo simples nome detalhado que se encontra ali a vista de todo mundo [...] (Obenaldo Sebastião da Silva, 2023).

Segundo ele um dos motivos de usar a sigla atual do Movimento de Gays e Lésbicas de Delmiro Gouveia foram orientações recebidas pela formação do Projeto SOMOS, através da técnica *advocacy*: era de formar um nome fantasia que não chamasse a atenção para questão gay, principalmente por conta das violências agenciadas contra instituições que defendiam direitos humanos e causas ligadas a diversidade de gênero e sexualidade, então essa escolha é também uma forma de resistência para driblar a LGBTfobia estrutural.

As memórias em relação à sigla do GLAD são sempre muito conflituosas, principalmente porque nomear é uma demonstração de poder, e esses dois sujeitos estão disputando o lugar de nomeadores do GLAD. Porém, apesar das controversas narrativas percebemos algumas práticas similares nos discursos dos entrevistados, primeiro uma preocupação estética, com a sonoridade, o uso dos sentidos o efeito e a beleza que está dentro a cultura LGBTQIA+ de uma forma geral, segundo Ana Moura: “Gay gosta de efeito [...] E depois eu fiquei sabendo até que GLAD em inglês significava feliz, tudo a ver com a gente, né? A gente tinha tudo a ver com isso” (Ana Lúcia Moura Bernardino, 2023). Nessa mesma seara estética a referência das duas narrativas são a cultura pop tão apreciada comunidade LGBTQIA+. Quando falamos es estética não significa que esse é um trato despolitizado, muito pelo contrário as duas narrativas gozam de um forte cunho político, no caso de Ana Moura uma referência a combatividade do movimento metaforizado como um gladiador, e Obenaldo Sebastião coloca a possibilidade de desenvolver formas de resistência e negociação na ocupação do espaço público. Então são operações estéticas e políticas bem articuladas, sofisticadas e importantes para a sobrevivência do GLAD no Sertão.

Outra questão muito debatida no tempo presente é a representatividade. Quando observamos a sigla do movimento existe a menção de pessoas gays e lésbicas, porém Obenaldo Sebastião que foi presidente por anos se identifica como bissexual, além dos registros fotográficos mostrarem a participação de travestis e mulheres transgênero nas atividades do grupo, estariam essas pessoas sub representada na sigla do movimento?

Imagem 11 - Atividade educativa e distribuição de panfletos em escola pública de Delmiro Gouveia, S/D.



Fonte: acervo pessoal de Ana Moura.

Imagem 12 - Atividade esportiva com a população LGBTQIA+ realizada na VII Parada da Diversidade Sexual do Alto Sertão (2012) onde identificamos a presença de pessoas Travestis e transgênero.



Fonte: acervo pessoal de Ana Moura.

Imagem 13 - Atividade de divulgação da VII Parada da Diversidade Sexual do Alto Sertão (2012) onde identificamos mulher trans ou travestis.



Fonte: acervo pessoal de Ana Moura.

Além desses registros fotográficos que remetem a alguns anos depois da formalização do movimento, tanto Ana Moura como Obenaldo Sebastião narram que a participação de uma variedade de pessoas na formação inicial do grupo: “[...] eram gays lésbicas, tinha muitos bis e tinha travestis, né da época” (Obenaldo Sebastião da Silva, 2023). Ana diz existirem “travestis, gays e lésbicas” (Ana Lúcia Moura Bernardino, 2023). E Obenaldo ressalta a participação dos simpatizantes: “[...] pessoas simpatizantes, que chegaram e colocaram, olha eu quero me associar ao GLAD como simpatizante, gosto muito, sabe sou apoiador da causa, então assim eu quero me tornar sócio do movimento [...]” (Obenaldo Sebastião da Silva, 2023). Então são citados pessoas, gays, lésbicas, bissexuais, travestis e simpatizantes, essa variedade de identificações que foram testemunhadas na memória dos entrevistados, não estão registradas no nome do movimento. Obenaldo diz que:

[...] no decorrer da História do próprio movimento é que está sendo acrescentado o processo da sigla, então na época do GLAD, era, que se iniciou com o GLS, na verdade era GLS, Gays, Lésbicas e Simpatizantes [risadas do entrevistado] então depois veio GLBT, Lésbicas, Bissexuais, Travestis o mesmo T de Transexuais e Transgênero e a partir daí, do tempo, ver-se que nós já estamos com o alfabeto inteiro [ar de risos] (Obenaldo Sebastião da Silva, 2023).

Então, Obenaldo Sebastião evoca a construção histórica da sigla, e demarca a criação do nome do movimento contextualizado com seu tempo, é importante entendermos as referências temporais, por exemplo o movimento mais velho em funcionamento é o Grupo Gay da Bahia que não só trabalha questões da homossexualidade, mas uma diversidade de indivíduos, porém no período de sua fundação era comum o uso do termo homossexual para toda diversidade de sexualidade e gênero.

Atualmente essas ideias tem se modificado e novas subjetividades surgem em busca de visibilidade e reconhecimento. O fato da sigla do GLAD não ter as referências a esses outros sujeitos não significa que o grupo não trabalhe com uma variedade de pessoas de sexualidade e gêneros diferentes. Segundo Ana Moura, ela: “[...] nunca tive queixa de ninguém, pelo contrário. Eles sempre disseram assim, eu tenho o maior orgulho de ser do GLAD [...] inclusive a minha proposta outro dia foi a mudança de uma letra e ninguém aceitou. Todo mundo quer que continue GLAD” (Ana Lucia Moura Bernardino, 2023). O fato dela dizer que nunca ouviu nenhuma reivindicação não significa que não houvesse, essa negação pode estar ligada a não percepção da entrevistada sobre o problema, como também a possibilidade de determinadas críticas não virem à tona no debate dentro do grupo. Como as lutas por reconhecimento das subjetividades são historicamente referenciadas então percebemos que de modo geral essa questão de representação das trans e bissexuais não parece ser um problema, e uma vez o nome consolidado ele ganha sentido afetivo e torna-se um símbolo de resistência do qual possivelmente não pretendam modificar.

Apesar de não ter em sua sigla as representações restantes o GLAD sempre se planejou para acolher uma diversidade de sujeitos, Ana Moura narra: “[...] até porque a ideia nossa dentro do GLAD era com o tempo, além do GLAD, a gente fundar dentro do GLAD, é núcleos. Entendeu? Então, núcleos de travesti, lésbica, gay, o desenrolar do GLAD seria eles [...] inclusive consta no estatuto, travestis” (Ana Lúcia Moura Bernardino, 2023). Bem, nós não tivemos acesso ao estudo citado por Ana Moura, então não conseguimos verificar se essa estratégia está realmente registrada, porém a *Ata de Assembleia de Fundação do Grupo de Gays e Lésbicas de Delmiro Gouveia* (2008) quando descreve o objetivo do grupo nos traz algumas informações que corroboram com as afirmações de Ana.

A ata define como objetivo do movimento a “[...] organização o maior número de pessoas [...]” (*Ata de Assembleia de Fundação do Grupo de Gays e Lésbicas de Delmiro Gouveia*, 2008) essa sentença expressa uma preocupação com a quantidade de pessoas, quanto mais pessoas tiver melhor, isso pode ser entendido como um sinal de apoio popular.

Continuando: "[...] pessoas independentes do sexo, orientação sexual, etnia, credo, convicções filosóficas, condição social [...]" (*Ata de Assembleia de Fundação do Grupo de Gays e Lésbicas de Delmiro Gouveia*, 2008), então a abrangência só aumenta e demonstra como o projeto idealizado pretendia ser aglutinador de pessoas LGBTQIA+ como também de outras interseccionalidades de marcadores étnico-raciais, econômico-sociais, de livre pensamento, sexo, sexualidade e gênero.

O objetivo continua sendo desenvolvido: "[...] promover o direito de liberdade e orientação sexual de gays, lésbicas e travestis, bem como promover a prevenção e assistência no que diz respeito à Síndrome da Imunidade Adquirida (AIDS) e outras Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST) [...]" (*Ata de Assembleia de Fundação do Grupo de Gays e Lésbicas de Delmiro Gouveia*, 2008).

Então, essa diversidade de indivíduos é atravessada pela defesa de direitos da liberdade voltada a diversidade de gays, lésbicas e travestis, aqui percebemos que: Segundo o documento não precisaria ser LGBTQIA+ para se preocupar e defender pautas voltadas a essa população; demonstra como há a idealização desse movimento se pretende inclusivo e plural; evidência as travestis e se compromete com suas lutas; observamos que apesar da sigla "T" não está inserida no título do grupo, nesta ata de fundação elas estão contempladas; e por último a preocupação do movimento em lidar com questões voltadas a saúde pública, como as chamadas nesse período, DTSs e AIDS estão relacionadas ao estigma do HIV/AIDS conhecida como uma "Peste Gay" citado por Ana Moura (2023) e ao combate no campo da saúde para doenças que nesse período se voltavam muito ao público de gays lésbicas e travestis, assim como se configura em uma estratégia de captação de recursos públicos no desenvolvimento de atividades no campo da saúde pública, como informado por Ana Moura (2023).

Então, percebemos que a memória oral, documentos e fotos, nos mostram um cotidiano cercado da pluralidade de pessoas, homens gays, mulheres lésbicas, travestis e até simpatizantes, pessoas que se identificavam com a causa e apoiavam o movimento. Sujeitos que desenvolviam uma diversidade de formas de resistência e enfrentamento à LGBTfobia em Delmiro Gouveia.

O grupo continuou a desenvolver suas atividades sobre a organização da primeira diretoria do GLAD composta pelo presidente Obenaldo Sebastião da Silva o vice-presidente Luiz Paulo Silva Araújo, a secretária geral Ana Lúcia de Moura Bernardino e a tesoureira Luciane da Silva conhecida popularmente como Piu e é esposa de Ana Moura. Essa composição durou até o dia 30 de agosto de 2011, onde foi realizada uma assembleia geral da qual foi nos cedido a ata completa. Nesse momento foi definida uma nova diretoria sendo a: presidente

Luciene da Silva popularmente conhecida como Piu e esposa de Ana Moura, foi eleita a primeira uma mulher transgênero como vice presidente, conhecida como Layla e tem seu nome morto citado nesse documento, motivo pelo qual não iremos publicá-lo aqui. Como tesoureiro Aricélio rodrigues da Silva e como secretário geral Miciel Juvenal dos Santos.

A partir desse ano Obenaldo Sebastião se afasta do grupo e o GLAD passa por um processo de desmonte justamente no contexto nacional de popularidade e ascensão da extrema direita, golpe de 2016, o governo Bolsonaro de 2019 a 2022 e pandemia de COVID-19. Ana Moura cita que esses elementos influem na implementação de políticas públicas e investimentos para as organizações da sociedade civil principalmente as que lidam com a diversidade de sexualidade e gênero. Então nesse contexto o CNPJ do GLAD ficou inativo durante alguns anos, diminuindo sua envergadura de atuação, e foi reativado no dia 4 de abril de 2023, passando por um processo atual de reestruturação.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS: “O GLAD é uma fênix e ele está ressurgindo das cinzas”¹⁰

Esta pesquisa contribui para o domínio historiográfico da história da sexualidade pensando nas condições de formação e trajetória do GLAD. Ao longo desse estudo constatamos um contexto específico para insurgência de um grupo de tal natureza. A memória dos entrevistados, principalmente de Ana Moura que sempre morou na cidade de Delmiro Gouveia (AL), discorreu sobre uma relação muito violenta entre o município e as homossexualidades das décadas de 1980, 1990 e primeiros anos do séc. XXI, tais violências foram mencionadas: violência e perseguição policial, culpabilização de vítimas, sexualidades vivenciadas de forma escondida, ataques de homens que mantinham atividade sexual escondida com os gays assumidos (bater, espancar, assaltar), o uso de termos como viadinho, viado, florzinha, flor de mamulengo com um cunho pejorativo, estupros e tortura policial voltado a lésbicas e travestis, prisão, perda de emprego, estigma do gay ou lésbica ser um possível estuprador de crianças, o estigma da AIDS, o uso do termo “Sapatona” para desclassificar mulheres lésbicas, humilhações públicas promovidas pelas crianças da cidade, assassinato brutal, humilhação

¹⁰ Fala de Ana Lúcia Moura Bernardino (2023) indicando um processo de reestruturação do GLAD em 2023.

familiar, ameaças de expulsão de casa, desabrigados, e violência verbal na escola.

Esse é o cenário de repressão as sexualidades e gêneros não-hegemônicos no território delmirenses. Os olhos atentos das tecnologias de vigilância estão sempre bem atentos aos desvios agenciando essas várias estratégias de violência para disciplina (FOUCAULT, 2011) dos corpos classificados como desviantes. Muito embora, essa relação às vezes é controversa, pois a mesma cidade que gesta hostilidades as homossexualidades também é a que homenageia um sujeito gay no fim do séc. XX, o caso de Zé Mulher, um famoso estilista da cidade, que foi homenageado pelo popular Bloco Pompeu. Também é a mesma cidade que demonstra relativo apoio ao movimento das paradas da diversidade desde 2006, de algumas pessoas da sociedade civil, do setor político e privado, inclusive conquistando simpatizantes que se associaram ao grupo.

Colocadas todas as problemáticas envolvendo as concepções acima, percebemos que a repressão não é total ou absoluta. Porém, vale destacar que a repressão não deixa de existir por conta disso, pelo contrário, esses são exemplos de concepções, são conquistadas a partir de negociações e formas de enfrentamento as relações de poder que empreendem a hostilidade as sexualidades e gêneros não-hegemônicos ao longo da História de Delmiro Gouveia (AL).

A resistência a essas investidas do poder é um dado marcante nas fontes e perpassam desde práticas de silenciamento estratégico, fazer de sua residência um ponto de acolhimento para gays, lésbicas e travestis até planejar as primeiras formas de organização coletiva, da qual destacamos o grupo Flor de Cactos uma experiência marcante na memória e importante para o desdobramento do GLAD enquanto primeira organização formalizada de luta pela liberdade e direitos de pessoas LGBTQIA+ em Delmiro Gouveia (AL) e em todo o Alto Sertão.

Então as organizações coletivas se configuram como uma forma de resistência e enfrentamento a LGBTfobia em Delmiro, uma reação estratégica as investidas do poder. Na documentação parece o Grupo Gay de Delmiro Gouveia (GGD) como realizador da primeira parada em 2006 depois na segunda parada em 2007 o nome já se transforma no GLAD. Em 2008 temos um cenário efervescência no debate popular sobre a diversidade com as conferências regional, estadual e nacional de políticas públicas para a comunidade GLBTT, a formação da sigla LGBT e a consolidação do GLAD como uma organização juridicamente formalizada.

Em paralelo nossos entrevistados narram uma transformação na operação da

LGBTfobia que se desloca para uma forma mais velada, a exemplo das técnicas de exclusão social agenciadas contra Ana Moura depois da sua colocação pública como lésbica, e a possibilidade de manifestações de veladas de rejeição ao movimento LGBT e das paradas da diversidade. Em 2011 identificamos a mudança na diretoria do GLAD, e no decorrer dos próximos anos um movimento de desarticulação contextualizado com a ascensão da extrema direita, o golpe de 2016, o governo Bolsonaro, e pandemia de COVID-19. Sendo reunidos esforços dos membros do grupo para reativação do CNPJ em 2023 e um movimento de subsequente reestruturação do GLAD.

E por último queria trazer à tona o debate da memória. Nesse trabalho, esse é um campo de muita disputa e conflitos os discursos de Ana Moura e Obenaldo Sebastião a todo momento reivindicam para si a centralidade, protagonismo e pioneirismo do movimento LGBTQIA+ em Delmiro Gouveia (AL) ao longo da análise das fontes podemos identificar que eles são sujeitos importantes para mobilização desses movimentos de resistência e tem sim sua parcela grande de atuação e protagonismo. Porém, o processo de estabelecimento do movimento pela diversidade de sexualidade e gênero nesta cidade se mostra também coletivo, é justamente a capacidade dessas duas pessoas mobilizarem a população LGBTQIA+ de forma coletiva que faz da experiência do GLAD uma importante referência, às várias travestis, bissexuais, gays, lésbicas e simpatizantes do qual nem os nomes conseguimos identificar, mas que fizeram parte dessas articulações.

Então reconhecemos que essa pesquisa não é nem presente ser uma palavra final sobre nada. É na verdade uma possibilidade contextualizada no tempo e no espaço e tem seus limites, esperamos que outros pesquisadores possam aprofundar esse debate, ampliar as fontes orais e tentar conquistar o acesso a outras fontes restantes para uma ampliação da percepção histórica do Grupo de Gays e Lésbicas de Delmiro Gouveia (GLAD) o nosso jardim de mamulengos do alto sertão de Alagoas.

REFERÊNCIAS

Alagoas é um dos estados mais perigosos para a população LGBTQIAPN+. Disponível em: <<https://www.7segundos.com.br/maceio/noticias/2023/01/20/220427-alagoas-e-um-dos-estados-mais-perigosos-para-a-populacao-lgbtqiapn>>. Acesso em: 13 jun. 2023.

ALBERT, Verena. **Manual de História Oral**. 3ª edição. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013. 386 p.

ALBUQUERQUE JÍNIORJÚNIOR, Durval Muniz de. **História: a arte de inventar o passado**. Bauru, SP: Edusc, 2007. 256 p.

ARIÈS P. & BÉJIN A. (orgs.). **Sexualidades ocidentais**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BARROS, José D'Assunção. **O Campo da História: especialidades e abordagens**. Ed. 4º. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

BLOCH, Marc. **Apologia da história, ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BURKE, Peter. **A Revolução Francesa da historiografia: a Escola dos Annales 1929-1989**. 1991.

CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, lar e botequim. O cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Époque**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

CHARTIER, Roger. **A história cultural**. Lisboa/Rio: Difel/Bertrand, 1988, p. 80.

CHAUÍ, Marilena. **Repressão sexual: essa nossa (des)conhecida**. 3a ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.

COMBLIN, Joseph. **A ideologia de Segurança Nacional. O poder militar na América Latinan**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

CUNHA, Maria Clementina Pereira da. **O espelho do mundo — Juquery, a história de um asilo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

D'ARAUJO, M. C. et al. (org.) **Visões do golpe: a memória militar sobre 1964**. Rio de Janeiro: Relume- Dumará, 1994.

DELGADO, L. **História oral: memória, tempo, identidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

DUBY, Georges. "Introdução". In: **Amor e sexualidade no Ocidente**. Porto Alegre: L&PM, 1992.

ENGEL, Magali Gouveia. **História e Sexualidade**. In: VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 430 - 450.

ENGEL, Magali. **Meretrizes e doutores. Saber médico e prostituição no Rio de Janeiro (1840-1890)**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

ESTEVEES, Martha de Abreu. *Meninas perdidas. Os populares e o cotidiano do amor no Rio de Janeiro da Belle Époque*. Rio: Paz e Terra, 1989.

FICO, Carlos. *Além do golpe: versões e controvérsias sobre 1964 e a ditadura militar*. Rio de Janeiro: Record, 2004.

FOUCAULT, Michel. **Em Defesa da Sociedade - Curso no College de France (1975-1976)**. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1999. 382 p.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Edição 13ª, Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979. 295 p.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: Nascimento da prisão**. 39ª edição. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 2011. 291 f.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade II: O uso dos prazeres**. Rio de Janeiro, Graal, 2006.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade III: Cuidado de si**. Rio de Janeiro, Graal, 2007.

FREYRE, Gilberto. *Casa grande e senzala*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973 (16ª ed.)

FREYRE, Gilberto. *Sobrados e mucambos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1981,(16º ed.).

GOLDBERG, A. *Feminismo e autoritarismo: a metamorfose de uma utopia de liberação em ideologia liberalizante*. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1987.

GREEN, James N. *Forjando alianças e reconhecendo complexidades: as ideias e experiências pioneiras do Grupo Somos de São Paulo* in: GREEN, James N; QUINALHA, Renan; CAETANO, Mareio e FERNANDES, Mansa (org.). 1 ed. São Paulo: Alameda, 2018, 536 p.

GREEN, James N; QUINALHA, Renan; CAETANO, Mareio e FERNANDES, Mansa (org.). *História do Movimento LGBT no Brasil*. 1 ed. São Paulo: Alameda, 2018, 536 p.

GRISSET, Antoine. Foucault, um Projeto Histórico. Vários. *A nova história*. Lisboa: Ed. 70, 1984, p. 62.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*, tradução: Laís Teles Benoir, São Paulo: Centauro, 2004.

KOTIRENE, Karla. *Interseccionalidade*. São Paulo: Polém, 2019. 150 p.

LIBARDONI, M. *Fundamentos teóricos e visão estratégica da advocacy*. *Revista de Estudos Feministas*. Florianópolis, v. 8, n. 2, 2000. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/11936> Acesso em: 11 dez. 2016.

MACRAE, Edward. *Identidades homossexuais e movimentos sociais urbanos no Brasil da "Abertura"* (2018) in: *História do Movimento LGBT no Brasil / organização James N. Green*,

- Renan Quinalha, Mareio Caetano, Mansa Fernandes. 1 ed. São Paulo: Alameda, 2018, 536 p.
- MEIHY, J.; HOLANDA, F. História oral: como fazer, como pensar. São Paulo: Contexto, 2013.
- MELLO, L.; AVELAR, R. B. de.; BRITO, W. Políticas públicas de segurança para a população LGBT no Brasil. *Estudos Feministas*, v. 22, n. 1, p. 297-320, 2014.
- MOREIRA, Adilson José. O que é discriminação? Belo Horizonte: Letramento, 2017.
- Números absolutos TMM (2008 - setembro de 2022). Disponível em: <<https://transrespect.org/en/map/trans-murder-monitoring/>>. Acesso em: 13 jun. 2023.
- Observatório de Mortes e Violências LGBTI+ no Brasil: Mortes e Violências Contra LGBTI+ no Brasil - Dossiê 2022. Disponível: <<https://observatoriomorteseviolenciaslgbtibrasil.org/dossie/mortes-lgbt-2022/#dossi%3AA-completo-de-mortes-e-viol%3AAncias-contralgbti+-no-Brasil-em-2022>>. Acesso em: 13 Jun. 2023. 2023.
- POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Revista de estudos históricos**, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.
- POLLAK, Michel. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, 3, 1989, p. 3 - 15, 1989.
- QUINALHA, Renan H. Contra a moral e os bons costumes: a política sexual da ditadura brasileira (1964-1988). 329 f. (Tese de doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais, Universidade de São Paulo, 2017.
- QUINALHA, Renan. *Uma ditadura hetero-militar: notas sobre a política sexual do regime autoritário brasileiro* (2018) in: GREEN, James N; QUINALHA, Renan; CAETANO, Mareio e FERNANDES, Mansa (org.). História do Movimento LGBT no Brasil. 1 ed. São Paulo: Alameda, 2018, 536 p.
- RAGO, Margareth. Do cabaré ao lar. A utopia da cidade disciplinar. Brasil, 1890-1920. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- RAMOS, Marcelo Maciel; NICOLI, Pedro Augusto Gravatá. O que é LGBTfobia? In: RAMOS, Marcelo Maciel; NICOLI, Pedro Augusto Gravatá; BRÊNER, Paula Rocha Gouvêa. (Orgs.). Gênero, sexualidade e direito: uma introdução. Belo Horizonte: Initia Via, 2016, p. 183-192.
- Relatório Final da CNV, Livro II, p. 300 - 311 . <http://www.cnv.gov.br/images/pdf/relatorio/Vol%20II-%20Texto%207.pdf>.
- Revista Brasileira de História*. vol. 9, nº 17, set. 1988/fev. 1989.
- RIBEIRO, Renato Janine. A política dos costumes. In: Novaes, Adauto (Org.). Muito além do espetáculo. São Paulo: Senac, 2005, p. 138.
- SOARES, Luiz Carlos. Rameiras, ilhoas e polacas... A prostituição no Rio de Janeiro do século XIX. São Paulo: Ática, 1992.
- SOIHET, Rachel. Condição feminina e formas de violência — mulheres pobres e ordem urbana,

1810-1920. Rio de Janeiro: Forense, 1989.

VAINFAS, Ronaldo (org.). História e sexualidade no Brasil. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1986.

ANEXOS

ANEXO I



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – CAMPUS DO SERTÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

**JARDIM DE MAMULENGOS NO ALTO SERTÃO DE ALAGOAS: FORMAÇÃO
HISTÓRICA DO GRUPO DE GAYS E LÉSBICAS DE DELMIRO GOUVEIA - AL
(2008-2023)**

TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA

Ficha técnica

NOME: Ana Lúcia Moura Bernardino IDADE: 54 anos
 DATA DE NASCIMENTO: 19/01/1969
 FILIAÇÃO: João Bernardino Sobrinho & Severina de Moura Bernardino
 ESTADO CIVIL: Casada LUGAR DE NASCIMENTO: Jaboatão dos Guararapes (PE)
 ESCOLARIDADE: Ensino Médio Completo PROFISSÃO: Merendeira
 NATURALIDADE: Brasil ETNIA/RAÇA/COR: Negra
 GÊNERO/SEXUALIDADE: Mulher Cis / Lésbica
 RELIGIÃO: Espirita Kardesita ENDEREÇO: Rua Henrique Dias, nº 703, Bairro Novo

Entrevista realizada no contexto da pesquisa **JARDIM DE MAMULENGOS NO ALTO SERTÃO DE ALAGOAS: FORMAÇÃO HISTÓRICA DO GRUPO DE GAYS E LÉSBICAS DE DELMIRO GOUVEIA - AL (2008-2023)** projeto do pesquisador em formação Ronaldo Alves. Tendo como entrevistador o graduando em História Licenciatura Ronaldo Alves e entrevistada Ana Lúcia Moura Bernardino. A entrevista foi gravada no dia 03/06/2023 no seguinte endereço Rua Henrique Dias, Nº 703, Bairro Novo, Delmiro Gouveia (AL).

Transcrição de entrevista

R – Boa tarde, Ana. Meu nome é Ronaldo. Sou estudante de história da UFAL. Eu vou ler aqui o texto de introdução da entrevista e no final você diz se concorda ou não.

Entrevista de história oral temática concedida no 03 de junho de 2023, tendo como entrevistada a senhora Ana Lúcia Moura Bernardino, como entrevistador, o graduando em História de Licenciatura, Ronaldo Alves de Oliveira. O objetivo dessa pesquisa científica é aplicar essa entrevista para pessoas que fizeram parte da formação do grupo de gays e lésbicas de Delmiro

Gouveia Glad para compreender o processo de desenvolvimento desse movimento no Alto Sertão. Isso nos ajudará a identificar casos de homofobia, lesbofobia, discriminação e violência contra a comunidade LGBT+, bem como a perceber as suas formas de enfrentamento e de resistência a essas violências. Senhora Ana Lúcia de Moura Bernardino, a senhora autoriza a utilização do referente de depoimento no todo ou em parte, editado ou integral, inclusive cedendo seus direitos a terceiros no Brasil e/ou exterior, para ser usado exclusivamente com o objetivo de produzir e divulgar o conhecimento científico?

A - Sim.

R - Então vamos começar.

A - Vamos.

R - Começar com a história de vida do entrevistado.

A – [conversa fora a entrevista] Sim, e o que é? Não pode colar não? Não dá para você fazer assim e tentar fixar?

Dá, dá, dá. Porque eu acho que você colocou muita coisa pesada. É isso aí.

Realmente, vê ali com ela se dá para você ir depois fixar, é? Pois, soltou. Olha aí, enquanto eu vejo ali. É isso.

R - A entrevistada precisou de um tempinho para resolver um problema com a esposa. Vamos dar prosseguimento. Ana, onde a senhora nasceu?

A - Jaboatão, Pernambuco.

R - Onde e como foi a sua infância?

A - Aqui em Delmiro Gouveia, desde pequenininha na rua Delmiro Gouveia.

R - Fale-me sobre seus antepassados, sua tradição familiar, que conhecimentos a sua família lhe passava sobre o mundo?

A – Minha mãe é tradicional, né? Minha família Toda família tradicional, conservadora. Minha mãe teve muito essa questão de ética, de moral. Isso ela ensinou muito aos seus filhos. Ela dizia muita gente que o pobre não tem nada, mas ele tem que ter a dignidade, tem que ter palavra. Então, a minha mãe, ela criou seus filhos, nós somos cinco, quatro homens e uma mulher, que sou eu, e ela criou-se as filhas com a Ética. E, assim, ela me criou para casar. Ela me criou para me formar, para me casar, para ser uma professora, casada de vel e grinalda. Ela me criou dentro de uma estrutura que ela recebeu familiar. Na cabeça dela era isso.

R - Como era a sua família e seu cotidiano naquele tempo?

A - Normal, brincadeiras de roda, escola, irmãos mais velhos, quatro irmãos mais velhos, a maioria já casados. Família tradicional, tipicamente tradicional, de conceitos tradicionais.

R – Que pessoas frequentavam sua casa?

A - Amigos do meu irmão, os amigos dos meus irmãos. Minhas amigas, minha família. A gente vivia mais um clima familiar. Amigos em escola, que estudavam comigo. Agora desde pequena, por mais que eu vivesse numa família tradicional, eu diria que eu era uma criança à frente do tempo. Porque eu era uma criança que aos sete anos eu fiz minha primeira greve na escola. Eu já era uma criança assim mais... Eu não tinha aquele comportamento que a minha família dava, que a minha mãe queria, daquela menininha quietinha, comportadazinha. Eu já era mais assim... Dentro da própria escola eu era mais briguenta, eu exigia as coisas, eu não aceitava aquilo que eu não achava que era direito. É tanto que aos sete anos eu fiz minha primeira greve. A professora escrevia sempre a tarefa do filho do prefeito na época, Luiz Henrique, que era o filho do doutor Serpa. E eu reuni os meninos da sala e disse, ou ela escreve para todo mundo ou ela não escreve só a dele. E aí eu já fiz aos sete anos minha primeira grevezinha.

R - O que era tradicional para você? Pode descrever?

A - Uma família composta de irmãos mais velhos que mandavam nos mais jovens, uma família composta de pessoas que criavam seus filhos com única intenção de casá-los, de que eles reproduzissem mais filhos e conceitos e normal, tradicional para eles mesmo aquela família bem a critério mesmo apesar de eu ter vizinhos que não eram tão tradicionais assim por exemplo, o vizinho a mim morava Nado cabeleireiro que era gay mas ali eu não prestava muita atenção e a gente na maioria das vezes só passava, a gente ria e só gritava "viado", né? Mas, dentro de uma concepção totalmente, eu diria que até machista, patriarcal, onde o homem era quem mandava em tudo. Minha mãe era separada do meu pai, morava só, porém, meu irmão, meus irmãos mais velhos eram quem conduzia a casa que eram homens.

R - Você foi marcado por essas presenças?

A - Sim meu irmão mais velho, o Jaime meu irmão, o Jaime que era mais velho do que eu porém ele era o mais jovem entre os meus outros irmãos E Jaime ali também, eu poderia dizer que ele era um cara acima do seu tempo. Ele era um cara que gostava de tomar uma pinga, ele gostava de beber, ele gostava de se vestir no carnaval de mulher, de sair no carnaval, de brincar o bacalhau. Então, ele era uma pessoa que tinha uma visão mais moderna. A minha mãe, ela queria que eu usasse saia abaixo do joelho. Era pra usar aquela saiona. Meu irmão Jaime, ele era contra. Ele queria que eu usasse uma saia acima do joelho. Eu disse, "Mãe, a menina não vai usar, isso é coisa de velha.". Minha mãe queria que eu usasse aquela fofquinha de tecido. Meu irmão já queria que eu deixasse calcinha de elanca, ele comprava pra mim. Então o Jaime, ele era aquele cara frio do seu tempo que me ensinava o que é certo, o que é ruim, me dava esse aval, mas era aquele com quem eu podia contar, que machucou minha vida e que me trouxe muitos ensinamentos.

R - Como era a experiência de convívio e de ouvir a conversa dos grandes?

A - Olhe! Eu era uma criança, como já disse, muito ativa. É tanto que hoje me chamam de imperativa. Então assim, eu era uma criança que eu não prestava muita atenção em conversa de adulto. Eu vivia mais na rua, na rua que eu morava, tinha um curral lá atrás, Curral do Seu Rafael. Então eu vivia mais inventando brincadeira, quebrando a cabeça do Seu Rafael, montando nas cancela, botando nos amigos pra tá "ringindo" na cancela do pobre do homem,

né? Montava eeeeeee, saia. E eu tava sempre inventando novas brincadeiras, brincando. Eu tinha um amigo, tinha não. Eu tinha um amigo de infância, Hélio, que era meu amigo de infância, e era muito engraçado, porque naquela época as meninas tudo brincavam de panelada. Então a gente gostava de brincar de panelada e tinha um homem que trabalhava fora e a mulher que cuidava da casa. E toda vez que eu ia buscar um parceiro para a gente brincar essas brincadeiras de criança, eu só queria Hélio e ele só queria mim, porque era assim, ele ficava em casa cuidando das filhas e eu ia trabalhar. Eu saía, ia buscar o meu irmão mecânico, mas tava muito carro velho. Na minha casa, no quintal, tinha muito carro velho no muro. E aí a gente, enquanto eu tava lá, todo mundo limpando, a gente limpando suas casinhas, né? Costurando aí roupinha de boneca, minha mãe era costureira, minha mãe me dava muito naquela época da fábrica, a Fabril, né? Ela comprava retalho pra fazer coxas de retalho, então ela comprava muito saco de retalho na lojinha e ela me dava uma caixa cheia de retalho com linha, agulha, tesoura e minhas bonecas para fazer a roupinha das bonecas. E eu odiava brincar de boneca. Eu detestava e não queria costurar a roupinha da boneca. Então, o que era que eu fazia? Eu dava minhas bonecas a ele, ele costurava, as roupinha, ajeitava a casa e eu ia pro carro do meu irmão, carro quebrado, esculhambado, arrumar dizer que eu era caminhoneira, motorista, que eu tava dirigindo. Então assim, eu nunca me encaixei bem no padrão de “vou cuidar de casa e de filho”. E por isso a gente era parceiro. Ele era mais delicado, adorava costurar, adorava brincar de boneca. Eu era mais rústica, eu queria mais, né? Tá de carro, brincando de mecanica. Não me encaixava bem nessa coisa de cuidar de filho, não.

R - Qual religião da família?

A – Kardecista, espírita.

R – Que tipo de educação religiosa você recebeu?

A - Minha mãe sempre me ensinou sobre reencarnação, caridade, que fora dela não há salvação. E uma das coisas que me marcou muito na questão religiosa, na minha vida, é porque quando minha mãe me ensinou que fora da caridade não há salvação sem querer ou talvez querendo, ela me ensinou que eu não tinha direito de julgar ninguém por religião nem por qualquer outra atitude. A minha mãe dizia assim, que a gente podia não ser espírita, podia não frequentar o que ela chamava de macumba, mas a gente precisava respeitar. Precisava aceitar o outro. Então minha mãe, apesar de uma pessoa conservadora e idosa, ela era uma pessoa que trazia isso na sua essência por ser espírita. Ela dizia assim, "Olha minha filha, toda religião é boa, toda religião que leva o homem a Deus. Então a gente não tem o direito de criticar nenhuma. A gente tem que aprender a respeitar o outro". Minha mãe era bem isso. E foi o conceito religioso que ela nos passou.

R - Isso lhe marcou de alguma forma? Se sim, como?

A - Sim, porque eu pude crescer me dando conta de que as pessoas que eu poderia viver num mundo laico que eu tinha que respeitar isso eu tinha que não só respeitar mas aprender a gostar também do outro independente da sua forma religiosa e de seu jeito de demonstrar sua religiosidade, quer dizer, nunca houve nenhum tipo de condenação. Eu lembro que quando eu era pequena as pessoas falavam muito que o maçom virava bicho, virava um bode. Uma vez eu

cheguei para minha mãe falando que o maçom era bode, virava bicho, e minha mãe me repreendeu, que eu deveria respeitar todos e todas as coisas. Então isso marcou para mim.

R – Essa educação religiosa marcou a forma como você entende sua sexualidade de gênero nesse período? Se sim, como?

A - Sim, porque à medida que eu fui crescendo e aí como eu sempre fui muito ativa, eu não me contentei com a ideia de que eu era kardecista porque a minha mãe era kardecista, porque a minha família me ensinou. Então, assim, eu fui para a igreja, eu cantei coro da igreja, eu aceitei Jesus, eu fui para a igreja evangélica, Congregação de Deus. Eu participava todo domingo dos... Domingo escola dominical, né? Eu frequentei, não participei, não fui de roda, mas eu ia a festas de terreiros, até de seu Joãozinho...É... Seu Joãozinho não, meu Deus... Não, é Joãozinho, meu Deus, não é Joãozinho, como é o nome? São Rafael e Dona Lia, que era o pai de Osmar. Então eu ia quando tinha festa, porque morava na mesma rua. Eu era curiosa, eu ia lá, eu olhava, eu queria saber o que significava umbanda, porque que eles falavam umbanda, porque que eles falavam quimbanda, o que era aquilo. Então eu sempre fui uma criança muito curiosa. Isso não é quando era adulta, era pequena. Eu pequena já queria saber. “Seu Rafael o que é quimbanda?”. “Seu Rafael o que é umbanda?”. “Por que que vocês matam isso?”. “Por que que vocês fazem isso?”. Então eu sempre fui aquela criança muito curiosa, principalmente na parte religiosa. Quer dizer, em mim veio a questão depois de muito tempo e eu só me assumi espírita kardecista justamente na minha fase adulta. Porque até então eu queria saber o que de fato eu acreditava.

R – Lembra da presença de homossexuais, lésbicas, travestis, transgêneros, etc. aqui na cidade durante sua infância?

A - Sim, Zé mulher, neném brasileiro e Nado cabeleireiro que era vizinho da minha mãe. Ele morava vizinho da minha casa, Nado.

R – Em sua infância como a sociedade de forma geral, religião, escola, relações interpessoais, trabalho, departamentos do serviço público, sistema de saúde, sistema policial, opinião pública, etc. reagia a essas pessoas assumidas?

A – Não gostava. Tinha um preconceito, não gostavam. Não achava nem que minha mãe devia deixar chegar a me aproximar ou qualquer um da minha família. Eram como se fossem aberrações. E mesmo agindo assim, a minha mãe, mesmo com todo esse preconceito, a minha mãe queria muito bem a Nado e gostava muito de Zé mulher. Quer dizer, a minha mãe mesmo sem esse conhecimento ela era uma pessoa mais... Talvez pela própria religiosidade dela de acreditar que ela era uma mulher, que fora da caridade não havia salvação, ela era mais... Não é caridosa, ela aceitava com mais facilidade. Ela não tentava criar entre nós, seus filhos e homossexuais, nenhum tipo de tabu de dizer "vocês não podem falar" ou "vocês não podem conviver". Então minha mãe, ela tinha essa abertura.

R - Em que momento da sua vida e por quais motivos você se percebeu com a sua sexualidade de gênero que fazem parte de você?

A - Nenhum momento da minha adolescência, nem da minha vida. Eu cresci num mundo em que eu me achava hétera, que eu me julgava hétera. Eu tive meu filho aos 18 anos e eu, à medida

de 16 anos, quando eu comecei a conhecer, eu fui morar em Aracaju e aí eu comecei a conhecer muita lésbica, muito gay, eu tinha preconceito em relação à lésbica. Eu achava feio e esquisito. Eu achava assim, ridículo duas mulheres namorando ou juntas. Eu sinceramente não imaginava de forma alguma me relacionando e nem muito menos na minha infância nunca tive nenhuma atração por mulher, né? Me criei, nunca tive atração por mulher, nem pensava, e quando eu conheci o mundo LGBT, eu conheci as lésbicas, eu não aceitava de forma alguma. Eu não aceitava, eu achava muito feio. Eu não achava bonito.

R - Mas em qual foi o momento da sua vida que você se descobriu lésbica?

A - Quando eu estava com 16 anos, eu sempre frequentava algumas psicólogas porque eu queria saber por que eu era frígida. E naquela época eu lia muita carícia. Tinha aquelas revistas, tinha carícia, que trazia sempre um artigo sobre mulheres frias, mulheres que não tinham orgasmo. E eu queria saber por que isso acontecia comigo. Por que é que eu não sentia prazer em uma relação sexual com meu companheiro? Por que me incomodava? Por que aquilo não estava... Não se adequava? Eu não me sentia bem. E aí, eu morava em Aracaju já, quando eu conheci uma amiga minha, e teve uma festa na casa dela, uma festa, e a festa era uma festa típica LGBT. Mesmo sem o ser, mas eu era muito aberta. A amiga dela estava lá e tinha uma coroa, uma coroa nena. A nena tinha uns 35 anos. E a coroa lá, as mulheres lá, eu no meu canto, dizendo sempre a elas, ó, sem graça pro meu lado. E aí eu ia passando, ela botou o pé na parede e disse assim "Ei!" Eu disse "Ei, a senhora quer sair do meio que eu quero passar?" Ela disse, "Depende, se você deixar eu tirar seu batom". Na minha cabeça, tirar o batom era passar a mão na minha boca que tava com o batom vermelho. E eu disse "Oxe! Cada louco com sua mania, né?" Mas eu queria beber o vinho que tava lá dentro e aí "Tire!" E ela me deu um beijo inesperado e assim e foi um beijo que ninguém nunca tinha me beijado daquela forma e assim eu me assustei com um beijo se eu sei que eu bati nela, dei minha cara dela ou nada eu nem reagi. Me assustei porque eu pensei "menino, que beijo é esse?" e nem me liguei na hora que era uma mulher mas depois olhei pra ela sair com a cara feia fui lá pra fora, fiquei emburrada, com cara feia porque ela tinha me beijado, era uma mulher e ela foi lá do outro lado da pista e tinha uma casa que tinha um muro e tinha um cachorro muito bravo, mas tinha um muro cheio de rosas. E ela tirou duas rosas vermelhas, enfrentando o cachorro, e trouxe para mim e perguntou "quer dançar comigo?" Eu disse "não, quero não, que eu não sou sapatão, não quero dançar com você não" Ela "eu não vou lhe morder, eu não vou lhe ofender, eu só quero dançar com você". E eu não aceitei e ela continuou, continuou, disse "Olha, faz o seguinte, se eu vou dançar uma música com você, promete que vai me deixar em paz?" Ela disse "prometo". E de uma música a gente amanheceu o dia dançando, até cinco da manhã. De uma música foi pra outra, foi pra outra, foi pra outra porém só dançamos amanheceu o dia ela foi embora, não tentou me beijar mais, foi embora não tentou me beijar mais foi embora e eu fiquei de boa dias depois eu recebi a visita de uma menina que veio falar comigo que era namorada dela e soube que eu estava na festa a noite toda dançando com a mulher dela e não gostou, veio tomar satisfação eu não gostei da forma que ela falou comigo e na mesma hora que ela saiu a mulher chegou num táxi, a nena. E aí me pediu desculpa pelo que tinha acontecido que não tinha havido nada demais pra que ela agisse daquele jeito, né. Tinha sido apenas uma dança, mas me pedia desculpa. E aí ela perguntou se à noite eu ia sair. Eu disse que ia, porque tava com raiva da menina da forma que

ela me tratava. E a gente combinou de se encontrar. E desse se encontrar, a gente começou a namorar.

R – As pessoas sabiam sobre sua sexualidade de gênero?

A – Não, porque nem eu sabia. Nem eu tinha me descoberto ainda.

R - Como e quando foi o seu processo de se colocar publicamente sua sexualidade e gênero se for o caso?

A – Veja bem! Nena foi meu primeiro relacionamento. Eu tinha 16, ela tinha 34. Quando eu voltei para Delmiro Gouveia, eu tive uma decepção muito grande com ela. Uma traição muito grande e terminei vindo embora para Delmiro, morar aqui. E aí foi quando eu engravidei e tive meu filho, André, aos 18 anos. E foi uma forma de dizer assim, deixa eu ver se realmente é o que eu quero pra mim ou não. E aí eu descobri que realmente não era o que eu queria. Eu não gostava realmente porque eu não sentia nenhum tipo de prazer sexualmente dizendo com homem. E aí eu decidi a partir do nascimento de André que eu não me relacionaria mais com nenhum homem. Porém, eu sempre fui muito desenrolada, eu sempre trabalhei muito, eu vendi sandália, eu fazia caldinho de mocotó pra vender, eu vendia porro, fazia porro, então eu sempre fui uma pessoa muito ativa, de trabalhar muito e que nunca dependi de ninguém pra sobreviver. E aí eu tive outros relacionamentos, outras mulheres, né, comecei a namorar com outras mulheres, me relacionei, até então não queria nada sério com ninguém, vivia mais de curtidão, Mas quando aqui em Delmiro Gouveia, chegou a rádio Delmiro Gouveia aqui, chegou um programa de um...Era Bob Charles, programa na rádio junto com o Tadeu Gobeu. E aí o assunto sobre homossexualidade estava em alta, mas eu ainda, né, ninguém queria falar. E o Tadeu na época junto com o Bob perguntou se eu não gostaria de dar uma entrevista na rádio assumindo a minha sexualidade, até porque o preconceito era muito gritante em Delmiro. E eu disse a eles que não, não tinha interesse. Quando eu cheguei na casa de uma amiga minha, lésbica, eu encontrei ela chorando. Eu já estava trabalhando no município, fomos contratados, trabalhava na educação. E aí eu encontrei ela chorando, perguntei o que foi e ela me disse que tinha, na casa de uma senhora aqui da sociedade, tinha pedido um emprego, que tinha um emprego de babá disponível para cuidar, e ela queria muito esse emprego porque ela queria comprar um presente para a namorada dela do dia dos namorados e a senhora disse que a vaga já tinha sido ocupada, não tinha mais a vaga e quando a prima dela saiu, em poucos momentos que a prima dela foi lá na casa, a prima dela conseguiu o emprego, e a mulher comentou que uma sapatão tinha ido lá atrás do emprego, e ela não ia dar emprego a uma mulher que podia estrupar a filha dela. E isso me chocou muito, porque eu vi essa mulher arrasada, acabada, humilhada. E ali me doeu tanto que eu entendi que eu não podia mais me calar, que eu não podia aguentar aquilo calada. Não era comigo, mas era com alguém que tinha a mesma sexualidade que eu. E que a gente não era estupradoras. A gente não era monstro. E aí eu liguei, eu fui atrás do Tadeu e eu disse "Tadeu, marca a entrevista que eu vou". E ele disse "Na época a gente convidou Miguelita, que foi assassinado, pra dar também, e será você e Miguelita, você topa?" E eu disse "Topo". Muitos amigos meus na época, muitos, diziam assim "Ana, não vá. Ana, não vá. Ana, você não tem o que buscar lá. A gente sabe que você é, mas você não precisa se expor". E assim, foi uma entrevista esperada, comentada. No dia, eu senti que os próprios locutores tiveram medo. Eles

tiveram medo. Inclusive, eles disseram na rádio, tanto o Bob como o Tadeu, que se houvesse alguma pergunta por telefone que fosse denegrir ou fosse, né, uma pergunta pesada para os entrevistados, eles desligariam. E a gente deu a entrevista, né? Falamos sobre a entrevista, e durante a entrevista me marcou muito porque houve duas ligações que me marcou muito. Uma primeira foi um homem que ligou e se identificou como gerente da Caixa Econômica de Delmiro Gouveia naquela época. E ele disse assim "Parabéns pela sua coragem, por você estar aí, porque a gente tem que realmente acabar com o preconceito" e a outra foi na época um professor, que aqui tem o ginásio, de matemática, Zé Lobinho, que ligou dizendo "olha, eu sou professor de matemática, Zé Lobinho, da escola do ginásio do centro, e eu parabeno a Ana pela coragem..., por acabar com esse falso moralismo, a gente tem que acabar com isso. E parabéns ao entrevistado. Quando a entrevista terminou, o vigilante da rádio chegou assustado dentro do estúdio, assustado de verdade, com cada olho desse tamanho. Tinha muitos homens na porta da rádio. Não eram homens, eram muitos homens do lado de fora. Entendeu? Lembro como hoje, de bicicleta, de pé, homens, não era mulher. E ele estava assustado porque a gente ia sair, eu ia sair e ele não sabia qual reação que iam ter em relação a mim. E aí eu lembro que o Bob perguntou, "Você quer que a gente ligue para a polícia para vir lhe pegar?" E eu disse "Não, eu vou sair e seja o que Deus quiser" E assim, foi uma das maiores emoções da minha vida Porque quando eu saí, eu vi todos aqueles homens bater em palma. Eu vi todos aqueles homens, sabe homens simples. O irmão de Toninho, o Carcará, de Antônio, Josué, que hoje mora em São Paulo, numa bicicleta, lembro como hoje, de mão cruzada, quando eu saí, Josué "parabéns, guerreira!" E eram todos aplaudind. E assim, essa entrevista durou meses em Delmiro Gouveia de repercussão, de fala. E eu lembro que existia um bar ali em frente da prefeitura Delmiro Gouveia. Me emociona sabe isso, porque era muito complicado ser lésbica nessa época, era muito difícil dizer "eu sou". E aí, em frente da prefeitura tinha esse bar e eu tinha saído da rádio, né, pouco tempo, e fui tomar uma Coca-Cola nesse bar. E eu pedi uma Coca, me sentei e tinha dois senhores, Dinha e Cintia, sentados, conversando. Com o chapéu grande, sentados, conversando. E um senhor disse pro outro, "tu viu aquela sapatão na rádio?" E eu escutando. Eu falei "Valhei-me Meu Deus do céu!" Que era eu, né? Aí o outro disse "Rapaz, mulher corajosa do campo, uma mulher dessa, Maria, se sabe fazer carinho numa mulher, imagina um homem, essa mulher, queria conhecer uma mulher dessa tão carinhosa." Aí o outro, rapaz, que coragem viu, "é uma tal de Ana, rapaz, que coragem da mulher, mulher é foda, viu?" E aí do outro lado passou um amigo meu, eu tava de costa tomando a coca, e ele gritou, né? "Parabéns, Ana, pela entrevista!" E automaticamente eu me virei, porque quando gritou meu nome, eu virei. E aí os homens viraram pra mim, né? E abotecaram os olhos. Eu fiquei tão destrinada, tão sem graça, paguei a coca e saí de fininho. Entendeu? Então foi um momento assim, muito especial.

R - Como foi a recepção de sua família ao seu posicionamento?

A - Minha mãe. Minha mãe, eu sou filha adotiva, e aí minha mãe já era uma mulher de idade. Bem idosa, quando me pegou para criar. E eu lembro quando todo mundo soube que eu estava vivendo com a mulher, eu decidi que a primeira pessoa que eu tinha que conversar era minha

mãe. E eu cheguei em casa, minha mãe estava sentada, fazendo uma toalha de fuxico e ela estava com o fuxico dela, né, fazendo uma toalha, e eu disse assim "mãe, eu vim lhe contar uma coisa" Ela disse "Peraí Ana, senta aí que eu tô me preparando e falo primeiro." Eu sentei. "O que foi, mãe?" "Minha filha, vieram me contar uma coisa tão feia de você." "O que foi, mãe?" "Vieram me dizer que você anda amigada com a sapatona." "Vieram me dizer que você tá amigada com uma mulher." Eu olhei pra mãe, ela com o fuxicozinho na mão e disse "Mamãe, não deixaram nem eu contar. Eu já vim contar, a senhora já sabe, antes deu contar." E ela olhou pra mim, olhou pro fuxico e ela continuou calada fazendo, fazendo. Naquele meio ela parou, me olhou e disse "minha filha, você nem é a primeira nem a última". Quando eu era nova, a mulher ia buscar água na cacimba e iam tudo fazer a mesma coisa. Se pôr ver muito é beijo. E me abraçou. Só isso. Meus irmãos foram mais ignorantes, mas eu tinha meu irmão Jairo, que foi o primeiro da minha casa a dizer assim: "É minha irmã, independente do que ela seja." "É minha irmã e eu não quero que ninguém fale mal da minha irmã."

R – Depois dessa colocação pública, de sua sexualidade de gênero, como era sua relação com a escola?

A – Eu já estava fora da escola.

R - Depois dessa colocação pública, de sua sexualidade, qual sua relação no ambiente de trabalho?

A – Eu acho que desde pequena o meu jeito de ser foi um jeito, assim, de impor respeito. Desde pequena eu sempre fui muito autoritária, então eu conseguia colocar respeito no ambiente que eu estava. Porém, muita gente, veladamente, se afastou de mim. Começaram a me excluir daquele grupinho de conversa, de amizade, começou a não mais me convidar para aniversários. Houve uma exclusão. Não de forma direta, mas indiretamente houve uma... “Não queremos estar no mesmo ambiente”.

R - As pessoas sabiam? como te tratavam depois que começaram a saber?

A - Como eu disse, eu sempre coloquei muito respeito. E aí não dava pra você ter uma pessoa que impõe respeito, você desrespeitar. Até porque ela não se deixa se desrespeitar. Me tratavam educadamente, mas não era mais carinhosamente. Não era mais assim “amiga”. Tinha certas amizades, claro, que continuaram meus amigos de fé, irmão camarada, Oberdã, Obermã, Antônio. Então, essa galera que pertencia a UJS, junto comigo, essa galera aí não, continuou o mesmo nível de amizade. Mas assim, as pessoas na rua passaram a tratar de forma mais... Nunca foram ostensiva, nunca me enfrentaram. Mas, era mais assim, exclusiva mesmo.

R - Nesse período, houve algum tipo de violência voltada para o LGBTQ+ de modo geral? Se sim, quais?

A – Houve. Foi no período que, pouco tempo mataram Migelita. A minha casa também, diga-se de passagem, a minha casa passou a se tornar, por eu ter me exposto, aí Então a coisa pegou, porque a minha casa começou a se tornar um ponto de referência, pra LGBTQ. Só pra você ter uma ideia tinha noite que eu não conseguia entrar na minha sala. Eu não conseguia entrar de

tanto gay e lesbica que ia pra minha casa. Então assim, isso não era uma vez, era toda noite a minha casa estava repleta de gays e lesbicas. E muitas vezes dormiu lá. Outros terminavam comendo. Minha casa se tornou, praticamente um albergue. Eu passei anos da minha vida com minha casa um albergue. Até gay, que hoje é assumida, mas antes morava na minha casa. Eles dormiam, comiam, porque eles não se sentiam a vontade na casa deles. Porque eles estavam sendo humilhado pela família, porque iriam ser jogado de casa pra fora. Outros porque não tinham onde morar. Então a minha casa se tornou uma albergue mesmo. Aí veio a travesti, eu dava aula na escola na época, que hoje é a escola ali na área verde, aquela escola não era uma escola, era uma casa alugada pela prefeitura, eu dava aula de jovens e adultos, ensinava jovens e adultos, foi onde eu conheci a Paola, quando a Paola chegou na sala, todo mundo tratou de humilhar a Paola. Paola usava cabelo falso, ela amarrava o cabelo. Era uma travesti, se vestia de mulher, E aquilo era muito ignorado por estudante e aí ela perguntou se ela podia se matricular, que ela não sabia ler e aí eu alfabetizei a Paola eu coloquei a Paola na sala de aula, alfabetizei ensinei aos alunos que deviam amar e respeitar a Paola como ela era e aí ela pegou amizade com todo mundo da sala mas aí a Paola não tinha onde morar, então foi morar na minha casa. Ela morou vários anos comigo, ela foi morar comigo. E aí, vários gays, minha casa, então assim, era um albergue realmente, era um albergue, era um albergue. E aí foi nesse tempo que eu comecei a me sentir mais alto, E eu comecei a pensar, já que a gente tem tantos e eram muitos, por que não se organizar? Por que não?

R – Antes do movimento GLAD existia violências contra pessoas LGBT+? Se sim, quais e como eram tratadas?

A - Maioria dos gays apanhavam, tanto na rua como da polícia. Muitas vezes não tinham nenhum tipo de direito de se defender, porque quando ele ia se defender, o policial dava na cara dele e mandava ele pra casa, porque foi ele que provocou, porque ele era que estava cantando. Delmiro Gouveia, a maioria dos homens que saíam com outros homens só levavam os gays para transar no lajeiro e as quatro brechas de que eles não transavam com homens, por que eles não eram viados para ficar com outros viados. Então, havia eles mesmos que saíam com os gays eram os primeiros a atacá-los no meio da rua. E quando eu falo atacar não é uma questão de verbal não, é de bater, de espancar, é de tomar as coisas do gay. E havia a maioria das meninas lésbicas, aquelas que eles conseguiam identificar, Eles arrastavam para a beira de Rio pra estuprar, porque tinham que gostar de homem, não de mulher. Então assim, eu tive lésbicas, lésbicas, presa. Que tiveram suas costas arrancadas, o couro, de porrada, porque eram lésbicas. Que até hoje na velhice tem problemas de saúde. De tanto que apanhou dentro de uma delegacia, que eram até estupradas. Se levava na calada da noite. A maioria das trans também eram estuprados. Roubavam os seus dinheiros que eles tinham. Se o trans fazia um programa, eles tinham o direito de carregar o dinheirinho, de bater e prender. Era uma violência descabida, desmedida. Era um ódio, um abuso muito grande.

R - Havia o canais de denúncia?

A - Não. Se havia, havia na capital. Aqui o gay não tinha direito a nada, a não ser apanhar da própria polícia.

R – Como resistir a possíveis violências no qual pessoas LGBTQ+ eram alvos?

A - A maioria, como eu disse, ficou com sequelas, consequências, né? E aí, a forma que a gente teve de reagir foi justamente quando eu tive a ideia de que a gente precisava se organizar. A gente precisava se organizar, mas aí a gente não sabia como fazer isso. De que forma fazer.

R - Como enfrentavam essas violências?

A- Se organizando. A medida que a gente foi se organizando, né? Eu fui começar a buscar, na época era telefone e aí eu consegui o número do Grupo Gay da Bahia e eu liguei pro Grupo Gay da Bahia e eu queria saber como era que a gente formava um grupo. E aí eu consegui o contato de uma lésbica do Rio de Janeiro, um dos informados. E aí eu consegui o contato do grupo Gay em Maceió, na época Marcelo Nascimento. E eles foram me informando que a gente tinha que começar a reunir o pessoal, não só na minha casa como era de forma aleatória, a gente precisava fazer uma instituição, ter ata, fundar, a gente buscar direitos na capital os gays já lutavam já tinha doutora Vanda Menezes que estava fazendo um trabalho com pro-vida, com os travestis na beira da praia que também sofriam isso, né? E muito apanhavam muito, principalmente da polícia e aí a gente começou a se organizar em casa mesmo, conversando e aí a gente criou o grupo Flor de Cactos. Na verdade, o grupo Flor de Cactos que é esse documento que eu tenho que eu acho que é dei Maxwell, porque eu ainda tenho até ficha de filiação do Flor de Cactos. A gente criou o grupo Flor de Cactos. A gente tinha pesquisado outros grupos na internet, tinha já o mandacaru, tinha essas coisas. Então a gente procurou fundar o Flor de Cactos. E aí a gente fez algumas fichas de filiação fomos procurar os gays, fora aqueles que viviam na minha casa. E aí a gente fundou o Flor de Cactos. Mas alguma coisa não pegava. O nome não batia. Tinha alguma coisa que a gente não gostava. A gente dava a mão para o Flor de cactos, mas tinha alguma coisa que a gente não gostava. E um dia, a gente sentado na televisão, saiu um grande sucesso na época, o Gladiador. E a gente tava todo mundo assistindo. Eu e os viados todos assistindo, os gay. E aí eu olhei para o filme e disse assim, "Gente, eu acho que a gente poderia botar o nome Glad, ao invés de Flor de Cacto, porque nós somos os guerreiros, as guerreiras, os gladiadores contra o preconceito. E aí, não sei por que motivo, todo mundo que estava na sala olhou para mim e disse "Amei, glad!" Sabe quando aquela coisa toma assim de todo mundo? "Glad, glad, toma!" Eu disse "Agora vamos ver o que vai dar certo. É tanto que você nota que não entra na sigla trans. Porque na época a gente botou glad, grupo de gays, lésbica, "L", e o "A". Aí a gente juntou um com o outro. O "A", efeito. Gay gosta de efeito. E "D", de Delmiro. Então formamos GLAD. E depois eu fiquei sabendo até que GLAD em inglês significava feliz, tudo a ver com a gente, né? A gente tinha tudo a ver com isso. E aí a gente colocou GLAD, formamos a primeira diretoria do GLAD. Na primeira diretoria do GLAD eu achei por bem a gente colocar uma diretoria que a gente colocasse todos os segmentos, então entro eu como secretária e aí eu vou ter um gay como presidente, que foi Obinaldo, e aí coloquei a Paola como vice, Gugu, Luiz Paulo, a Layla que veio também. Então assim, a gente formou o grupo GLAD e aí o GLAD sumiu. E aí a gente foi pra Maceió, chegamos em Maceió, como Obinaldo era presidente do GLAD, eu deixei o Obinaldo mais lá perto do Nildo, pra entender como é que a gente poderia fazer em Delmiro a primeira Parada Gay, que a gente fez em 2006,

a primeira Parada Gay. Mas aí a gente já começou a participar de eventos em Maceió, a se politizar, a entender, a se capacitar, entendeu? E aí a gente tocou o barco, como era que a gente faria essa primeira parada, tema, e aí em 2006 a gente fez a primeira parada da diversidade sexual de Delmiro, que na época era a Parada Gay. Em 2008 foi que eu mudei o nome. Mudei o nome. Não gostava desse nome, Parada Gay. Mudei para Parada da Diversidade Sexual do Alto Sertão, que eu acho bem mais interessante. E aí a gente começou a fazer a Parada em 2006, a primeira Parada. Com o tema "Diversidade, sim. Preconceito, não". Foi homofobia, um negócio assim. Mas eu acho que ainda tem alguma coisa da parada. Da primeira parada.

R - Sobre as violências havia aparatos sobre os direitos, secretaria do estado, ministério públicos?

A - Nada. Aqui em Delmiro não.

R - Havia algum movimento organizado, mesmo que informal, de LGBTQ+ em Delmiro Gouveia, região ou estado?

A - Não. No estado tinha o GGA.

R - Em que momento e como entrou em contato com o movimento social de cunho político cidadão pelas causas de LGBTQ+?

A - Através do Marcelo Nascimento, em Maceió, da Rosa Angela Castro, no Rio de Janeiro e do próprio GGB.

R - Quando e quais sujeitos pensavam de forma preliminar da construção de um movimento LGBTQ+ em Delmiro Gouveia?

A - A ideia foi minha, né? A ideia de fazer um movimento foi minha. Porque assim, eu fui vendo assim, tudo que, Ronaldo, que eles iam me contando que aconteceu, por exemplo, chegava um gay na minha casa. Chegava com isso aqui, roxo. Que foi isso? Aconteceu isso, isso, isso e isso. Fulano fez isso comigo. Aquilo me deixava indignada. Entendeu? E aí eu comecei a pensar, "não, a gente precisa buscar direitos". "A gente precisa achar direitos". Não é justo que a gente esteja assim e que façam isso com a gente. A própria polícia em si nos agrediu.

R - Como surgiu a ideia de fundar o GLAD?

A - Na minha casa, justamente com os meninos, a gente conversando sobre o que cada um sofria.

R - Você tinha contato ou articulação com outros movimentos? Se sim, quais?

Tive, com o GGAL, Filipe de Sousa, no Rio de Janeiro, que é a Rosângela Castro e o GGB da Bahia. Inclusive, na época, eu não queria fundar o GLAD. Eu queria fundar uma ONG só de mulheres. O nome da ONG seria Coletivo de Mulheres Maria Bonita. Eu já tinha escolhido. Só

que aí começou Paulo, Layla, dizer "e nós?" Os gays começaram a dizer "e nós?" Luiz Paulo, o Gugu, começou a dizer "oxenti, e nós?" "E nós não vamos entrar?" Então eu comecei a analisar que não dava pra ser só de lésbica. Por isso a gente fundou o Flor de Cactus logo após o GLAD.

R - Nesse período de idealização do GLAD, qual era o cenário nacional dos movimentos de defesa dos direitos LGBT+?

A – Eu acho que os movimentos a nível nacional começavam a despertar mais o interesse para a questão LGBT porque eles começaram a abrir canais nos estados para que a gente pudesse trabalhar. Você vê que isso aí foi em 2006, quando a gente chegou em praticamente 2008, então a gente já começou a ter capacitações porque aí começou a surgir de forma séria a questão da AIDS. E aí começou a surgir a questão, primeiro, a questão das DSTs. A gente começou a trabalhar muito, muito, muito LGBT com problemas de DST. Pegavam muitas doenças. E aí, a nível nacional, 2008, eles começam a criar um cenário mais amplo na questão de capacitação. Eles começam a abrir para capacitação em DST, eles criam em Maceió uma capacitação, a primeira capacitação para a AIDS, no estado de Alagoas, inclusive a primeira capacitação eu e a Paola fizemos em Maceió. Lembro como hoje o pessoal dizendo "Eita, vocês estão aqui, vão fazer, vocês são doidos, o povo vai dizer que vocês têm AIDS". Mas a gente foi fazer, queria fazer porque a gente queria entender, porque o que a gente tinha de notícias sobre AIDS era que você pegava AIDS até de uma muriçoca. Se a muriçoca mordesse, mordesse alguém que estava com AIDS, você estava contagiado, e era uma verdadeira massacre, um verdadeiro peste gay. Se os gays sofriam discriminação, não. No início da AIDS, a coisa dobrou. Era uma peste gay. Era uma doença que vocês, viado, colocaram aí no povo. A culpa da AIDS era nossa. Então, a gente, se a gente sofria discriminação, a gente sofreu o dobro. Eu tinha pessoas conhecidas que diziam "não aperte a mão de um gay, Ana, quando você vê ele". "Tenha cuidado. Você pode se infectar". Entendeu? A saliva infectar, um beijo no rosto, a mão, a muriçoca. E aí, eu já peguei pesado querendo saber como era essa infecção. Se era desse jeito, porque eu digo, se realmente for desse jeito, tá todo mundo fodido, vai morrer todo mundo. Ora, numa casa que vivia repleta de viado, repleta desse sapatão. Você ser contagiado desse jeito, eu tava morta. Podia comprar o caixão. E aí foi as primeiras, né? E a gente começou porque o governo federal começou a investir em capacitação. Com o tempo formou o PAN, Plano de Metas de Carreiras, Plano de Metas, o PAN em Maceió. Que aí eles descentralizaram o dinheiro da AIDS e da DST, mandaram para um PAN estadual, onde a gente ficou junto com AIDS, hepatites virais, DST, tudo num programa de prevenção, né. E aí eles me chamaram, a gente formou o Fórum Mundial de AIDS do Estado, primeiro Fórum Mundial de AIDS do Estado, E ali a gente começou toda uma campanha relacionada à AIDS. E que foi assim, a gente teve a honra, Delmiro Gouveia, o GLAD teve, de participar da construção do Fórum Mundial de AIDS. De participar do plano, de participar do primeiro encontro de Ong e Aids do Enong. Depois a gente teve a participação do encontro regional de Ong e Aids em Salvador, do Elong. Depois a gente teve a participação no encontro nacional, no Rio de Janeiro, sobre Aids. Então, sim, a gente foi amadurecendo a coisa, fluindo.

R - Nesse período de idealização do GLAD, qual era o cenário estadual dos movimentos de

defesa dos direitos LGBTQ+? Você falou nacional, e o estadual?

A - Não havia tanto. A gente tinha o GGAL, que davam certo suporte, mas sofria suas deficiências.

R - Nesse período de idealização do GLAD, qual era o cenário regional, no caso alto sertão, dos movimentos de defesa dos direitos LGBTQ+?

A - Olha, aqui regional, na regional do alto sertão, o único movimento existente era o GLAD. Nós nunca tivemos outro movimento aqui.

R - No período de fundação do GLAD, tinha violências e quais eram com as pessoas LGBTQ+? Se sim, descreva.

A - Sim. Era a violência física, violência verbal. Muitos gays apunhavam.

R - Quando o GLAD foi fundado?

A - 29, eu te dou na ata de fundação, mas é 29 de agosto, eu acho.

R - Só não lembra o ano, né?.

A - Não, eu vou olhar para mim é 29 de agosto.

R - Por que o GLAD precisou ser fundado?

A - Porque a gente precisava de um meio pra se defender. Porque a gente precisava de alguma coisa já que a gente não sabia onde buscar nem quem buscar, que nos desse um apoio.

R - Como se deu a organização para fundação do GLAD? Foi congresso, assembleia?

A - Eu diria assembleia porque foi uma reunião.

R - Nesse processo de fundação do GLAD houve alguma resistência, conflito ou disputa dentro do movimento?

A - Não, pelo contrário. Todo mundo falava a mesma língua, o mesmo linguajão. Todo mundo queria.

R - Como se deu o processo de escolha da direção do GLAD?

A - Votação.

R - Quem foi a primeira presidenta ou presidente do GLAD?

A - Obinaldo.

R - Qual a formação da primeira diretoria? Se possível, por favor, cita a nossa.

A - Eu acho que eu tenho... você vai ter na ata de fundação, deve ter a primeira diretoria. Eu sei que Obinaldo era o presidente, eu sou a secretária-geral, era a secretária-geral, mas aí tem, no que eu vou lidar, tem.

R - Qual a relação das pessoas que compunham a primeira diretoria com o movimento LGBTQ+?

A - Boa, era muito boa. A gente não tinha problema, não.

R - Onde estão os documentos de fundação do GLAD e os registros fotográficos desses primeiros momentos?

A - Registros fotográficos você encontra na internet. E muita coisa foi perdida porque na época a gente fazia tudo no Orkut. Hoje não tem mais Orkut. E a gente não sabia mexer para salvar, então muita coisa foi perdida. Mas a gente tem muita coisa do GLAD ainda guardada na internet. Agora imprimida não, mas na internet a gente tem muita coisa do GLAD ainda.

R - Poderia, por gentileza, disponibilizar os documentos de fundação, materiais editoriais, diversos produtos e distribuídos pelo GLAD?

A - Pronto, eu vou lhe dizer, a gente tem a ata fundação e eu acredito que com o Maxwell a gente tem alguns folders que a gente fez, entendeu? Porque a maioria não está imprimida.

R - Qual foi a reação da comunidade LGBTQ+, com a fundação do GLAD?

A - Eu tiro pela relação da primeira parada. A própria população apoiou, deu apoio. Porque como se havia algum preconceito assim, não era tão escancarado, era velado. Mas aquilo hoje é pior.

R - Como a comunidade LGBTQ+, recebeu o GLAD? houve algum tipo de conflito ou resistência?

A - Não, todo mundo quis participar.

R - Como a população de modo geral reagiu à criação do GLAD? Houve algum tipo de resistência ou conflito ou reação combativa da população? Se sim, descreva.

A - Não, tivemos muito apoio.

R - Houve alguma reação das camadas religiosas, principalmente das cristandades do município, à fundação de movimento gays e lésbicos de Delmiro Gouveia?

A - Nunca, nenhuma.

R - Qual era a opinião pública predominante sobre a fundação do GLAD nesse período?

A - Bom, quem tinha algo contra, sequer que se calava. A maioria, a opinião pública era de apoio. Quem tinha algo contra, se calava.

R - A fundação do GLAD contou com a ajuda de alguém de fora da comunidade LGBT?

A - Não.

R - Qual era o contexto nacional para a fundação do GLAD?

A - É como eu disse, quando a gente fundou o GLAD, havia já capacitações, havia incentivos já nacional.

R - Na criação do GLAD, existiu auxílio do Estado, do setor privado, sociedade civil ou de terceiros, em termos de informação e monitoramento do processo burocrático de fundação de uma instituição como essa?

A - Houve da sociedade civil, porque aí a gente teve que pegar modelo de ata, modelo de estatuto com o pessoal do Rio de Janeiro.

R - A fundação do GLAD contou com a ajuda financeira do Estado, setor privado, sociedade civil ou de terceiros?

A - Não, ajuda dos sócios mesmo.

R - Depois do GLAD ter sido fundado, quais foram os primeiros passos e ações?

A - Paradas de diversidade LGBT, seminários, palestras em escolas, cursos, a gente trouxe curso de oficina de coisa, como é o nome? De teatro. A gente fazia palestra, futebol LGBT, o que a gente fazia mais? Porque a gente trabalhava muito na roda de conversa.

R - Como o GLAD funcionava? Havia reuniões periódicas e ações periódicas?

A - Mensalmente, reuniões mensalmente feitas na minha casa, a gente não tinha sede.

R - Como era o cotidiano e a convivência entre os ativistas LGBT+, no planejamento e desenvolvimento de atividades do GLAD?

A - Todo mundo participava, a participação era muito boa, ativa, uma participação ativa dos integrantes.

R - Como era o cotidiano e a convivência entre os ativistas LGBT+, do GLAD e a sociedade de modo geral?

A - Aí fica difícil falar por eles, porque é assim, é como eu estou lhe dizendo, eles pelo dia não havia, nunca houve aquela coisa enfatizante de condenar eles, mas na calada, mascarava, havia preconceito.

R - Em sua fundação, o GLAD teve adesão da própria comunidade LGBTQ+?

A - Teve.

R - Como ficou os casos de violência e discriminação contra gays e lésbicas LGBTQ+, após a criação do GLAD?

A - Eu não posso dizer que acabou, mas eu posso dizer que nós conseguimos uma redução em 60% dos casos.

R - Por que o nome do GLAD diz respeito somente a gays e lésbicas?

A - Acabei de lhe explicar como foi que tudo surgiu, então não dá para botar trans naquela época.

R - Qual a proposta inicial dos fundadores com essa sigla GLAD?

A - Luta em defesa dos direitos da população LGBTQ+, que aliás na época nós não éramos nem LGBTQ, nós éramos GLBT, o G era na frente.

R - Havia travestis, transgênero, bissexuais, queer, intersexuais, assexuais, pansexuais, não binários e gênero fluido no início do GLAD?

A - Travestis.

R - Qual a formação...

A - Travestis, gays e lésbicas.

R - Qual a formação de sexualidade e gênero dos primeiros integrantes do GLAD?

A - Gays e lésbicas e travestis, é isso.

R - Tem ou teve alguma proposta em andamento para alteração do nome?

A - Não.

R - Como a comunidade se sentiu com a representação dessa sigla GLAD?

A - Cara, eu nunca tive queixa de ninguém, pelo contrário. Eles sempre disseram assim, eu tenho o maior orgulho de ser do GLAD, todos que pertenceram tiveram o maior orgulho.

Inclusive a minha proposta outro dia foi a mudança de uma letra e ninguém aceitou. Todo mundo quer que continue GLAD.

R - Não houve questionamento nenhum através de nenhuma trans?

A - De jeito nenhum.

R - Atualmente como...

A - Até porque a ideia nossa dentro do GLAD era com o tempo, além do GLAD, a gente fundar dentro do GLAD, é núcleos. Entendeu? Então, núcleos de travesti, lésbica, gay, o desenrolar do GLAD seria eles. Núcleos. Então você trabalharia com o GLAD, mas dentro iria núcleos. E se eu não me engano... Espera aí. É porque eu não estou com o estatuto aqui, o estatuto está em casa. Eu acho que está, vou procurar. Se eu não me engano, no estatuto, inclusive consta no estatuto, travestis. Entendeu? Não consta no nome, mas no estatuto consta.

R - Atualmente como se encontra essa formatação de seus integrantes entre travestis, transgêneros, bissexuais, queer, homossexuais, assexuais, pansexuais, não binários e gênero fluido?

A - Atualmente?

R - Sim.

A - Olha, e veja bem, o GLAD passou em um período parado. O GLAD está, inclusive com seu CNPJ inativo. Porque o que acontece? Você precisa ter estrutura para bancar isto. E a gente não tem. Mas atualmente, a gente inclusive ativou o CNPJ do GLAD. O GLAD está, como eu diria, eu digo sempre que o GLAD é uma fênix. Ele está ressurgindo das cinzas e ele está aí começando a mostrar a cara de novo. Eu achava que não, porque assim, eu fundei o GLAD, eu dei a minha participação no GLAD, mas eu não quero mais. Eu não quero mais porque hoje eu estou à frente do coletivo de Mulher Maria Bonita e eu não dou conta de tudo. Então, eu não tenho nenhum interesse em estar à frente mais do grupo GLAD. Mas assim, eu serei... como é que eu posso dizer com GLAD? Eu sempre terei o cuidado de cuidar do GLAD. Eu nunca vou abandonar o GLAD. Então, as pessoas que estão aí ressurgindo, querendo tomar de conta do GLAD, são pessoas amigas minhas, elas têm essa conotação de que a coisa vai continuar desse jeito e está aí, está ressurgindo. Entendeu? Inclusive, eu acredito que o GLAD realize esse ano de novo a parada gay, que eu achei que não seria o GLAD, mas vai ser o GLAD, pelo que tudo indica. Fazer o quê?

R - Atualmente, quantos integrantes fazem parte do movimento GLAD?

A - É aí que está. Nós estamos no processo de reconstrução do GLAD. Nós ainda não sentamos para ver essa questão de quantos vão fazer parte, quem vai fazer parte. A pessoa que se propôs a tomar conta do GLAD é quem vai convidar o pessoal, que não sou eu, não sou presidenta, é quem vai chamar o pessoal, rever essa questão, ver quantos integrantes vão fazer parte. E assim é que vai. Eu não posso responder mais pelo GLAD. Aliás, apesar que é como o Rui disse,

você será sempre para a gente a nossa, como é que eles chamam? Presidenta e fundadora.

R - Na construção do GLAD, desde o ano que foi fundada até hoje, teve alguma pessoa além de ser gay ou lésbica na presidência do GLAD?

A - Não.

R - Sempre foram pessoas lésbicas ou gays?

A - Lésbicas, gays, trans. A composição da diretoria sempre foi essa.

R - Mas na presidência já teve alguma pessoa transexual através da presidência?

A - Só gay e lésbica. Vice-presidente trans. E assim, não porque a gente não quisesse, porque não quiseram.

R - Atualmente, qual a formação da diretoria do GLAD?

A - É como eu lhe disse, atualmente ela ainda vai estar nesta composição. Porque ainda não foi mudada. Composição hoje da diretoria, que vai estar lá no CNPJ, é essa aqui. Presidenta Luciana da Silva, que é Piu, vice-presidente José Adalberto, que é Laila, tesoureiro Auricélio, secretário-geral Miciel, que não está mais, conselho fiscal Taís, que também não está mais, conselho fiscal Anakely, que continua, e a outra é o conselho fiscal Élide, que também não está mais. Então, ainda é essa a diretoria.

R - Atualmente, quais são as atividades desempenhadas pelo GLAD?

A - Olha, a gente está aí em processo de reconstrução do GLAD. Então, o que virá agora vai ter que ser traçado pela nova diretoria. Eu não posso lhe dizer aqui o que nós vamos fazer. Eu sei que nós vamos fazer. Eu sei que esse ano o GLAD está dando uma guinada aí. Com o meu apoio, claro, eu vou estar em tudo. Em tudo eu vou estar. Mas não à frente.

R - Descreva com detalhes quais foram as gestões que formaram a trajetória do GLAD desde a sua fundação até agora.

A - Como ela disse, nós só tivemos dois presidentes do GLAD, que foi o Obinaldo e Luciene, que foi Pio. Até porque o GLAD passou muito tempo parado. Não era minha intenção de jeito nenhum voltar com o GLAD. Não era minha intenção. Mas houve um acordo aí, quiseram voltar e eu perguntei, vocês querem assumir esse compromisso? Porque eu não vou assumir. Eu posso dar suporte, mas assumir eu não vou. Então, está aí voltando Pio, está voltando Maxwell, está voltando Fabiana, está voltando um monte de gente. Então, não sei como vai ficar.

R - Você foi a pessoa que projetou o GLAD, mas também nunca quis ocupar a presidência, né?

A - Não, nunca. Nunca quis.

R - Sobre o GLAD, a gente acabou, agora vamos entrar sobre as primeiras paradas gay de Delmiro. Quando foi a primeira parada gay de Delmiro?

A - 2006.

R- A primeira parada gay de Delmiro foi promovida pelo GLAD enquanto instituição já formada?

A - Não. Eu acho que a gente não tinha ata, estatuto ainda feito, não. Foi formada sim, mas não formalmente, juridicamente.

R - -Como foi a organização da primeira parada gay de Delmiro?

A - Como eu lhe disse, a gente foi para Maceió buscar conhecimento, eu, Obinaldo, a gente se guiou por Maceió para fazer.

R - Quais os sujeitos que estavam à frente da organização da primeira parada gay de Delmiro?

A - Obinaldo, eu, José Ricardo.

R - Qual foi a reação da população sobre a primeira parada gay de Delmiro?

A - Apoio.

R - Qual foi a reação dos setores religiosos, especificamente das cristandades e conservadores da população em relação à primeira parada gay de Delmiro?

A - Nenhum. Não tiveram nenhuma.

R - O movimento da primeira parada gay de Delmiro teve apoio do Estado, instituição, instituições de direitos ou serviço público?

A - Não, só do município.

R - O movimento da primeira parada gay de Delmiro teve apoio do setor privado?

A - Teve. Teve sim, porque a gente tinha patrocínio com o comércio dava.

R - O movimento da primeira parada gay de Delmiro teve apoio da sociedade civil de forma geral?

A - Teve.

R - Pode exemplificar quais os tipos de apoio que eles davam?

A - O que? A sociedade civil?

R - A sociedade civil, o privado também.

A - Não, o que eu estou falando é assim. Por exemplo, o GGAL, a sociedade civil, foi quem deu todo o encaminhamento do que... o que eram os documentos que a gente precisava fazer, o ofício, como é que a gente ia pedir. Então, foi quem deu todo o apoio na organização. E o setor privado, ele dava apoio financeiro. As lojas, o comércio em si davam apoio financeiro.

R - No movimento da primeira parada gay de Delmiro houve adesão da participação da comunidade LGBT+.

A - Houve.

R - Qual foi o tema da primeira parada?

A - É isso que eu preciso lembrar para lhes dizer. Para mim, é “diversidade sim, preconceito não”. Mas eu vou procurar.

R - Poderia disponibilizar as obras de divulgação, panfleto, foto, ofício ou qualquer documento que se liga à primeira parada gay de Delmiro ou das demais?

A - Eu acho que você encontra isso na internet. Você vai botar a primeira parada gay de Delmiro e vai ver.

R - Descreva a trajetória das popularmente conhecidas como paradas gay de Delmiro, desde a primeira até a última realizada?

A - Olha, eu acho que a primeira parada gay foi um marco, mas ela não foi a melhor parada que a gente teve. A melhor parada que a gente teve via adesão popular e realmente que nos ajudou foi a de 2008. Porque começou em 2008, ela começou a impulsionar. Porque até então a gente fazia parada gay, parada gay. Ia para a rua, botava o trio, tudo bem. Em 2008, a gente começou a trabalhar com um novo tema que foi “parada da diversidade sexual do Alto Sertão”. Porque a gente começou a perceber que o nosso público não era apenas de Delmiro. Ele é um público que vinha de fora, vinha das cidades do sertão, vinha de cidade circo-vizinha. E o que impulsionou em 2008 foi justamente porque a gente passou a não fazer a parada da diversidade, mas uma semana de atividades relacionadas a parada. Então, nessa semana de atividades, a gente começou a fazer seminário, a gente começou a ir para as escolas da palestra para falar sobre o tema da parada, a gente começou a fazer futebol, a gente começou a criar uma blitz no calçadão de divulgação deste momento. Então, houve um impacto maior a partir de 2008.

Entendeu? Acho que o pique da parada, a coisa da parada, ela se deu justamente em 2008. Porque você conseguia fazer um trabalho, porque aí o Ministério da Saúde nos financiou, a gente teve financiamento do Ministério da Saúde. Na época, a gente não tinha CNPJ com tempo suficiente para ter um projeto, mas a gente conseguiu esse projeto através da Fundação Delmiro Gouveia. A Fundação fez o projeto, passou o recurso para a gente, de 2008, 2009, 2010, a gente teve três anos de recurso no Ministério da Saúde via a Fundação Delmiro Gouveia. Todos prestaram conta com a contadora Samara, não ficou devendo nada, foram todos prestaram conta, mas a gente pôde ter um impulsionamento maior. E aí, eu conversava, nós tivemos a honra de ter aqui em Delmiro Gouveia, na época, o diretor nacional do departamento de AIDS nacional, que veio de Brasília para participar da Parada da Diversidade aqui em Delmiro, o doutor Eduardo Barbosa. Então, o Eduardo Barbosa veio aqui e ele me dizia, “Ana, o ano que vem as paradas vão cair e a tendência no Brasil é acabar com as paradas”. E eu dizia, “Eduardo, por que isso”. “Ana? Quando a gente aprovou os projetos para a Parada de 2008, a gente aprovou 54 cidades do Brasil, priorizando as capitais e os municípios. Então, em 2008, a gente teve 54 paradas aprovadas. Em 2009, a gente teve 24 paradas aprovadas. Em 2012, a gente teve 12 paradas aprovadas. Em 2010, 2011, a gente vai ter menos. Breves serão só as capitais e breves, nenhuma.” Isso, de fato, aconteceu. Tanto que o Rio de Janeiro, que era uma das maiores paradas patrocinadas depois de São Paulo, quase não existiu. Só teve parada porque os próprios artistas bancaram a parada. Então, quer dizer, houve... e assim, o bom do Ministério, e eu espero muito que o governo de Lula traga isso de volta, é porque, muito bem, eles financiavam a parada. Eles davam recursos para você bancar a parada, mas você tinha que apresentar todo um calendário de atividades voltada para a questão da saúde. Então, você tinha que fazer seminários sobre DST, você tinha que fazer seminários sobre AIDS, depois você teve que fazer seminários sobre hepatites, você tinha os CTAs que foram formados, que hoje estão todos fechados. Entendeu? Houve um avanço. 2008 foi... a coisa avançou, as nossas políticas públicas de saúde, de direitos no Brasil avançaram. Ultimamente, nós perdemos. Os CTAs foram fechados, as paradas não foram mais apoiadas. Hoje, para você fazer uma parada, é um sofrimento terrível. É um sofrimento terrível. Por quê? Hoje não existe apoio às paradas a nível nacional, se você não faz projeto, eles não aprovam, não tem projeto para as paradas, e há exigências pela justiça que antes não havia. Hoje, para você fazer uma parada, você tem que assinar TAC, você tem que ter isso, tem que ter aquilo, é uma série de coisas que você tem que fazer. E cadê? E cadê os direitos? E cadê os projetos? E cadê os recursos? E como é que você banca? Cheguei na parada de Maceió essa semana, está lá, o Estado botou segurança para caralho, mas em Delmiro Gouveia não bota. Aqui, você tem que pagar do próprio bolso, o bombeiro civil, para poder ir. Maceió, quantos banheiros químicos? Tem ideia de quanto é um banheiro químico para você botar? Hoje já quer exigir parada banheiros químicos. Então, parada não é mais brincadeira. Parada é exigência do Ministério Público, sem recurso. Porque quando você tem a coisa com recurso, que aí você vai prestar a conta, como a gente prestou em 2008, 2009, 2010, por que o GLAD passou esse tempo todinho devendo a Receita Federal? Nós pagamos o GLAD em 8 mil setecentos e pouco esse ano, parcelado em 16 vezes para ativar o CNPJ do GLAD. Por quê? Porque nós não tivemos mais projetos, principalmente nesse governo bolsonarista. As ONGs têm que fechar essas portas. Manter uma ONG aqui, o Coletivo de Mulheres Maria Bonita, não é brincadeira nem é fácil. E outra, mesmo o tendo Coletivo de Mulheres Maria Bonita, existe uma sala LGBT pro GLAD, que não é nem

obrigação do coletivo, o coletivo é um coletivo de mulheres. Mas enquanto eu estiver na presidência do coletivo, a minha classe vai ter benefício de tudo isso. E esse benefício, sim, será beneficiado. Ela terá sua sala LGBT. Então, não é fácil, não é brincado, é responsabilidade sem retorno. As pessoas querem, querem, querem e se acham que tem retorno, mas quando elas descobrem que tem deveres e que não tem retorno, elas abrem. Manter uma instituição hoje em Delmiro Governo não é brincadeira, não. Naquela época o GLAD distribuía fruta, peixe, estava escrito no MDF, em Brasília, o MAC. O MAC recebia fruta e peixe, mandava tantos pro GLAD. O GLAD dava suas famílias LGBT que passavam necessidade. Hoje, a gente tem que estar inscrito no Conselho de Assistência Sociais. E as exigências sede alugado? Com que dinheiro? Para pagar. IPTU em dia, para tirar certidões negativa. Então, há todo um aparato que impede a sociedade civil de se organizar e crescer em nosso país.

R - Ao longo dessas paradas gays, quais foram as principais mudanças que o GLAD teve?

A - É como eu disse, 2008 com uma aprovação maior, a conquista de direitos, a conquista também de trabalho dentro da própria comunidade LGBT, porque olhe bem, quando a gente assumiu o GLAD, e aí a gente não pode falar só da classe hétera não, vamos falar da nossa, nós tínhamos entre as mulheres lésbicas um índice de violência contra a mulher Absurda! Eu tinha lésbica que batia nessa mulher de cabo de vassoura. Se chegar na casa da lésbica, a outra estava toda roxa de porrada, porque ela era um machão da casa, ela saía para beber, e quando ela chegava em casa, se as coisas não estivessem prontas, ela dava na mulher. Então, o índice de violência entre as próprias lésbicas era terrível, era imenso. E o GLAD trabalhou isso em pelo menos 70%. Através de quê? Palestras, olha, a lei maria da pena não se aplica apenas a homem, a lei maria da pena se aplica também a você, e a gente conseguiu diminuir. Ah, acabou, lésbicas não batem mais em mulher, batem, continua, mas diminuiu, porque hoje elas sabem que pode ser denunciada.

R - Mudando de assunto, vamos agora para o casamento inclusivo. Qual o primeiro casal não heterossexual a realizar casamento inclusivo no estado de Alagoas?

A - Bom, eu não sei, eu sei do sertão que foi o nosso, né? Do sertão. Alagoas, não sei, sei que é sertão.

R - Foi você, em Alagoas, eu pesquisei. Mas vamos lá. Qual a relação do GLAD com esse casamento inclusivo?

A - Olha, teve tudo a ver, porque foi justamente na data da visibilidade lésbica e o nosso interesse era justamente com essa ação de casamento da união estável, abrir caminhos para que outros casais tivessem também a coragem de realiza-lo. Eu, por exemplo, eu digo muito assim eu nunca quis casar, nunca foi um sonho meu. Eu, quando jovem, li muito Olga Benário e eu nunca gostei muito da ideia de casamento, porque me dava uma ideia de possessividade, de relação, de que eu sou você, minha dona, sou sua dona. Então, assim, eu acho. Desde pequena que eu fui criada na família tradicional e minha mãe sonhava que eu ia casar de veu grinalda. Eu, quando eu era pequenininha, que minha mãe dizia isso, eu já imaginava assim “ela que

pensa que eu vou casar”. Eu pequenininha, eu já achava que eu não ia casar. Eu não tinha nenhuma intenção em casar. Eu não achava bonito noiva entrando na igreja. Meu sonho quando era pequena, eu queria crescer, estudar e morar num apartamento na capital, fora da minha cidade. Olha qual era o meu pensamento, pequena. Casamento para mim era algo que estava fora de cogitação. Mas olhando a necessidade de que a gente tinha de se apoderar, empoderar e dizer que nós não queremos direitos, mais direitos, não queremos menos. Pois é, mas queríamos os mesmos direitos. A gente decidiu se casar, né? E você vê que hoje a Parada Gay de São Paulo tá aí o tema da Parada Gay de São Paulo, que eu achei massa e “não queremos mais. Não queremos menos nem queremos os direitos iguais. Queremos todos os nossos direitos.”

R - Você lembra o ano do casamento?

A - 2011, eu acredito. 30 de abril 2011 ou foi 29 de abril. De abril não, de agosto.

R - Como esse casamento inclusivo foi recebido pela sociedade delmirenses? Houve críticas, indagações de pessoas próximas para que isso não acontecesse?

A - Houve! Houve críticas. Houve acusações. Houve ameaças. Houve ameaças. Ao longo dessas paradas também. Houve muita ameaça. Eu fui várias vezes ameaçada. Eu tive várias vezes meu celular com ameaças de que se eu subisse no trio, se eu botasse o trio na rua, eu levaria um tiro, né? E havia um no meu casamento. Havia um site em Paulo Afonso, de um Chico não sei o quê. Eu nunca vi tanto evangélico de Paulo Afonso dizer que o promotor era um safado, Dr. João Batista, que ele tinha o demônio. Como é que ele casava duas mulheres? Houve muita crítica, muita zoada por esse casamento. E pasmem, não de Delmiro, mas de cidades vizinhas, né? De Delmiro a gente teve o apoio do promotor público. Eu tive o apoio da Prefeitura Municipal de Delmiro Gouveia. Nós tivemos apoio. Mas houve, assim. Eu me assustei. Eu nunca me assustei com ameaças. Nunca. Toda vez que eu recebia um telefonema que alguém me ameaçava, eu dava gaitada. Inclusive um dos nossos companheiros. Assim, meu braço direito nessa luta que foi assassinado em Delmiro, que foi o Clebson, e dois dias antes dele ser assassinado, a gente comentava isso, que meu telefone tocou e veio uma ameaça e a gente comentava isso. Eu e ele, deitados em casa e a gente comentando sobre esse esses, essas coisas que me ligavam, que palavras horríveis sabem que iam me pegar, um botar uma rola na minha boca e eu não sei. Era coisa do cão para dentro que eu escutava, né? Não adiantava levar para operadora porque você passava oito meses pelo quebrar o sigilo, então eu nem dava valor. Não deixe para lá. Se quiser matar, mate. Assim eu morro no glamour. Não tem problema, não mato. Não vou deixar de fazer por causa disso. Mas houve principalmente assim. O que mais me assustou foi quando eu abri o site que saiu o nosso casamento desse chico não sei o que lá de nós e que eu li as críticas do pessoal do Paulo Afonso, porque o nosso maior público da parada LGBT, Delmiro Gouveia, é Paulo Afonso. Tanto que se você olhar, Paulo Afonso nunca teve uma parada. Já botou um trenzinho como pessoalzinho da faculdade? Não, nunca houve parada gay de Paulo Afonso, porque é uma cidade totalmente homofóbica, entendeu? Uma época, o pessoal de lá, Paulo Afonso, me ligou, o Jairo, o Edilson, para eu fazer uma procissão. Era para levar os gays daqui para a gente sair com as velas na mão em homenagem às vítimas de morte de AIDS. Eu digo não vou, não vai não dissesse ao meu pai que nós vai para uma procissão com velas na mão. Não, não vou não, né? Então, assim houve por parte da do pessoal

de Paulo Afonso. Eu fiquei assustada quando eu li a cada mensagem que eu lia. Tá vendo? “Gente, isso é sério. Realmente escreveram isso?” porque eu fiquei assustada. Sabe o quanto nos desejava mal? O quanto nos odiava.

R - Qual foi a orientação do Ministério Público para a execução desse primeiro casamento inclusivo?

A - A gente teve a orientação de Dr. João, tudo e também do advogado Gabriel Varjão. Foi ele que fez toda a preparação do documento, né? E Dr. João também se preocupou se a gente ia precisar de segurança no dia, ficou temeroso por a gente. Disse que não. Delmiro era uma cidade pacata, quer dizer, ainda não tinha aberto o site de Paulo Afonso, né? Fosse em Paulo Afonso eu casava lá, assim, sem segurança, não.

R - Bom, por fim, vamos para concepções do entrevistado. Para você, atualmente existe violência voltada ao LGBT+ em Delmiro Gouveia?

A - Com certeza. E hoje eu poderia dizer que ela, e talvez isso até assuste, é pior do que antes.

R - Se sim, descreva vários exemplos ou compartilhe histórias concretas sobre.

A - Antes eu sabia quem era os meus inimigos, os inimigos dos LGBT, porque eles eram declarados. Hoje eles batem no seu ombro e te chama de amigo, mas na primeira oportunidade de negar os seus direitos, eles são os primeiros a levantar a bandeira. Então, hoje existe e muito. Só que de forma velada. Por exemplo, fazer movimento em Delmiro Gouveia de mulheres é muito mais fácil do que fazer a LGBT. Fazer movimento de câncer em Delmiro Gouveia é muito mais fácil de conseguir políticas públicas do que LGBT. Fazer movimento com pessoas deficiente é muito mais fácil do que LGBT. Com criança e adolescente é muito mais fácil. Mas quando você fala em LGBT, os direitos todos são negados. É safadeza. Sem vergonhice. Existe hoje. Existe hoje dois movimentos que Delmiro Gouveia sofrem preconceito e discriminação. São os piores movimentos, porque para sociedade, verdadeiramente, são a ralé da ralé, é o movimento LGBT e movimento de candomblé. São demônios. Você Eles fingem que lhe aceitam, mas eles não suportam. Eles têm vergonha. Entendeu? Eu lembro que uma vez uma pessoa me disse “Mas Ana, agora, além de sapatão, você deu para macumbeira, Tá defendendo os macumbeiro?” São dois movimento que sofrem no nosso município. Uma discriminação terrível, terrível. Entendeu?

R – Entendi. Porque você acredita que essas práticas violentas que têm como alvo pessoas LGBT, LGBT+ persistem?

A - Porque o cenário nacional ele foi muito, muito conivente com a não organização dos movimentos sociais. Se a gente tivesse menos burocracia para se organizar e mais investimento e possibilidades financeiras e de capacitações o preconceito no Brasil, em Delmiro e em Alagoas diminuiria muito mais. Porque você quer abrir uma associação, você quer abrir uma instituição, mas quando você se depara com a burocracia, com as obrigatoriedade que você tem, você desiste. Eu acredito que eh o próprio governo em si, ele contribui para que os movimentos

e as pessoas não se organizem.

R - Como atuar para minimizar ou acabar com essas violências?

A - Lutando, tendo a coragem de ir para a rua, tendo a coragem de falar com os outros e dizer que parem de olhar para o seu próprio umbigo. A gente vê na classe LGBT o quê? O gay que tem mais um poder econômico aquisitivo, ele se acha mais importante do que o gay que está na periferia e que não tem o mesmo poder econômico. Enquanto a gente não se unir, primeiro, dentro do próprio movimento LGBT, a gente não conseguir essa união, a gente não vai para lugar nenhum. Não dá para lutar contra quem está lá fora, se você tem que travar uma luta dentro do seu próprio movimento. É difícil. Tiro para o Maceió, não sei quantas ONGs LGBT. Se você juntar numa sala todas as ONGs de LGBT em um seminário. Agora eu vi. Não tem 20 pessoas não. Mas não são movimentos? E onde está esse pessoal? Por quê? Porque eles não estão preocupados com suas bases, nem com se capacitar, nem com trazer. Estão preocupado em brigar por disputa de espaço e poder. Enquanto existir isso, o movimento LGBT não decola.

R - Você ainda atua de alguma forma com as pautas pelos direitos das pessoas LGBT em Delmiro Gouveia?

A - Sim. Sou voluntária do GLAD. Não estou na diretoria, mas sou voluntária e dentro da própria instituição do coletivo, tem uma sala LGBT.

R - Você ainda atua no Glad ou em outro movimento da comunidade LGBT+? Se sim, como e qual?

A – Sim. É o próprio Glad, né? Represento em outros municípios. Agora mesmo ganhei o prêmio Guerreiros da Diversidade Maceió, representando. Querendo ou não. Hoje o meu nome não sou eu Ana Moura, não sou ninguém, mas o meu nome é uma referência nacional. Não é regional nem de Alagoas, Não. O meu nome hoje é referência nacional. Se você sentar com o Toni Reis, presidente da ABI da Aliança, e perguntar qual a referência LGBT do Sertão, ele vai... E de Alagoas, Ele vai dizer Ana Moura. Toda nacional vai dizer Ana Moura. Então, isso é levar o nome do GLAD a nível nacional. Eu viajei todo o país representando o GLAD, em todo o Brasil. Conheço O GLAD. É raro. Tô falando a militância. Quem não conhece o GLAD? Então, hoje meu nome não é só meu nome, é do GLAD. É uma referência nacional. Fui coordenadora estadual com nome do GLAD, da ABGLT. Fui coordenadora estadual pelo GLAD da ABL, Associação da Liga Brasileira de Lésbicas. Então, o GLAD, ele tem um nome hoje que é difícil de se conquistar hoje em dia nacional. O Glad só precisa ser ressurgir. Número já tem.

R - Como você pode nomear as violências contra a comunidade LGBT+?

A - Aí eu não entendi bem. Nomear como?

R - Denominar uma agressão a uma pessoa LGBT? Como você denomina esse tipo de agressão?

A - Eu não sei. Eu juro que eu não entendi como responder isto.

R - Da próxima você vai entender. As violências voltadas para a comunidade LGBTQ+ podem ser nomeadas como preconceito, discriminação ou LGBTQfobia?

A - Eu votaria nas três.

R - Para você, o que é homofobia?

A - Homofobia, na minha visão, é quando você, né? Você não suporta que duas pessoas do mesmo sexo se amem, se respeitem e vivam juntas. Quando você acha que ela tem que ser ceifada em seus direitos?

R - Para você, o que é lesbofobia?

A - A mesma coisa, A mesma resposta, sendo que para lésbica.

R - Para você, o que é LGBTQfobia?

A - Eu encaro a LGBTQfobia contra eehh a raiva, a raiva que algumas pessoas sentem de toda a comunidade sem explicação. Na raiva onde você não suporta as pessoas serem feliz unicamente por ser o que elas são.

R - E para finalizar a nossa entrevista, tem uma pergunta que é: você acredita que a LGBTQfobia, de forma geral, tem uma característica estrutural em nossa sociedade?

A - Sim, eu acho que ela vem do conservadorismo. Tá entendendo? Eu acho que ela vem das raízes cultural que se impregnaram no nosso país. Sabe, eu acho que se você cria uma criança como eu criei meu filho e aí é o exemplo típico meu filho é heterossexual, né? Pai de três, filho, mas que foi criado dentro da comunidade LGBTQ. E por que que ele? Muita gente dizia assim quando era pequeno Vai ser gay? E por que que ele não é gay? É porque a mãe dele impediu que ele fosse ou ela disse que ele não poderia ser, né? Ou porque ela criou ele com o livre arbítrio de fazer as suas escolhas. Então, acho que se a sociedade é como uma pessoa me disse uma vez, porque a não gay é uma questão cultural, se torna gay. E por que um casal hétero nasceu um gay? Ele não foi ensinado a ser hétero. Por que ele nasceu gay? Né? Então, eu considero isso. Eu acho que o que tem que ser mudado é isso, é estrutura. Enquanto a gente tiver neste país um louco como Bolsonaro, como Damares. É que agora não é coisa para recurso.

R - Não vá para suas considerações finais se você tiver mais alguma coisa, se quiser.

A - Falar. Eu já falei demais.

ANEXO II



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – CAMPUS DO SERTÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

JARDIM DE MAMULENGOS NO ALTO SERTÃO DE ALAGOAS: FORMAÇÃO HISTÓRICA DO GRUPO DE GAYS E LÉSBICAS DE DELMIRO GOUVEIA - AL (2008-2023)

TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA

Ficha técnica

NOME: Obinaldo Sebastião da Silva

IDADE: 46 anos

DATA DE NASCIMENTO: 05/09/1975

FILIAÇÃO: Benedito Sebastião da Silva (Pai) e Helena Francisca da Conceição (Mãe)

ESTADO CIVIL: Solteiro LUGAR DE NASCIMENTO: São Luís do Quitunde (AL)

ESCOLARIDADE: Fundamental Completo

PROFISSÃO: Garçom

NATURALIDADE: Brasileiro UF: AL

ETNIA/RAÇA/COR: Negro

GÊNERO/SEXUALIDADE: Homem Cis/Bissexual

RELIGIÃO: Candomblé

ENDEREÇO: Rua Projetada 2, nº 50, Delmiro Gouveia (AL)

Entrevista realizada no contexto da pesquisa **JARDIM DE MAMULENGOS NO ALTO SERTÃO DE ALAGOAS: FORMAÇÃO HISTÓRICA DO GRUPO DE GAYS E LÉSBICAS DE DELMIRO GOUVEIA - AL (2008-2023)** projeto do pesquisador em formação Ronaldo Alves. Tendo como entrevistador o graduando em História Licenciatura Ronaldo Alves e entrevistado Obinaldo Sebastião da Silva. A entrevista foi gravada no dia 21/04/2023 no seguinte endereço Rua Projetada 2, nº 50, Delmiro Gouveia (AL)

Transcrição de entrevista

R.A. – [ruído inaudível de criança] Então Boa tarde Obinaldo eu vou ler aqui o texto de introdução da entrevista, pra você ficar ciente: entrevista de História Oral temática concedida no dia 21 de abril 2003 tendo como entrevistado, ai você fala seu nome completo [passa a palavra para o entrevistado]

O.S. – Obinaldo Sebastião da Silva

R.A. – [entrevistador continua] e como entrevistador graduando em história Ronaldo Alves de Oliveira. O objetivo dessa pesquisa científica é aplicar essa entrevista para pessoas que fizeram parte da formação do Grupo de Gays e Lésbicas de Delmiro Gouveia (GLAD), para compreender o processo de desenvolvimento desse movimento no alto sertão. Isso nos ajudará a identificar casos de homofobia, lesbofobia, discriminação e violência contra comunidade LGBT+ bem como a perceber as suas formas de enfrentamento e de resistência a essas violências. E Obinaldo Sebastião da Silva, o senhor autoriza [confusão] autorizado a autorização do referido depoimento no todo ou em parte editado integral inclusive no seus direitos a terceiros no Brasil no exterior para ser usados exclusivamente com o objetivo de produzir e divulgar o conhecimento científico?

O.S. – Sim.

R.A. – Ok, então vamos começar.

O.S. – Pausou né?

R.A. – Tá saindo não o barulho?

O.S. – Não, tem problema não [...]

[Inaudível]

R.A. – Então, dando prosseguimento depois de uma pausa do sedente, prosseguindo começando pela História de Vida do entrevistado, ééé... Obinaldo onde você nasceu?

O.S. – São Luís do Quitunde, Alagoas.

R.A. – É onde e como foi sua infância?

O.S. – Humm [pausa reflexiva] minha infância aaan [pausa para formular pensamento] foi naquela região de Maceió né, Maceió ... Matriz de Camaragibe. Comecei a trabalhar com 10 anos de idade na roça, no corte de cana aquela coisa toda, e daí depois de um tempo viemos morar em Maceió deixei de trabalhar na roça e fui morar em Maceió, e daí iniciei minha profissão de garçom. Né eu trabalhava como garçom, trabalhava em Maceió como garçom durante seis anos e depois que eu sai de Maceió e vim para cá para Delmiro foi onde me envolvi com o movimento social.

R.A. – Certo, fale-me sobre seus antepassados, sua tradição familiar: que conhecimentos a sua família lhe passava sobre o mundo, por ouvir contar?

O.S. – Meu Filhooo assim [pausa reflexiva, memorando] para me na época eu não tive cedo né, comecei a trabalhar tantas informações, na verdade, não tive tantas informações porque quando eu me entendi de gente, de trabalhar muito muito cedo, estudava né e não tinha toda

essa conversa que deveria ter somente familiar, o conselho era aquele de sempre, não fazer nada de errado não pegar nas coisas dos outros mas nada além disso.

R.A. – Certo. Como era sua família e seu cotidiano naquele tempo?

O.S. – A minha família, assim a gente vivia todo mundo na roça né, trabalhava durante o dia sempre que chegava em casa um pouco mais cedo, que trabalhava na roça né plantar, além da plantação a gente tanto trazia para o consumo como usava para venda né, fazer farinha, vender também uma parte do que plantava e esse era o nosso cotidiano no dia a dia nossas atividades do dia a dia.

R.A. – Que pessoas frequentavam a sua casa?

O.S. – Meu filhoo [reflexibilidade, rememorando] até que as pessoas nem frequentavam muito a gente porque naquele tempo o povo de roça, fazenda, era cada uma em suas casas nem tinham. Mas quem frequentava mesmo era mais o pessoal da família, o pessoal da família as vezes era alguns amigos que vinham e era essa a trajetória e o movimento do dia a dia.

R.A. – Ééé ... você foi marcado por essas presenças? [Pausa extra longa – parece estar arrumando algo, ruído de passarinhos, papeis, passos, gavetas, tosse, ruídos inaudíveis não identificados] Vamos continuar, ééé... você foi marcado por essas presenças?

O.S. – Olhe, annn... [pausa reflexiva, rememorando] por essas pessoas que passaram e estiveram em minha casa a gente sempre tira uma lição de todo esse convívio, mas nada que viesse marcar, tão sério que eu viesse ter como uma referência, especificamente de tal pessoa por algo né, hoje assim [pequena pausa, rememorando] ooo... que eu tenho né [pequena pausa, rememorando] ééé... de como referência até hoje são os que estão a minha volta que são os meus pais, mas das pessoas que estiveram que passaram que visitaram não eram tão importante de dizer assim especificamente, marcou especificamente isso ou aquilo [pequena pausa]

R.A. – Ok... [pausa reflexiva] como eram as experiências de convívio e de “ouvir a conversa dos grandes”?

O.S. – As conversas eram boas né, porque as conversas na daquela época ééé... [pausa de formulação de pensamento]. Muitos assuntos que são discutidos no tempo de hoje a gente não discutia, existia um certo tabu nas coisas. Assimmmm... [refletindo] as vezes quando só adultos estavam conversando não queriam que crianças estivessem por perto para estar ouvindo e depois estar reproduzindo aquilo que ouviu. Existia muito isso, não era tão permitido annn... [Pausa, rememorando] um ditado que me chamam a atenção é assim ‘em conversa de adulto criança não chega perto’ né para não tá [pausa inconclusiva], mas assim uma vez ou outra que a gente ouvia muitas das coisas, a gente até, lembra até hoje entendeu mas também existia essas certas restrições porque o que é discutido hoje abertamente até como forma de orientação,

antigamente era aquele tabu e certas coisas nem se tocava o nome nééé... porque tinha muitas das coisas que só em pensar [ruptura do raciocínio] em pensamento já era errado né, então assim as experiências são poucas por conta dessa restrição, depois foi que com o passar como tudo na vida vai se evoluindo, aqueles mais novos vão ficando mais velhos então já tem um novo pensamento uma nova visão das coisas, então as coisas começam a ter um rumo diferente mas antigamente eram bem duras as coisas mesmo.

R.A. – É... Qual a religião da família?

O.S. – Annn... Evangélico

R.A. – Evangélica?

O.S. – Evangélica ...

R.A. – Que tipo de educação religiosa você recebeu?

O.S. – A nenhuma ...

R.A. – Isso te marcou de alguma forma? Se sim como?

O.S. – Ann ... Marcouuuu, de o quê? O que marcou? [Pergunta retórica] Porque se naquela época lá atrás eu tivesse as informações e as orientações e o conhecimento que eu tenho hoje ... annnn [pausa, formulando] eu quero dizer assim [pausa, formulando] annn... o rumo da história da minha vida teria começado um pouquinho mais cedo e com um objetivo em uma melhor qualidade lá na frente ... né, porque essa falta de informação faz com que você ouça ou participe do lado negativo por falta de conhecimento então que se fosse hoje [ruído de tosse] até mesmo para comportamento atitude e visão da realidade, a gente sempre terá outra né ... até porque o conhecimento é tudo, o conhecimento correto né, então faz com que você enxergue de uma outra maneira.

R.A. – E a família não levava você para igreja, naquela época?

O.S. – Sim eu ia, até porque eu fiquei [formulando] não na época quando eu era menor, mas a uns vinte anos eu fiquei seis anos na igreja evangélica estudando para pastor aquela coisa toda e depois acabei saindo porque percebi que aquilo ali não era bem o que eu queria.

R.A. – Humm... essa educação religiosa marcou a forma com que você entendeu sua sexualidade e gênero nesse período? Se sim como?

O.S. – Hum [pausa reflexiva] na época não, porque não tinha, não era discutida essa questão, principalmente da sexualidade [pausa reflexiva] não era discutido, era assim muito preconceito entendeu, era assim, agente era muito discriminado principalmente você era taxado muito de viadinho disso daquilo, sempre no diminutivo e eram assuntos que nunca eram abordados e quando eram abordados era de forma grosseira e não assim educacional esclarecedora mas de forma grosseira o lado grosseiro da história.

R.A. – Lembra da existência de homossexuais, travestis, transgênero aqui na cidade durante sua infância?

O.S. – Ann... [pausa reflexiva] tinha, tinha sim porque quando eu morava [ruído inaudível] lá onde eu morava tinha uns três bem mais velhos do que eu [ruído de panelas batendo] era que a gente sempre andavam juntos, para festas, para conversas mesmo e para aqui para lá, íamos passear, íamos para cidade, porque agente morava na roça, ou íamos passar um final de semana, porque naquela época a gente não tinha boate, a gente tinha discoteca com aqueles clubes, aquelas coisas então a gente sempre ia, a gente sempre estava junto eu não tinha muito contato, nem tinha muito conhecimento assim lésbica aquela coisa toda, mas gay sim a gente sempre andávamos juntos e sempre próximo até como forma mesmo de se enturmar [pausa reflexiva] já que tão difícil com os demais.

R.A. – Eee... você pode citar algum? Algum nome de alguém que você lembra?

O.S. – Onnhunnn... [pausa longa reflexiva] então [pausa reflexiva] eu não lembro o nome só tem apelido.

R.A. – Pode ser apelido também não tem problema não.

O.S. – Onnhunnn... [pausa reflexiva] Adeilton, ai tinha outro chamado Déu e a Sheila.

R.A. – Tem contato ainda com algum até hoje?

O.S. – Tem muitos anos, acho que tem mais de 40 anos que a gente não tem contato.

R.A. – Sabe se ainda são vivos?

O.S. – Sim ainda são.

R.A. – Em sua infância como a sociedade de forma geral, religião escola relações interpessoais trabalho departamento de serviços públicos sistema de saúde sistema policial opinião pública entre outros reagiram a essas pessoas assumidas?

O.S. – Meu filho... [pausa reflexiva] a opinião Onnhunnn... [pausa reflexiva] era bem grosseira, era das mais grosseiras porque além de dizer que era errado era safadeza entendeu agiam de forma assim física com ignorância mesmo nessa questão de debater, não aceitavam então eram as piores no termo em geral porque assim no que a gente fala no termo geral, se tratando da questão de segurança sempre era os mais grosseiros ai vinha a questão educacional que não se tratava do assunto [pausa reflexiva] entendeu e quando [pausa reflexiva] ann... notava que você sempre éeeee... falava algo de forma negativa que aquilo é errado, é errado, é errado, é errado [ênfatisa com uma fala frenética] em quanto a sociedade ai é que o bicho pegava porque tinha aquela negatividade sempre de algo olha a safadeza entendeu então assim, não foi nada, não foi nada, não foi nada bom de dizer assim eu pude trazer ann... pude trazer algo de positivos que eu vi, serviu como experiência sim, por que? [pergunta retórica] Porque com isto

você acaba que adquirindo uma certa resistência uma certa couraça sobre si de dizer: bom se agora eu já estava enfrentando tudo isso agora lá na frente eu posso enfrentar bem pior. Então até mesmo annn... muito sentimento muitas opiniões de você dizer, ouvi, vou bater de frente mesmo falando a verdade não concordando OU NÃO! [enfático] você leva aquilo como uma resistência para poder continuar vivo para poder continuar vivendo a sua própria orientação a sua própria opinião daquilo que você é, daquilo que você sempre soube.

R.A. – É em que momento da sua vida e por quais motivos você se percebeu com a sua sexualidade e gênero que fazem parte de você hoje?

O.S. – Annn... humm... com dez, dose anos por ai dez, doze anos, que eu não queria, eu não gostava muito de brincar [corte arredo], eu sempre gostava de brincar com meninos e meninas mas gostava mais de conviver com meninas né, eu sempre ficava mais à vontade em brincar com as meninas, na minha opinião então foi a partir daí que eu tive certeza daquilo que eu queria daquilo que eu sou hoje né foi dez, onze anos de idade.

R.A. – Éééé... as pessoas sabiam sobre a sua sexualidade e gênero?

O.S. – Naquela época como hoje, hoje não hoje tá bem a florado tá vindo muito átona atéee, [movimento retórico] mas naquela época não existia isso de celular de internet aquela coisa toda, quem tinha era porque realmente era bilionário, tá rico, tinha telefone mas a gente fala de internet, daquela coisa toda, mas sempre as pessoas tinham aquela coisa toda, mas sempre as pessoas tinham aquela desconfiança né aquela desconfiança, ai é onde bem começa o lado negativo de tudo que é aquelas piadinhas de mau gosto, aqueles comportamentos de mau gosto, então assim [ruído] tudo começa naquela época tudo se começou bem complicado ou você realmente sabia o que queria na sua vida para sua vida ou você sumiria porque muitos estavam se matando nee... annnn... os comentários saindo e isso levava a morte, saindo de casa aquela coisa toda, entendeu, então assim muito complicado principalmente porque hoje a gente já não tem, mas a informação faz com que você a tome [pausa reflexiva, corte retórico] tenha um conhecimento acerca de seus direitos e saiba como se defender ou pelo menos com esse conhecimento rebater que cada um tem o direito de escolher o que quer para sua própria vida.

R.A. – Você pode exemplificar quais eram essas brincadeiras e piadas que faziam de mau gosto?

O.S. – A meu filho, hehehe... [ri ironicamente, gracejo ansioso] annn... umas piadas bem de mau gosto que até hoje ainda usa: ‘vire homem’ aiaia... ‘o viadinho’ ‘lá vai a bichinha’ ‘frutinha’ né que são piadas, mesmo daquela época dizia-se, ‘olha lá vai o viadinho’, ‘vire homem rapaz’ então assim... hehehe [ri ironicamente, gracejo ansioso] sabe esses tipos de... [pausa formularia] e usava muito também.. como aquelas bonecas de pano, tinha aquelas

bonecas de pano e tudo na que teve até um música de *Mastruz com Leite*¹¹ annnn... que usa esse termo eeeee... ‘flor de mamulengo’ olhe que o significado é uma pessoa mole [ri ironicamente, gracejo ansioso] hehehahaha essas brincadeiras de muito mau gosto então se escutava muito isso, ‘florzinha’ né sempre se usava ‘florzinha’.

R.A. – Como e quando foi seu processo de colocar publicamente sua sexualidade?

O.S. – Meu filho... [pausa reflexiva] oooooonnnn... assim, para família vamos se dizer assim, foi uns dezessete, agora a partir daí, foi do dezessete, foi que eu comecei a não se incomodar que as pessoas lá fora, a sociedade lá fora, visse e tivesse a certeza do que era, ainda foi a partir dos dezessete, depois que eu viajei, até então eu viajei passei quatro anos fora, ai quando eu me mudei, eu sai de casa eu tinha treze anos e fiquei quatro anos fora de casa, foi nesse processo que, lá fora, eu viajei para Maceió (AL), depois fui em bora para São Paulo e tive contato com muitas travestis na noite, comecei a visitar a casa de shows, mesmo que de menor as travestis começavam a entrar escondido comigo nas boates, não podiam me deixar na rua, aquela coisa, então assim nesse período dos treze quando eu sai de casa até os dezessete, nesses quatro anos, eu assim, tive muito contato e conhecimento, então a partir daí foi que eu comecei a olha, quem quiser que engula sua própria vontade, seu próprio pensamento, porque isso já não me interessa mais e a partir de agora é eu e acabou-se.

R.A. – Como foi a recepção de sua família acerca de seu posicionamento?

O.S. – Ótima, maravilhosa [resposta com afincou] até hoje ... até hoje.

R.A. – Depois dessa colocação no espaço público de sua sexualidade e gênero como era a sua relação na escola?

O.S. – Onnnnnn... ficou boa, vamos dizer assim, ficou boa, porque quando as pessoas questionavam eu sempre sabia, eu sempre me defendia, mas com conhecimento né daquilo que eu aprendi naquela época aos poucos com contato que eu tive, ainda não era tanto como tenho hoje, mas daí eu já aprendi a me colocar, então as pessoas já começaram a ver que eu não era tão leigo no conhecimento da minha orientação, quanto à sabe falar dizer e as pessoas, as gay calavam, costumava dizer e as pessoas mais uma vez ficaram caladas tiveram que baixar a cabeça, muitos choravam era assim antigamente como diz a outra ‘rachava o coco em chorar’, por não ter falta de conhecimento fazia com que você não tivesse assim uma reações a comportamentos que não era para ter então eu aprendi com isso e com isso eu consegui sobreviver até hoje.

¹¹ Banda musical de forró eletrônico, fundada no ano de 1990 em Fortaleza (CE) pelo empresário Manuel Gurgel. A música em questão é intitulada Flor de Mamulengo composta por Luiz Fidelis no ano de 1994.

R.A. – Éee... depois dessa colocação pública de sua sexualidade e gênero como era a sua relação nos ambientes de trabalho?

O.S. – Boa ... boa, boa e boa [repete afirmativamente] porque eu sempre cheguei e sempre disse eu sou e acabou-se, então assim, cuide da sua vida que eu cuido da minha, não se meta comigo, por exemplo minha orientação sexual na minha orientação sexual então assim sempre disse: ‘aaaa... sou é da sua conta? Você tem alguma coisa haver com isso? Aaa... se não tem então cale-se que é melhor para você ... que assim eu sei o que eu sou e acabou-se, eu só tenho de me justificar para meus pais que cuidam de me, mas você não é nada meu, então cuide de sua vida entendeu cuide da sua vida, então assim eu soube como lidar muito bem com isso.’

R.A. – Éeee... as pessoas sabiam? Como te tratavam depois que começaram a saber?

O.S. – Annnnn... assim [ruído de tosse] éeee... muitos deixaram de estar dando piadinha porque, como eu sabia e tinha certeza de quem eu era, eu não permiti ou não baixei minha cabeça quando as pessoas chegavam e falavam algo como a ‘viadinha’ isso ou aquilo, ‘aaaaaa... veado é muito bom, principalmente se você cozinhar um veado de um dia para o outro uma carne de veado bem temperada eu também como’, mas então assim acabava tirando de uma certa maneira annnnnn... mais leve entendeu e as pessoas começavam a entender que aquilo já não estava me afetando como eles gostariam entendeu, então isto fez com que as coisas ficassem mais leves. Aquela coisa de está pegando e você tem que tá sofrendo por tudo, isso por as pessoas combaterem esses pensamentos.

R.A. – Nesse período houve algum tipo de violência voltada a comunidade LGBTQ+ de um modo geral? Se sim quais?

O.S. – Não eu não me lembro, eu não me lembro, nem de ter passado, nem de ter vivido, bem assim do meu conhecimento nem comigo nem com ninguém próximo assim que tenha andado ou que vivesse comigo...

R.A. – E agora a gente vai adentrar sobre a história do GLAD [interrompido].

O.S. – [interrompe] Certo ...

R.A. – Antes [interrompido] ...

O.S. – [interrompe] Oi meu amor [Fala com uma visita que acaba de chegar em sua casa] oi [vós de idosa feminina inaudível].

R.A. – Sem problemas [tranquiliza o entrevistado].

O.S. – [se dirige a visita] Já vou! Meu deus, licença... [falas inadiáveis, ruídos da mobília, pratos e panelas].

[Intervalo longo ainda parte do mesmo áudio]

R.A. – Vamos retomar?

O.S. – Sim.

R.A. – Éeee... antes do movimento GLAD existiam violências direcionadas a pessoas LGBT+? Se sim, quais e como eram tratadas?

O.S. – Meu filho, existir sempre existiu, porque a gente sabe que essas violências existiam desde o início né, da própria humanidade né, quando se descobriu [descontinuidade] annn... quando tomaram conhecimento da população LGBT a gente sabe que a violência já veio junto, até porque, hoje na história do próprio movimento a gente tem esse histórico néee... para o próprio movimento existir hoje, muitos Gays e lésbicas foram mortos né, na época da ditadura né, a gente sabe, até porque naquela época, os gays e lésbicas na própria ditadura, aquela coisa toda, eram marcados com símbolos para poder ser identificados como gays e com isso muitos foram mortos, a história do próprio movimento ela é foi construída e existe até hoje annn... por conta dessas pessoas que naquela época tiveram essa coragem de assumir sua sexualidade em público e enfrentar a sociedade néeee... a gente sabe que teve isso, então a violência em si sempre existiu. O que é que acontece? [pergunta retórica] É que antigamente muito, como a gente sabe, mesmo na época, a volante de antigamente, a própria polícia em sim quando via gays até mesmo sem fazer nada paradinho lá no canto a gente sabe né, é um histórico verídico que muitos eram botados pela polícia, levavam carreira da polícia era levado preso por estar na rua, pois naquela época era vadiagem estava vadiando, então nem isso podia circular, então tinha gays na rua então assim que anoitecia era considerado vadiagem então essas bichas eram mortas, essas bichas eram levadas presas simplesmente por não fazer nada![enfático], então assim a violência em sim quando se tratava da população LGBT a gente sabe que surgiu o primeiro gay, a violência já surgiu junto, vamos dizer assim né até hoje, só que hoje a gente tem um diferencial entre aspas porque as gays aprenderam a conhecer os seus direitos e também a reivindicar de uma forma mais organizada, porque esse conhecimento, ai vem a questão da mídia e juventudes ai acaba trazendo certa repercussão, só que a violência em sim sempre existiu.

R.A. – Éeee... haviam canais de denúncia?

O.S. – Antigamente não, na minha época não, para ser sincero não, eu nunca soube entendeu nunca soube...

R.A. – Éeee, como resistiram as possíveis violências a qual LGBT+ foram alvos?

O.S. – Olha nas cidades maiores, nas cidades grandes como diz, né ficava mais fácil, porque temos grupos que são bem antigos, né como, por exemplos, tem o GGB na Bahia desde [estrala os dedos várias vezes em movimento circular para referendar um passado que o entrevistado sente como remoto] a época de 1960 então é um grupo que tem uma história, então a gente tem

um movimento o Grupo Gay de Alagoas também é muito [estrala os dedos três vezes em movimento circular para referendar um passado que o entrevistado sente como distante] antigo né e daí annn... de 70 para cá ... mas quando se trata de cidade do interior cidade pequena até mesmo como muitas hoje, não tem uma questão de um grupo de LGBT possam buscar apoio, orientação por violência por isso por aquilo, e quando se diz buscar um apoio, neee... poderia estar indo numa delegacia, num Ministério Público, mas se hoje nós temos tanta dificuldade mediante a tantas informações, agente já passamos por tantas dificuldades, e na maioria das vezes você entra como vítima e sai de lá como agressor imagine antigamente, né imagine antigamente, onde já fazia questão de dizer que você era vítima, não você não era vítima você era agressor e acabou-se e você não tinha nem para onde recorrer, nas grandes capitais tinha os grupos mas isso não era tão, mas isso não era tão conhecido e ficava mais próxima da cidade até porque na época eu morando, mesmo assim durante muitos anos quase 20 anos, morei onde?[pergunta retórica] Morei em Matriz de Camaragibe (AL) de Maceió (AL) para lá são 2 ou 3 horas de viagem, uma cidade como [ruptura no pensamento, caótico] pode ter hoje como até hoje tem associações, lá que já organizam a parada e tudo, mas naquela época, bem, a bicha era morta como se ela fosse uma galinha [expressão de indignação] como se matasse um animal e pronto [expressão de indignação].

R.A. – Como enfrentavam essas violências?

O.S. –Meu filho na coragem [resposta enfática e direta], se você fosse bom de perna corria, entendeu, para não ser morto [pausa de tensão] porque simplesmente você era pega ali e era catada no cacete e pedia a deus para sobreviver [expressão de indignação]

R.A. – Havia ajuda dos aparatos de direito do Estado, ministério público, ouvidoria, polícias públicas [interrompido] ...

O.S. – [interrompe] Meu filho, na minha trajetória por onde eu passei não! [Enfático] Eu não vou dizer que sim porque eu nunca tive conhecimento, poderia até existir um movimento algo que conhecesse que saberia que poderia oferecer, mas essas informações não eram repassadas, mas assim na minha época na minha trajetória, pela assim uma boa parte da minha vida eu nunca recebi essas informações nunca tive.

R.A. – Existia algum movimento organizado prol direitos LGBT+ em Delmiro Gouveia (AL) e região, mesmo que fosse informal antes do GLAD em Delmiro Gouveia [AL] região ou Estado?

O.S. – Pronto Delmiro, Delmiro eu estou em Delmiro Gouveia já tem 26 anos, 26 anos que eu estou em Delmiro, quando eu cheguei em Delmiro Gouveia que eu vim de Maceió para cá, quando eu cheguei em Delmiro Gouveia, quando eu cheguei em dois mil e ... sssssss...

[gagueja] annnn... [pausa reflexiva] em 98 eu cheguei em Delmiro a 26 anos que eu cheguei em Delmiro. Quando eu cheguei em Delmiro não tinha, havia várias tentativas de criação de movimento e grupos LGBT em Delmiro foi tentada porque houve annn... o Flor de Cactos que durou pouco tempo e não foi afrente, Flor de Mandacaru [ruídos de panelas] que inclusive foi alugado sede, não por mim mas por outras pessoas, né foi alugado sede, mas que também não foi afrente foi criado também o ASTRADEL que era annnnn... das travestis mas que também não foi afrente não vingou e daí quando foi em 2006 eu já estava participando de movimento, movimento sem-terra, movimento de moradores aquela coisa de movimento estudantil de jovens, de bairro associação de bairro ai eu fui chamado para participar do Projeto Somos que em 2006 foi oferecido pelo Ministério da Cultura e acontece a cada 4 anos ai participei do Projeto Somos em Maceió ficamos hospedados no hotel Adelmo [Não entendemos direito se realmente o nome do hotel era esse], [ruídos de panela] e daí o Projeto Somos é um curso de capacitação que acontece a cada 4 anos e é oferecido a cada 4 anos por um ministério diferente pode ser a cultura educação ou outro ministério, quem oferece nessa época em 2006 pelo ministério da cultura eu participei foi selecionada uma pessoa por cada cidade de Alagoas, com o intuito, né porque ele serve principalmente, porque ele trabalha a linha de advortsc [não entendemos essa última palavra] uma capacitação para cada formação de liderança [ruído de panela] eu participei dessa capacitação do Somos e eles me deram 3 meses para sair de lá vim para Delmiro e montar um grupo e realizar uma parada.

R.A. – Em que momento e como entrou em contato com o movimento de cunho político cidadão pelas causas LGBT?

O.S. – Olha ... [ruídos de panela] logo após eu sair do Somos passou a chegar em Delmiro uma das regras era entrar em contato fazer parcerias né municipais principalmente com a área política né, com o objetivo de formar parcerias, né buscar apoio né para própria causa LGBT, quando cheguei em Delmiro logo depois do somos comecei a entrar em contato tanto com os órgãos municipais, quanto com a área política, né pra fazer, explicar a necessidade, né desse apoio desse reconhecimento de direito da população LGBT, né até porque como são políticos que fazem as leis, né então a gente precisa que venha um apoio né principalmente deles [forte ruído de panela de pressão].

R.A. – Quando e quais sujeitos pensaram de forma preliminar na construção de um movimento LGBT+ em Delmiro Gouveia (AL)?

O.S. – Como?

R.A. – Éeee... Quando [enfático] e quais sujeitos pensaram de forma preliminar na construção de um movimento LGBT+ em Delmiro Gouveia?

O.S. – Meu filho, em Delmiro Gouveia em 2006 quando se começou o movimento em Delmiro Gouveia, mesmo com algumas informações que já andaram circulando na, criação do movimento em Delmiro, forma mais de 4 tentativas, não existia uma ou duas pessoas mas várias pessoas. Mas faltava principalmente annn... um pouco de conhecimento para poder tomar uma iniciativa e saber por onde agir, por aonde começar e o que fazer né mais que já existiam sim, para se iniciar né esse movimento em Delmiro

R.A. – Como surgiu a ideia de fundar o GLAD?

O.S. – Meu filho, depois de várias tentativas, porque estava acompanhando sempre ia, não fiz parte dessas tentativas porque não foi, não surgiu essa ideia por mim, mas eu estava bem porque já fazia parte de movimento né ai o que é que acontece? [pergunta retórica] Depois de várias tentativas de não ter dado certo, ter participado do Projeto Somos, então havia, depois do Projeto Somos em 3 meses havia uma parada, a gente tinha uma parada em Delmiro mas a gente não tinha um grupo, [ruído de panela de pressão] é diferente, a parada foi realizada mas ainda não tinha o grupo então precisava-se criar para dar continuidade ao trabalho que foi iniciado com a parada, então veio a necessidade de se criar o grupo, né, LGBT em Delmiro ai veio também, começou-se também a briga pelo nome, pelo nome né, pelo menos da minha parte, porque assim o GLAD em Delmiro ele foi criado e fundado por mim então está que o GLAD é o Grupo de Afirmação de Delmiro Gouveia então assim e eu tenho isso porque foi eu que rabisquei eu tenho esse rabisco eu tenho tudo isso e eu que busquei tudo isso, e porque se chamou GALD? Porque também houve a necessidade através da capacitação que eu tive do Somos de quê? O nome poderia ser ‘tal’ mas a gente poderia fazer um nome fantasia para resumir tudo e ficar menor de ser pronunciado e eu assistia muito o desenho das ‘3 Espiãs Demais’, assistia as ‘3 Espiãs Demais’, tá naquele desenho tinha uma máquina que era o cérebro de tudo que dava as ordens e ia se fazer o que não ia, então era uma máquina a G.L.A.D.I.S. que tinha as três espiãs tinha o chefe que era o Gerald James e tinha essa máquina que providenciava todos os acessórios das três espiãs ai G.L.A.D.I.S. G.L.A.D.I.S. GLADES GLADS GLAD ei eu disse pronto eu vou usar GLAD eu vou usar GLAD então por isso eu vou usar GLAD, mas o nome é Grupo de Autoafirmação de Delmiro Gouveia (AL), mas ai para o nome fantasia ficou GLAD. Então assim muita gente pronuncia até hoje né principalmente assim que ainda se tem juridicamente o GLAD mesmo não atuando, mas não sabe a história por trás entendeu porque o nome GLAD e eu sei porque fui eu que fiz foi eu que criei foi eu que tirei do meu desenho e coloquei, vai ficar assim que era o cérebro de tudo e ai se deu o início de tudo em Delmiro Gouveia.

R.A. – [Forte ruído de panela de pressão] é você tinha contato, articulação com os movimentos? Se sim quais?

O.S. – Sim, depois que eu participei do Projeto Somos nós tivemos contato com todos os grupos [fala dos grupos de militância gay de Alagoas] tanto o que já estava sendo formado como os antigos né do estado, porque esse era o objetivo, fazer esse laço essa união de todos annn... o Grupo Gay de Penedo (GGP) o Grupo Gay de Camaçari (GGC)¹² onnn... o Grupo Gay de Matriz de Camaragibe (GGM), Grupo Gay de Viçosa onnn... Shomos de Arapiraca o Grupo Gay de Alagoas (GGAL), Afinidades GLSTAL que era no Benedito Bentes, Grupo Gay de Santa Luzia do Norte¹³ então assim muitos movimentos porque todos nessa lista de novatos entrou o GLAD.

R.A. – Nesse período de idealização do GLAD qual era o cenário nacional de movimentos de defesa dos direitos LGBTs +?

O.S. – Meu filho, olhe nessa época [pausa reflexiva] o cenário em si, estava muito, vamos dizer assim, positivo o cenário era um cenário bom assim da seguinte maneira, porque os tempos em si, entendeu, estava se começando annn... essa, essa toda essa divulgação, essa toda exposição de direitos da população LGBT, então assim estava na mídia, estava sendo cobrado, estava descobrindo algo assim novo, e se colocando, expondo isso esses direitos né então assim algo que poderia assim ser trabalhado com mais facilidade até mesmo para si estar se colocando, buscando direitos e buscando apoios e parcerias neee... assim, muitas facilidades, porque estava acessível inicialmente mais acessível, entendeu, facilitava muito para que você passasse pelo processo dessa construção e finalizasse esse processo para dar continuidade principalmente quando se tratava da área jurídica, você tinha assim [incompreensível] mais acesso entendeu, as coisas também não estava tão caro entendeu, então assim tinha essa facilidade, em fim que a gente já não tem tanto hoje.

R.A. – Éee... nesse período de idealização do GLAD qual era o cenário estadual de defesa dos direitos dos direitos LGBT+?

O.S. – Olhe, era... era, estava se iniciando no estado [sussurra algo inaudível] annn... como por exemplo, que eu participei também né, a gente tinha feito nesse início até no estado, que foi anti... anti... annn... [reformula] o estado tinha acabado de ganhar o 100 para vítimas de discriminação e violência, inclusive eu participei [ruído forte de panela de pressão] né desse lançamento annn... no estado de Alagoas, né an... tin... [reformula] eu participei disso tudo né

¹² Grupo Gay de Camaçari – GGC (2001, Bahia. <http://antigo.aids.gov.br/pt-br/grupo-gay-de-camacari-ggc> , <http://cnpj.info/Grupo-Gay-de-Camacari-Grupo-Gay-de-Camacari>).

¹³ Possivelmente a ONG Metamorfose LGBT de Santa Luzia do Norte (2005, <https://prosas.com.br/empreendedores/4988-ong-metamorfose-lgbt>)

com o GGAL e praticamente todos os movimentos do estado. A gente tinha acabado de ganhar duas novas secretarias né principalmente a de direitos humanos e o centro de referência para as vítimas de discriminação que foi na época do caso do assassinato do vereador de coqueiro seco, Renildo José dos Santos, inclusive que eu participei das audiências, do julgamento inteiro do processo, do caso Renildo né... que tinha acontecido a pouco tempo, e daí o GLAD, eu participei como representante do GLAD em todos os processos até a condenação, entendeu, todas as audiências, principalmente o pessoal do movimento era convocado então eu participei de tudo então assim a gente teve inicialmente, né umaaa... [pausa] algo bom que se iniciou e que a gente esperava que continuasse, hoje a gente pode dizer que ainda temos, como por exemplo nos anda podemos dizer que ainda temos a gerência da diversidade que funciona no estado mas porem não depende só de um, como a gente está vendo hoje num nível de cenário nacional, né e principalmente em Maceió (AL) a gente já teve aquele problema, teve agora esse problema recente de Coqueiro Seco (AL) daquele vereador, né tivemos agora a nova administração do Centro de Direitos Humanos de Maceió (AL) totalmente contra os direitos LGBT, então assim o cenário naquela época se encaminhava num caminho muito bom que a gente via a possibilidade de apoio de onde buscar, né ann... apoios, fazer parcerias para que esses direitos fossem garantidos né, e com o passar do tempo esse cenário acaba, tendo seee... passando por mudança como essas que aconteceram recentemente onde todo o movimento né... agente vê agora no cenário nacional, a gente tá vendo essa dificuldade, né, principalmente com aquela [pausa] ONG [pausa] trans [pausa] criança que está indo contra a todos os parâmetros de direitos da população trans, entendeu, que está rolando até um abaixo assinado, entendeu, carta aberta e tudo em toda a rede social a respeito dessa trans criança, entendeu, que está assim causando... ééé... o próprio movimento já está se movimentando para que isso não dê continuidade [pausa] porque acaba indo contra aquilo que vem sendo plano a tantos anos a décadas né, que é o direito dessas pessoas né, que agora é LGBTQIAP+, então muita gente dentro dessa sigla toda, mas que ainda tem pessoas, entendeu, que se usam disso para fazer o caminho inverso [pausa] entendeu [pausa] então assim isso acaba fazendo um certo retrocesso de pensamento, de direito, né, a muito já garantidos outros, né, a caminho, entendeu, de conquista né, então como também vem também a questão do PL agora, né que pessoas trans já foram vetadas dos esportes, já estão sendo vetadas, cortadas, né, a gente não pode participar, então assim é muita coisa.

R.A. – Humm... nesse período de organização do GLAD qual era o cenário regional aqui no alto sertão dos movimentos de defesa LGBT, dos direitos LGBTs+?

O.S. – Meu filhoo... nessa época aqui em Delmiro Gouveia [pequena pausa] annn... saber? Sabia, né porque não tem como esconder um gay, uma sapatão, umalésbica, uma trans, não

tem como esconder. Saber? sabia, porem ann... [pequena pausa] ninguém chegava a se colocar como defensor, vamos dizer assim apoiador, de dizer assim: ‘vamos defender estou aqui...’, isso não se colocava, porque assim, saber? Sabiam, que sempreee... que assim não tem como não saber, né, mas se tratando de Delmiro Gouveia, assim a cidade do alto sertão aquela coisa né, o que é que acontece ééééé... como foi muito comentado muito se falado, a questão: ‘vamos ver aonde é que vai dar’, ‘vamos ver o que é que vão fazer,’ entendeu, só que depois que iniciou-se o movimento aqui em Delmiro Gouveia (AL), entendeu, houve sim, assim uma aceitação não tão áspera de dizer, assim aquela coisa de não querer, mas sim, quando você procurava, procurei na época: ‘sim vamos sentar, vamos conversar o que é que você precisa?’ Né... ‘o que é que pode ser feito?’ Então, ‘o que é que a gente vai fazer? Então você me diz que a gente tenta se adequar a isso para que as coisas sejam feitas’ em relação a direitos principalmente da população LGBT né, então assim, eu não achei apesar de não ter, annn... no início esse trabalho já feito com todo o conhecimento, já sabendo que existia algo feito em relação a população LGBT, mas que porem, não se colocavam contra, de dizer assim: ‘eu não quero nem vou lhe ouvir para que algo seja feito...’ [ruído forte de panela de pressão] [ruídos inaudíveis] [conversas paralelas de fundo] [pausa longa].

R.A. – Éééé... no período da fundação do GLAD, existiam tipos de violência que tinham como alvo as pessoas LGBT+? Se sim descreva...

O.S. – Olhe... [gagueja] ê ê eu não sei se eu posso dizer sim ou não né, mas assim a violência como um todo ela sempre existiu, aqui mesmo em Delmiro né... nós tivemos o caso Clebison né... da Pedra Velha, a gente tivemos o caso Miguel né... a finada Miguelita ann... a gente não pode colocar ooo ... ann... [rememorando] [pausa de formulação do pensamento] Neném Brasileiro [ruído de panela de pressão] Neném ou Zé Mulher? Zé Mulher né?! [ruído inaudível não identificado] não quem tá vivo é o Neném, Neném né [pausa reflexiva] Zé mulher né... que era aquele estilista, daqui que morreu por conta de acidente né, caiu bateu a cabeça na pia e acabou falecendo [fala não identificada] mas durante todo esse tempo, principalmente do início do GLAD, é que a gente tem esses dois casos, o caso de Clebison e da finada Miguelita, mas ia [pausa] houve [pausa] annn... né a [pausa] motivação por conta de coisas pessoais entre sim , a pesar de ser gay né... que isso não justifica sendo ou não tirar a vida de alguém, é mais eu não sei se [pausa, rememora, não entendível] a vida de alguém [pausa] tem alguns como a gente sabeeee [assevera com veemência] mas que não quer levar isso adiante, a gente sabe na questão da violência contra LGBT, mas ai, tem já uns três, só esse ano a gente tem três ocorrências, mas as próprias vítimas não quiseram denunciar, levar isso a polícia né, então assim de uma certa maneira, fica difícil de se trabalhar, por ser de menores ou [se corrige] de maior a gente não

pode obrigar, se fosse de menor, ai sim, seria algo diferente, porque não está sobre a sua vontade, o que pode o que não pode né, mas os que são de maior simplesmente as coisas são abafados e esses números acabam não sendo divulgados para que as pessoas tenham consciência da importância de se fazer um boletim de ocorrência, entendeu, de ir até a delegacia, para que sabendo que mesmo sabendo que [ar irônico de riso] mesmo na maioria das vezes você entra como vítima e sai sabe como o ‘agressor’ [ar irônico de riso] infelizmente né, mas ai agente também não pode obrigar a pessoa que não quer fazer.

R.A. – Quando o GLAD foi fundado? [ruído forte de panela de pressão]

O.S. – 2006 [pausa, hesitação] ... não [pausa, hesitação] ... doissss [pausa, hesitação] ... espere ainda [pausa, hesitação] ... eu que eu tenho a data aqui escrito [ruídos papeis e pastas, ele procura e confere a informação em alguns registros escritos] 28 do 04 de 2006 [lê, ar de certeza] [pausa, ruído de panela de pressão].

R.A. – Por que o GLAD precisou ser fundado?

O.S. – Annn... por reivindicação de políticas públicas voltadas a população LGBT [falas inaudíveis] que a gente nunca teve, entendeu a pesar de várias tentativas de outras pessoas também conhecedoras, entendeu militante, mas algo que viesse realmente a atuar e ter essa representação juridicamente como instituição sabe dentro desses direitos então por isso, por essa necessidade

R.A. – Como se deu a organização para fundação do GLAD? Foi através de congresso? Assembleia [interrompido] ...

O.S. – [interrompe] Foi assembleia, houve uma assembleia e foi convocado foi até no Campo Grande¹⁴, eu não lembro qual o endereço daquela rua aqui próximo [gagueja] do da do do da Dulce¹⁵ houve uma assembleia, houve um edital com 8 dias antes, ai depois passou por uma assembleia geral e daí houve uma votação, ai me escolheram como eu já tinha dado o início a tudo, ai naquele momento, porque também eu já tinha organizado a parada né e daí veio meu nome como indicação e daí ficou que eu fiquei durante 4 anos

R.A. – Éééé... nesse processo de fundação do GLAD houve alguma resistência conflito ou disputa dentro do movimento?

O.S. – Não! [Firme] [pequena pausa].

R.A. – Como se deu o processo de escolha da direção do GLAD?

O.S. – Meu filhooo... foi ... você fala da diretoria em geral?

¹⁴ Bairro da cidade de Delmiro Gouveia (AL)

¹⁵ Escola de Educação Básica Irmã Dulce

R.A. – Sim.

O.S. – Meu filho, foi feita uma votação ne, foi feita uma votação, quer dizer assim, todas as pessoas que participaram elas já eram sócias né, são aquelas categorias de sócio contribuinte, sócio fundadores e daí que nem todos tinham essa, esse direito de se candidatar então foi feito, apresentado o nome de 20 pessoas que estavam presentes daí começou aquele processo de votação, olhe presidente tal tal tal e assim saiu essa diretoria que era apenas 6 pessoas, na época, 6, depois foi que houve mudanças na própria Lei ai precisou passar para 8 e agora foi atualizada que passou para 10.

R.A. – Ééé... quem foi o primeiro presidente ou presidenta do GLAD?

O.S. – Obenaldo Silva [expressão orgulhosa].

R.A. – Qual a formação da primeira diretoria? Por favor citar nomes.

O.S. – Annn... eita meu Deus, não sei não [balbucios incompreensíveis] era eu Obenaldo, ai tinha Luís Paulo meu visse, ai tinha a Laila, né que, a Laila, a Luciene, [recapitula] eu Luís Paulo a Laila, Luciene, Ana, e um menino que era de Petrolândia, que agora... mas que era de Petrolândia, que era apenas 6 pessoas [pausa reflexiva] eita eu não lembro o nome dele, ele está até aqui no cartaz, ele saiu porque na parada a gente colocou, pronto está até aqui ooo, eu esqueci o nome desse menino, faz tanto tempo que eu esqueci.

R.A. – [balbucios incompreensíveis] [pausa pequena] qual a relação das pessoas que compunham a diretoria com o movimento LGBT+?

O.S. – Meu filho ... a relação era muito boa, assim era um movimento que estava se iniciando, nunca houve nunca teve no sertão, então assim depois que foi colocado principalmente depois da parada que houve a parada, houve um interesse das pessoas em querer conhecer mais, em querer saber mais como fazer para que as coisas dessem certo para que conseguíssemos lutar entendeu brigar por algo da população LGBT então assim tinha todo interesse das pessoas né mesmo que isso começou a mudar depois de certos anos.

R.A. – Ééé... onde estão os documentos de fundação do GLAD e os registros fotográficos desses primeiros momentos?

O.S. – Bom eu tenho muita coisa que está comigo, só que os demais continuam com a nova direção né, nova presidência, porque o que eu tenho foi algumas coisas que acabaram ficando comigo, logo após... porque eu fiquei 4 anos na diretoria depois de 4 anos veio a nova diretoria então assim eu me afastei depois de 4 anos do movimento, né do GLAD, não assim de afastei do GLAD, não do movimento social em geral porque sempre me mantive atualizado principalmente com as novas mudanças de leis com tudo que estava acontecendo no cenário nacional sempre me mantive atualizado com tudo, então assim boa parte desses documentos

estão todos, ficaram todos, no próprio movimento sobre a nova direção a qual algumas coisas ficaram comigo porque eu achei que deveria ficar, e hoje ainda tenho muitas presenças, fotos ann essa ficha geral de ação que foi idealizada em 2006, foi do próprio... isso aqui eu não posso nem deixar e nem perder jamais né, tenho na época de 2006 uma carta que foi do próprio Promotor João Batista Dj Scuver [nome estrangeiro não identificado] que foi lida em cima do trio em plena avenida, né da importância do movimento para região em Delmiro então assim, essas coisas eu ainda tenho e guardo em meu arquivo pessoal.

R.A. – Poderia por gentileza disponibilizar os documentos de fotos das ações, materiais editoriais impressos, produzidos e distribuídos pelo GLAD, ao longo de seus anos de existência, existe alguma ata de fundação do movimento?

O.S. – Sim [pausa, ruídos inadiáveis]

R.A. – Qual foi a reação da comunidade LGBTQ+ como a fundação do GLAD?

O.S. – Meu filhoo... a reação inicialmente foi que não iria dar certo por se tratar de sertão, mas assim inicialmente quando foi fundado o GLAD, por ser sertão e por ser algo nesse seguimento ser o primeiro, a primeira iniciativa, de vim mostrar e vim ficar, né eu posso te dizer que foi as melhores, a aceitação foi das melhores, e eu falo isso em termos gerais, com toda certeza que não era o que esperávamos né, quer dizer assim imaginávamos que não ia ser mas foi.

R.A. – Como a comunidade LGBTQ+ recebeu o GLAD? Houve algum tipo de conflito ou resistência?

O.S. – Não, não houve, porque assim receberam muito bem entendeu, como eu disse assim no início, não acreditavam que poderia dar certo, só que daí quando viram as coisas caminhando, eles mesmo se convenceram em vim participar e ficavam perguntando [ruído alto de panela de pressão] ‘a o que eu posso fazer?’ [ruído alto de panela de pressão] ‘a tem alguma coisa para fazer?’ ‘aaa me dê uma ficha de inscrição’ aaa então houve muito isso, inicialmente houve uma certa resistência sim, porque tinha aquele pensamento de que não vai dar certo, não vai ser aceito, e foi totalmente pelo contrário.

R.A. – Como a população de modo geral reagiu a formação do GLAD? Houve algum tipo de resistência conflito ou reação combativa da população? [Interrupção]

O.S. – Não.

R.A. – Se sim descreva.

O.S. – Foi [gagueja] em relação a população foi as melhores, como eu disse em termos gerais a população foi muito boa [inaudível não identificado]

R.A. – Houve alguma reação das camadas religiosas, principalmente das cristandades do município a fundação de um movimento de gays e lésbicas em Delmiro Gouveia?

O.S. – Não. Pelo menos que eu tenha conhecimento não.

R.A. – Qual era a opinião pública predominante na sociedade, nesse período?

O.S. – Que era necessário [ruído] ...

R.A. – Qual era o contexto nacional para fundação do GLAD?

O.S. – Hummm... o contexto nacional, pra [guagueja] pra pra cá pra o sertão houve uma necessidade. Estado, era obrigatório. Já a nível nacional, precisou urgente para que as políticas conseguissem chegar a todos os lugares até nos mais distantes, e que através do grupo ele conseguisse enviar um relatório daquilo que está acontecendo na sua cidade no seu estado tanto positivo como negativo pra que fizesse um mapeamento tivesse conhecimento daquilo que estava acontecendo ou que deixou de acontecer por não ter um movimento de atuação na sua região, então assim pra mim foi ann sabe, bom [enfático].

R.A. – A fundação do GLAD contou com a ajuda de alguém de fora da comunidade LGBT?

O.S. – Não, não contou. Contou com o apoio do próprio movimento que foi o GGAL que deu todo esse suporte toda a acessória jurídica, quanto [ruído estridente de panela de pressão] annn estatutário tudo, aquela questão de documentação foi tudo, em Maceió, via Maceió, GGAL.

R.A. – Na criação do GLAD houve auxílio do estado, setor privado, sociedade civil ou de terceiros? Em termos de informações e monitoramento do processo burocrático na criação de uma instituição como essa?

O.S. – Se houve? Não, não houve [enfático]. Porque assim, como eu disse, todo esse processo de orientação ele aconteceu dentro do próprio movimento, principalmente com o pessoal de Maceió então assim, a gente não teve annnn uma aceitação boa e faltou annn faltou ainda o trabalho ou interesse em participar principalmente como voluntariado, serviços, serviços prestadores de serviços, você fala em montar algo annnnn como por exemplo, esse novo grupo que estou passando por ele agora novamente, então há uma necessidade, porque a gente sabe que está vindo de uma área se recursos e precisa ser estruturada principalmente juridicamente e tudo que fazemos hoje dependemos de dinheiro.

R.A. – A fundação do GLAD contou com alguma ajuda financeira do estado, setor privado, sociedade civil ou terceiros?

O.S. – Não [enfático] [pausa].

R.A. – Como funcionava, haviam reuniões periódicas ou ações periódicas?

O.S. – A cada três meses, uma assembleia geral a cada três meses e reunião uma vez ao mês.

R.A. – Como era o cotidiano e a convivência entre os ativistas LGBT+ no planejamento e desenvolvimento das atividades do GLAD?

O.S. – Ann as atividades eram desenvolvidas da seguinte maneira, cada um dentro do GLAD recebia determinada tarefa de campanha, por exemplo, distribuição de preservativos na boca da noite, então annn a pessoa recebia essa planilha e fazia um relatório de mais ou menos quanto de material ia precisar ou seria usado por noite e qual lugar que iria a partir convidava mais pessoas para poder fazer essa ação, no dia seguinte fazia um relatório de quanto foi distribuído e quanto ia precisar se foi bom ou se ia precisar de mais. Quer água [oferece]?

R.A. – Quero, aceito [ruídos inaudíveis]. Como era o cotidiano e a convivência entre os ativistas LGBT e o GLAD e a sociedade civil de um modo geral?

O.S. – Olha o cotidiano, inicialmente a gente né não tinha sede né, para o GLAD ter um espaço físico. Houve uma premiação que foi do próprio ministério da cultura que permitiu que tivesse um espaço, só que antes tinha sim apenas uma sala que foi doada e daí a gente poderia usar essa sala duas vezes por semana, então a gente se reunia sempre para poder discutir, quais ações ou planejar o que deveria ser feito, uma campanha dia primeiro de dezembro annn algo que deveria ser feito junto a saúde para a população LGBT então isso era o cotidiano, porque no demais cada uma era na sua e só aparecia duas vezes por semana, por não ter espaço físico.

R.A. – Éééé em sua fundação o GLAD teve adesão da própria comunidade LGBT+?

O.S. – Sim [pausa breve].

R.A. – Como ficou os casos de violência e discriminação contra gays e lésbicas, LGBT+ após a fundação do GLAD?

O.S. – Meu filho aqui em Delmiro Gouveia agente só assim pelo menos que passou por mim assim eu só tive duas ocorrências, assim dois casos que chegaram até a gente. A população LGBT, ela precisa, por menor ou por menos grave que seja, precisa ter essa iniciativa de que isso precisa ser documentado, né, por que [pergunta retórica]? Para que leve isso ao conhecimento da sociedade em geral das instituições da própria, do próprio grupo, para que ele possa agir diante os órgãos competentes, então assim durante o tempo que eu tenho conhecimento houve dias ocorrências que foi em escola os próprios professores educadores que estavam agindo de maneira discriminatória com aluno, e eu fui chamado né, eu fui chamado, por ser na área da educação ai eu fui chamado, numa escola no centro, uma escola lá no centro, e daí eu sentei com os diretores fui perguntar para eles porque aquilo estava acontecendo então assim nos dois casos foi preciso eu ameaçar de chamar a polícia que estava acontecendo uma discriminação contra um LGBT, então assim a partir do momento que eu acionei, cheguei a comentar que ia acionar, a polícia pra isso a justiça para isso, então assim da parte da escola acabaram baixando um pouquinho o tom da voz até porque quando eu fui eu, eu lembro que na época quando eu fui eu me pronunciei logo na questão da lei que garantia isso para seu próprio

aluno por se tratar do ambiente escolar, então eu já levei isso em lei e perguntei para eles, se para isso eles já tinham conhecimento e se eles já tinham conhecimento então porque não estava agindo dentro da lei, entendeu, mas aí a gente acabou entrando em acordo na situação não foi preciso a polícia ir até lá porque eles chegaram voltaram atrás né, e pediu desculpas para o aluno, nos dois casos, foi pedido desculpas para os alunos na frente da sala de aula e nessa mesma hora foi feita uma circular na própria escola informando que a partir daquele momento seria tratado daquele jeito assim, assim, assim [movimento com a ponta dos dedos da mão direita juntas, punho em forma cônica, batendo de cima para baixo na mesa três vezes] ninguém teria permissão de agir de outra maneira a respeito do aluno, então assim, foram os dois casos.

R.A. – É por que o nome do GLAD diz respeito somente a gays e lésbicas?

O.S. – Porque na época quando se foi formado a gente só tinha LGBT, na sigla do próprio movimento nacional a gente só tinha LGBT, aí depois a gente tivemos LGBT, é LGBT, depois a gente tivemos, aí depois é que veio o BTS, veio lésbicas, simpatizantes, travestis e transexuais, então assim no decorrer da História do próprio movimento é que está sendo acrescentado o processo da sigla, então na época do GLAD era que se iniciou com o GLS, na verdade era GLS, Gays, Lésbicas e Simpatizantes [risadas do entrevistado] então depois veio GLBT [] Lésbicas, Bissexuais, Travestis o mesmo T de Transexuais e Transgênero e a partir daí, do tempo, ver-se que nós já estamos com o alfabeto inteiro [ar de risos].

R.A. – Qual a proposta inicial dos fundadores com essa sigla GLAD?

O.S. – Meu filho, com essa sigla GLAD? [Pergunta retórica] Um annn tirar um poucooo [corte retórico] como foi colocado o GLAD o nome fantasia GLAD, para tirar ummm foco de dizer assim a é uma associação de viado, de viado [fala o termo viado de forma sussurrada] aquela coisa, né agente logo se pensa nisso, a mais aí aqueles mais curiosos perguntam: GLAD é o quê? GLAD é o quê? Haa, um grupo de gays e lésbicas de Delmiro Gouveia aquela coisa toda [fala a resposta da pergunta retórica sussurrada] então assim a gente sempre tem acho que dentro da própria orientação que foi passada para que tirasse esse foco annnn porque assim em determinados lugares como algumas vezes pode acontecer sim ou não de repente você põe uma associação tá lá eeeee pode ser apedrejada simplesmente pelo simples nome detalhado que se encontra ali a vista de todo mundo então assim se pensou muito nisso né a própria orientação de advocacy ela foi colocada na época, principalmente para tirar esse foco né, GGAL, G-G-A-L [o entrevistado soletra] aí Grupo Gay de Alagoas então GGB então o Grupo Gay da Bahia, né ééé MEL – Movimento Lilás, então foi pensado muito nisso já para tirar esse foco de ser um movimento LGBT mas que também conseguisse ser pronunciado falado até mesmo se não tivesse conhecimento que aqui seria outra coisa então é mais em cima disso.

R.A. – Eeee haviam travestis, transexuais, transgêneros, bissexuais, queer, intersexuais, assexuais, pansexuais, não-binária e gênero fluido no início do GLAD?

O.S. – Não só travestis porque assim era gays lésbicas, tinha muitos bis e tinha travestis, né da época.

R.A. – Qual a formação de sexualidade e gênero dos primeiros integrantes do GLAD?

O.S. – Onnnnnn ... Bi, lésbica, travestis, só ...

R.A. – E ao longo do tempo houve a adesão de uma diversidade de sujeitos de diferentes sexualidades de gêneros?

O.S. – Tá, veio muitos simpatizantes porque assim o GLAD já teve, assim já teve muito, tinha muito simpatizante, pessoas simpatizantes, que chegaram e colocaram, olha eu quero me associar ao GLAD como simpatizante, gosto muito, sabe sou apoiador da causa, então assim eu quero me tornar sócio do movimento, então assim [ruído forte de panelas e falas inaudíveis].

R.A. – Tem ou teve alguma proposta em andamento para modificação do nome?

O.S. – Não.

R.A. – [ruídos de panela] como a comunidade LGBT se sentiu com a representação dessa sigla?

O.S. – Meu filho, curiosa. Se perguntavam: ‘o que significa?’ né, ‘ai por que GLAD? por que GLAD?’ Eu disse, minha gente por conta das três espíãs de mais, era isso só isso que eu falava, as três espíãs de mais.

R.A. – Atualmente como se encontra a formatação de seus integrantes entre travestis, transgêneros, bissexuais, intersexuais, assexuais, homossexuais, não-binário e gêneros fluidos?

O.S. – Ai assim como eu falei para você [gagueja fonemas incompreensíveis] eu vou falar em quanto movimento, assim né você sabe da realidade que a gente está vivendo em Delmiro né, esse retrocesso né que estamos vivendo dentro de Delmiro, né e dessa nova sugestão e formação que está se iniciando né nós temos, esse, vamos dizer esse processo, indo contra o outro, né como a gente sabe, porque assim a minha permanência no no no [gagueja] no GLAD foi durante quatro anos annn todo mundo sabe que tivemos as melhores fases, o apoio o trabalho que estava sendo desenvolvido não só para Delmiro mas para região, inclusive para outros estados estava fluindo assim com uma aceitação muito boa né além de todos os convites que tínhamos sempre todo semana minha mãe até reclamava, porque assim, tá indo para outras cidades entrevistas de rádio, televisão formação de movimento em outros estados então assim, durante quatro anos de movimento em Delmiro Gouveia estava evoluindo muito, depois desses quatro anos, depois da minha saída da presidência, ai já vimos outras histórias né vem outras histórias queeee éee todo esse processo que nós sabemos hoje, e que daí de 2019 para cá iniciou um novo processo, [fala do Grupo Diversidade Pela Vida] 2019 pra cá que é o trabalho a construção desse novo grupo

que está sendo que já está formado, a gente está só no processo agora deee, a gente só está passando agora pelo processo, que está sendo que a acessória jurídica está fazendo, esse processo de leitura de toda documentação, se está dentro dos conformes para que seja feito o nosso registro oficial, para estamos fluentes na questão jurídica, então assim éee pra mim ele fica até para onde eu estive, participei entendeu, foi muito bacana por vim né muita gente se agregando né, principalmente de que não é só gays né, mas ai no percurso dos últimos anos do GLAD que eu não estive afrente eu não saberia muito falar, mas a gente já sabe o resultado como ficou, está [fala do Grupo Diversidade Pela Vida] é uma nova formação que com fé em deus vai dar tudo certo o trabalho que se iniciou Teve sim , que hoje e que hoje assim está recebendo muitos pedidos de filiações, muitos pedidos de filiações, entendeu, isso eu digo, em todas as siglas, entendeu, se colocando: ‘Obenaldo eu sou isso isso isso isso estou te mandando o histórico completo quero me tornar sócio como que eu faço?’ eu digo olha meu filho eu preciso de seus dados você vai me mandar tudo, então assim hoje no movimento que está se iniciando com fé em deus eu tenho certeza que vai dar tudo certo com um pouquinho de esforço mas dá certo e então assim nós temos uma agregação bem maior do que foi na época do GLAD né, até porque também essa agregação de siglas e letras que estão chegando e tudo mais ela também é bem recente, ela não é antiga, ela é bem recente, entendeu mas, mesmo assim com toda exposição que nós temos na mídia, que nós temos ai no dia a dia no whatsapp nas redes sociais, as pessoas então se antenado com mais facilidade por tanto o Grupo Vida está tendo hoje essa agregação entendeu de filiações com essa nova categoria, com essas novas siglas que surgiram recentemente, então nós estamos tendo sempre essa procura bem grande.

R.A. – É o entrevistado mostrou a camisa da parada LGBT do ano de 2023. É atualmente quantos integrantes fazem parte do movimento GLAD?

O.S. – Olha do GLAD eu não saberei te informar, porque assim é como eu disse [] eu não faço mais parte [] e a necessidade de uma nova formação do grupo e até fui orientado pelo nosso advogado do grupo se não seria melhor reestruturar o antigo GLAD né, mas ai existe umas questões jurídicas, que também precisam ser resolvidas, então além de trazer uma certa vantagem porem traz consigo várias desvantagens que precisam ser resolvidas para poder seguir, então assim penso que seria mais fácil algo novo que causasse curiosidade expectativa, a o que é? Aquela curiosidade em si de saber do que se trata e de uma mensagem do início do que tentar reestruturar algo que está bem defasado que perdeu aquela credibilidade, entendeu e que torna mais difícil agente reestruturar sem saber se no final conseguiremos aquele objetivo que teríamos com um novo grupo. Então tem essa questão, então por isso que as certas informações que eu não sei, até porque no meu afastamento eu corte realmente eu cortei os

relacionamentos, são pessoas maravilhosas agente conversa quando se encontra é assim oi oi. E jurídicos nós sabemos que existe essas prestações de contas os tributos que precisam ser pagos né então assim o movimento em si o GLAD está em débito com a receita então como não tem, seus impostos aquela prestação de contas toda a ser feita, então assim ele está impossibilitado de, de até pedir recursos estaduais e federais, então por não conseguir esse recurso por falta de prestação que se possibilita de estar trabalhando fazer a sorte, é claro que esse compromisso é principalmente de sua diretoria que deveria cumprir com aquilo que deve ser cumprido, e por não fazer isso acarretou nessa falta de credibilidade, falta de confiança, então assim reestruturar algo que está endividado até a cabeça, ann a gente vai ter essa desvantagem de que vai ter que mudar a credibilidade de algo que não tem, a gente vamos ter que vamos dizer assim annn quitar todos os débitos e prestações que deveriam ter sido feitas e não foram então assim tudo isso leva tempo exige recursos, porque se você não está indo movimentar, captar recursos para cumprir com os seus compromissos, e daí fica difícil você pegar e não ter de onde tirar para cumprir o que deveria ter sido pago então você tem mais de três desvantagens né, primeiro vem a confiança, o GLAD, eu assim até hoje eu enquanto fundador do GLAD na época em que fui presidente, todos esses anos eu tenho essa credibilidade de boa parte do comércio pessoas de Delmiro chegam e me ligam ‘Obenaldo você vai fazer parada esse ano?’ eu disse não eu não farei, ai ‘á se você fosse fazer eu ia pedir para você passar aqui na minha loja, no meu comercio para nós conversamos’, então assim isso mostra que o trabalho desenvolvido na comigo a frente durante quatro nãos foi um trabalho que mostrou credibilidade e com isso gerou confiança nas pessoas que sempre estiveram próximas, junto ao movimento, né GLAD na época sobre a minha presidência então hoje por exemplo eu coloquei annn umas pessoas que estão vendo na internet, ‘a o grupo a o GLAD a o GLAD não, está grupo vida’ então as pessoas estão assim ‘aaaaa é o novo grupo?’ sim é o novo grupo ‘aaa passa na minha loja, passa no meu comércio para gente conversar vamos juntar novamente’ então isso mostra que o movimento que foi fundado em Delmiro, ele foi muito bem recebido, se ele em algum momento perdeu essa credibilidade, não foi culpa do movimento, foi culpa de seus diretores da direção do movimento entendeu então assim, isso mostra que por mais dificuldade que tenhamos na vida se você desenvolve um trabalho em que as pessoas sintam confiança no trabalho que está sendo feito com compromisso e responsabilidade, isso acaba de uma certa maneira trazendo parceiros, fazendo amigos que mesmo com pouco na hora que você precisa vai chegar e vai estar presente, ‘olha eu não posso fazer muito mas eu posso fazer isso aqui por você’ entendeu e é esse tipo de trabalho que precisa ser desenvolvido entendeu para que a sociedade em geral tenha essa confiança reconheça essa trabalho de seriedade, que o que está sendo desenvolvido é algo sério, entendeu infelizmente o

GLAD no decorrer desse, depois dos quatro anos que eu sai da presidência ele acabou perdendo isso e a gente vê ann esses anos todos ann a respeito das paradas, as paradas de Delmiro tinha quinze mil pessoas 2006 a primeira parada que foi realizada em Delmiro, 15 mil pessoas com página oficial do IBGE de Recife a agência veio para cá só pra fazer essa contagem a pedido do estado né porque assim as pessoas ann esperavam assim não vai ter ninguém, a primeira parada no sertão, aquela coisa vai não vai e o IBGE destaca 15 mil pessoas na avenida, segunda parada tivemos 17 mil pessoas e dois trios elétricos né DJ's boates Gogo Boy Gogo Girl dançando aquela coisa toda, dois trios, trios não é mini, trios aqueles mega trios, então assim você vê em 2006 1 tril 15 mil, 2007 17 mil pessoas com ddoiissss mega trios [Enfático], algo positivo se tem né porque está evoluindo está crescendo, né agente tem 2008 Schneider do Arrocha né no trio tutifruiti de Maceió que vem no trio Nostal de Aracaju então assim a gente vê que o movimento em si estava mostrando trabalho estava passando toda essa confiança de trabalho entendeu de trabalho sério de estar desenvolvendo e depois desses 4 anos em vez de continuar esse processo pela nova direção pela nova diretoria ela acabou caindo, caindo e chegou ao ponto hoje que nem se fala mais, é se fala uma vez ou outras por alguém que se pergunta a o GLAD aquela coisa mas ai agente vê tudo isso a falta de compromisso de interesse.

R.A. – Atualmente, qual a formação da diretoria do Glad? (CONTINUAÇÃO)

O.S. – Meu filho, eu não saberia te responder. Eu acho que...

R.A. – Atualmente, quais as atividades são desempenhadas pelo Glad?

O.S. – Nenhuma.

R.A. – Descreva com detalhes quais foram as gestões que formaram a trajetória do Glad desde a sua fundação até agora.

O.S. – Ah, 2006, eu fiquei 2006, 2007, 2006, 2007, 2008, 2009. Só que em 2009 a gente já estava entrando, eu estava em processo com a nova diretoria. Basicamente, eu quase já não fazia mais parte que estava porque eu estava dentro do processo da atividade da parada já e só poderia me afastar depois que passasse essa parada, que seria a quarta parada, né? O quarto ano. Então, de lá para cá, eu não sou... Depois dos quatro anos da minha saída da presidência, ficou a senhora Luciene. Naica. Depois de mim veio a dona Luciene, que é conhecida como Piu. A única informação que eu tenho é essa, porque eu cortei completamente o meu contato, não com o movimento geral, mas com o movimento local.

R.A. – Bom, agora vamos adentrar sobre as primeiras paradas gay de Delmiro. Quando foi a primeira parada gay de Delmiro?

O.S. – A primeira parada gay de Delmiro foi...Primeira parada, primeira parada...27 de agosto...Eita, conferiu até com a data do que vem. Dia 27 de agosto de 2006, foi a primeira parada gay de Delmiro.

R.A. – A primeira parada gay de Delmiro foi promovida pelo GLAD, com a instituição já formada?

O.S. – Não. Então, como eu disse, eu tinha sido capacitado, então eu teria três meses para realizar uma parada. E logo a parada foi que foi formalizada a questão do GLAD. Porém, ele já tinha nome como grupo gay de Delmiro Gouveia. Só a realização do grupo gay de Delmiro Gouveia. Só que daí foi realizada junto com o GGAL e a ABGLT e o grupo Pro Vida de Maceió.

R.A. – Como foi a organização da primeira parada gay de Delmiro?

O.S. – A primeira parada gay foi organizada apenas com duas pessoas. Eu, Abinaldo, e então o presidente do grupo gay de Alagoa, Nildo Correia, que veio de Maceió para cá para me ajudar por falta de pessoas aqui em Delmiro que se agregassem ou que se oferecessem para ajudar em alguma coisa. Então assim, foi bem corrida. Muito corrida mesmo. Agora, todos os palestrantes tivemos que trazer de fora, porque como houve palestra nas escolas, sempre os dois horários, como a Escola de Gilha Bezerra, Francisca Rosa, Delmiro-Golfeia, Escola Wokson, então sempre houve palestra nas escolas nos dois horários, a tarde e a noite. Mas todos os palestrantes vinheram de outros estados.

R.A. – Quais os sujeitos que estavam à frente da organização da primeira parada gay de Delmiro?

O.S. – Abinaldo e Nildo Correia.

R.A. – Qual foi a reação da população sobre a primeira parada gay de Delmiro?

O.S. – A mais positiva possível.

R.A. – Qual foi a reação dos setores religiosos, especificamente das cristandades e conservadores da população em relação à primeira parada gay de Delmiro?

O.S. – Meu filho, na verdade, se manter o neutro. Não houve nenhum comentário, não houve nenhuma crítica, pelo menos até hoje que chegasse ao meu reconhecimento a respeito da parada gay de Delmiro, não.

R.A. – O movimento da primeira parada gay de Delmiro teve apoio do Estado, instituições de direitos e serviços públicos?

O.S. – Teve. Teve apoio da prefeitura. A prefeitura de Delmiro ajudou e muito. E o governo do Estado. Teve também o Ministério da Cultura. E o grupo gay de Alagoas, GGAL. Foi o Estado. Teve apoio da prefeitura. Tivemos apoio praticamente de todas as secretarias, porque cada um forneceu material. Tivemos apoio do falecido, do vereador Fernando Aldo, também.

E do comércio local, tivemos praticamente todo o comércio. Na época, Rádio e Delmiro. Então assim, foi muita gente. Só pra você ver a primeira parada. Mas a gente tem aqui Delmiro em peso.

R.A. – O movimento da primeira parada gay de Delmiro teve apoio do setor privado?

O.S. – O setor privado. Aí você quer que eu separe por quanto? Por quanto? A gente já teve do município, né? Agora o setor privado. A gente só tem... Deixa eu só falar os nomes? Seria interessante. A gente só tem os nomes de parte desses jogos. Posso tratar todos. Todos que for privado, só não os públicos. Pronto, esses aqui fica aqui. A gente teve, em 2006, o armário do Jacira que contribuiu, foi quem patrocinou o nosso mês. O nosso mês, né? O nosso mês que foi assim belíssimo. Aí tivemos Cantão Moda, Panificadora Flow do Bairro, Mácio Lanchi. Novamente, Diocasioni, Galeria, Bezerra, Rádio Delmiro, Rádio Conexão na época, que não existe mais. Paderaldo, Álvaro Guimarães. Particular, né? Porque era governo também. E só esses.

R.A. – O movimento da primeira parada aqui, de Delmiro, teve apoio da sociedade civil, de forma geral?

O.S. – Sim. Sim, porque assim, o que a gente precisava muito, as pessoas se colocavam a ajudar, entendeu? Até mesmo assim, algumas ajudas que não precisam dizer assim, olha, não precisa que se coloque. A gente está ajudando porque a gente quer ajudar. Então, assim, muita gente, mesmo sem ser dono de alguma coisa, ajudou muito. Até mesmo pra ir lá, carregar alguma coisa. Então, assim, tivemos um apoio muito bom nesse sentido.

R.A. – No movimento da primeira parada aqui, Delmiro, houve adesão e participação da comunidade LGBT+?

O.S. – Ah, sim. No evento, sim. Teve todas, porque a gente tivemos caravanas. João Pessoa, Salvador, Arapiraca, Maceió, José foi os dois ônibus. Santana, Petrolândia, Paulo Afonso, Aracaju. Aí a gente tivemos a região aqui e os próprios delmirenses. Então, tudo isso era para o povo de movimento. Todas essas caravanas foram o povo de movimento que vieram. Porque assim, quando se falou parada de Delmiro, todo mundo teve aquilo, praticamente aquele mesmo pensamento. Vamos pra ver que não vai ser. Não vai ser. E assim, tiver ao contrário. Saí totalmente feliz e contente com o que encontraram. Com o evento em si, como ele foi feito, principalmente a quantidade de pessoas.

R.A. – Qual foi o tema da primeira parada?

O.S. – O tema da primeira parada... Diversidade, sim, preconceito, não.

R.A. – Poderia disponibilizar as obras de divulgação, panfletos, fotos, ofícios ou qualquer documento que se ligue à primeira parada de Delmiro ou as demais?

O.S. – Sim.

R.A. – Descreva a trajetória das populações conhecidas com a parada de Delmiro, desde a primeira parada até a última realizada.

O.S. – Bom, pinta como papo. Quando a gente falou parada, as pessoas têm aquela visão de que parada é um carnaval fora de época, sabe? E assim, é um carnaval fora de época. Então, mas sim, pra mim, a primeira parada, a primeira parada, a segunda parada, a terceira parada, a terceira parada. E assim, é um carnaval fora de época. Então, mas sim, pra muitos, né? Muitos imaginam que é um carnaval fora de época, cara. Quando se tratou de Delmiro, muitos dos participantes que estavam na avenida, vamos dizer assim, que 60% dos participantes vinheram. Não quando dizer assim, vamos pra avenida, mas a gente precisa ver o que é que vai acontecer nessa avenida. A avenida vinheram como curiosa, né? Vinheram como curiosa. Então, mas sim, vinheram participando de um evento bonito, um evento sem briga, um evento que correu do início ao fim com a maior tranquilidade e finalizou com muita calma, tudo tranquilo, um evento bonito. E que no decorrer do ano, entendeu, as pessoas ficaram com a expectativa de que se trouxesse algo novo, mas principalmente o trabalho que viesse a ser desenvolvido durante o ano, principalmente na semana, porque foi sempre, então tá, que assim, sempre foi, em Delmiro, semana da diversidade, parada da diversidade, né? Parada da diversidade. Esse ano com o novo grupo, com o grupo Vida, é semana da diversidade, não parada, é semana da diversidade. Então, quando chegou a segunda parada, entendeu, as pessoas puderam, principalmente quem estava envolvido e as que estavam direto e indiretamente dentro participando do movimento, vendo a evolução que esse movimento teve durante um ano. Um desses que foi os apoios, né? Algumas cotas que foram, na época, acordadas com as obras municipais como cultura, saúde e educação, que no decorrer da nova gestão, acabando fazendo o caminho inverso, foram feitas trocas, em vez de beneficiar, acabou direcionando pra uma única pessoa, feito um acordo de tudo isso, então assim, todo um processo de tô pensando mais em mim do que nos outros, né? Então, acho que durante quatro anos apresentou e cumpriu com aquilo que deve ser, que é um trabalho coletivo em busca de direito, não só pra um, mas pra todos.

R.A. – Quais foram os anos que tiveram paradas?

O.S. – Os anos 2006, sobre a minha direção, 2006, 2007, 2008, aí os demais, daí pra frente, eu acho que houve ainda umas duas, não lembro de certeza, umas duas ou três, e até o ano passado não houve mais.

R.A. – Então, as outras duas que você organizou, sabe os temas delas?

O.S. – Sei. A segunda Parada da Diversidade Sexual do Alto sertão, a gente na verdade não teve tema, ela foi dia 18 de novembro, que foi em 2007, em 2007 a gente não tivemos temas

pra parada, porque foi só semana da diversidade. Parada da Diversidade, que foi as dez dias de palestras nas escolas sobre o direito da população LGBT ou a homossexualidade nas escolas. O tema foi a homossexualidade nas escolas.

R.A. – Essa foi em 2007, né?

O.S. – 2007, ela foi realizada no dia 18 de novembro.

R.A. – E a de 2008?

O.S. – 2006, 2007...Acho que eu não tô percebendo o que eu tô ouvindo hoje. A primeira, a segunda, a terceira. Foi dia 24 de agosto de 2008, terceira Parada da Diversidade do Afetão, onde direitos sexuais e direitos humanos.

R.A. – Ao longo dessas paradas gays, quais foram as principais mudanças que o GLAD teve?

O.S. – Olha, eu não falo as mudanças, né? Porque quando a gente fala assim, a mudança, eu, GLADD, mais, tá representando um grupo de pessoas, né? Coletivo de pessoas, de várias pessoas, então assim, acaba envolvendo a todo, né? Quando se deu início, houve pela necessidade de políticas públicas, direitos humanos, entendeu, de uma melhor qualidade de vida, né? Fui principalmente do questionamento que este ano houve, agora, como você sabe, a conferência de saúde da Quilidão Miram, eu participei. Eu participei dessa conferência de saúde municipal de saúde, e que na época, a gente tinha saído principalmente pelos seus direitos iguais, né? Dentro do próprio SUSMA diferenciado para gays lésbicas e travestis, né? Que é dos direitos, né? Porque o direito pra todos é o mesmo direito. Mas com o diferencial de tratamento, né? De tratamento, por exemplo. Então assim, a Quilidão Miram, a gente passou por isso logo depois da primeira parada. Porque o que aconteceu? Eu participei da conferência no Rio Grande do Norte, e daí o que aconteceu? Foi uma conferência voltada exclusivamente do SUS, se tratando de direito, né? Da população LGBT dentro do SUS, que até hoje é discutido muito, né? Então assim, quando chegamos aqui, a gente tivemos que ter essa reunião com o secretário, na época, que eu não me recordo o nome, para que passasse por esses ajustes dentro de comportamento, de atendimento com essa população. Porque estava lá uma travesti de peito toda mulherzinha, mas o nome era Eduardo. Aí o atendente chegava assim. Senhor Eduardo! A travesti ficava com vergonha, sem querer se levantar, de ser constrangida, porque estava chamando um homem e levantava uma mulher, né? Aí vem essa garantia de direitos, direitos iguais pra todo mundo, porém diferenciado para gays, lésbicas e travestis. Então assim, a gente teve alguns acordos, alguns que se iniciou com dentro de Delmiro, com essas secretarias, né? A gente sabe que hoje, para uma secretaria de saúde desenvolver algo que venha beneficiar a população negra, a população de idosos, a população LGBT, a população de jovens, precisa ter alguém dessas categorias para saber se aquilo que está sendo desenvolvido vai contemplar

aquela categoria, né? Ter o conhecimento disso, né? Porque não é simplesmente dizer assim, ah, eu estou fazendo algo para a população, mas isso é ação. Ela beneficia a população LGBT, a população negra se sente beneficiada com aquilo que está sendo desenvolvido. Então assim, na época foi até feito, foi sentados e conversados para que tudo que fosse apresentado, principalmente o município das secretarias, mas inicialmente com a saúde, fosse consultado principalmente o movimento dentro de Delmiro, para ver se ele se sentia contemplado com aquilo que estava sendo desenvolvido pela própria saúde, né? E no decorrer dessa trajetória, acabou perdendo tudo isso porque houve uma falta de desinteresse da diretoria atual, quer dizer, do GLAD ainda, né? Porque ele não acabou, ele juridicamente ainda existe. Então, são esse tipo de crescimento, de trabalho que estava sendo desenvolvido e que ao longo do tempo acabou se perdendo. Então, em vez de fazer um caminho sempre adiante, com toda a dificuldade que a gente tem, mas que algo venha sendo feito de alguma maneira, ah, eu pedi dez, mas chegou dois, mas já chegou alguma coisa, vamos continuar para que esse número aumente, né? Então, olha, eu pedi dez, me devolveram onze, sem fazer, então assim você, em vez de subir, você desceu zero, zero, zero, né? Então, o grupo de Delmiro, ele esteve, assim, com todo esse, com todo esse trabalho sério na época que estava trazendo resultado, entendeu? Que estava sendo aceito, entendeu? Mesmo contra a vontade de alguns, mas que o grupo estava mostrando e levando que os direitos dessas pessoas, desses LGBT, precisam ser respeitados assim como todos, né? Porque até a época que está dentro lá da Constituição, entendeu? E todos são esclarece perante a lei sem distinção de raça contínua, sem religiosa orientação sexual. Então, assim, isso precisa ser contínuo, né? E que infelizmente o Delmiro devolveu e a gente passou por esse retrocesso de tudo, que acabou chegando ao aumento, que chegou o GLAD hoje dentro de Delmiro.

R.A. – É, mudando um pouquinho agora para o casamento inclusivo e o Delmiro. Qual o primeiro casal não heterossexual a realizar casamento inclusivo no estado de Alagoas?

O.S. – Olha, aqui a gente teve o casamento de Ana mora, né? Aqui em Delmiro a gente tivemos o casamento de Ana mora, com o conhecimento de Ana mora e LGBT, né? Como todo mundo sabe. Fora isso, o estado, o grupo GG Alagoas de Delia Alagoa, todo ano ele faz essa campanha, inclusive está com essa campanha nas redes sociais, né? O que ele faz já tem, nossa, eu não me engano, se não me falha, já vai no terceiro ano, já na terceira edição, ou é na quarta edição, e casamentos, né? As inscrições já estão abertas não só para casamento, mas também para divórcio, né? E também com processo de adoção. Então assim, mas em Delmiro, em Delmiro a gente não temos, ao não ser a questão voltada a casamento, que é o casamento de Anamora com o Pio, né? Com o Zini e a Anamora. Só foi de resistência, é o que a gente sabe.

R.A. – Qual a relação do GLAD com esse casamento inclusivo?

O.S. – Olha, a relação do GLAD com esse casamento, é uma questão de diretoria. Então já fica tudo em casa.

R.A. – Como esse casamento inclusivo foi recebido pela sociedade da Delmireense? Houve críticas, indagações de pessoas próximas para que isso não acontecesse?

O.S. – Assim, não, para ser sincero, não. Por todas as informações, por tudo que eu ouvi e vi, ele foi assim, foi bem visto, entendeu? Porque assim, algumas informações sérias, era necessário para que as pessoas também consigam olhar e ver que não tem nada de anormal e que a felicidade ela se encontra, entendeu? Ele foi bem visto, as pessoas participaram, teve muita gente, entendeu? Então assim, para mim, dentro do meu conhecimento, pelo que eu ouvi, eu vi algo negativo relacionado ao casamento das duas.

R.A. – Qual foi a orientação do Ministério Público para a execução desse primeiro casamento inclusivo?

O.S. – Olha, eu não posso falar muito aqui, como dizem, na época já estava afastado não só do próprio GLAD e da Unirio, mas, diretoria do GLAD e da Unirio, mas afastado até do próprio casamento, até porque eu não fui para o casamento não para não ser convidado. Eu não fui para não misturar mesmo uma questão com a outra, entendeu? Mandei as felicidades que traçam para o casal, mas eu creio que a orientação, principalmente relacionada ao Ministério Público, você, até porque saiu também na arminhete a respeito do casamento das duas, você, como se fosse tratado de sertão, mais uma vez de sertão, durante o meu primeiro casamento, entendeu, assim, foi receber um apoio tanto logístico da própria instituição, do Ministério, sabe, superpositivo, e aconselhando que viesse a acontecer mais, entendeu, que não fosse apenas o primeiro. É claro que a gente tem que levar em consideração que quando a gente faz isso, a gente tem que pensar muito bem, assinar o ponto de vista para não se causar, meu amor. Olha, eu preciso realmente, a pessoa tem certeza que casava essa cara depois de mais tempo.

R.A. – Para a gente finalizar a entrevista, eu tenho só mais algumas perguntas. Vamos lá. Para você atualmente, existe violência voltada ao LGBT mais ainda no governo?

O.S. – Insiste. Só não é denunciada.

R.A. – Se sim, descreva vários exemplos ou compartilhe histórias concretas sobre ele.

O.S. – Olha, meu filho, eu insisti, insisti, né, insisti, insisti, assim, já presenciei, assim, já fui chamada para várias, aqui, inclusive, onde já chegamos com a polícia, como no caso da Romélia, entendeu, e assim, só que o próprio LGBT, ele não aceitou fazer essa denúncia, então assim, fica complicado, até para a própria justiça cumprir o seu papel. Né, porque a gente tivemos uma reunião em março com o Ministério Público da Querida Mulgovera e o próprio

promotor, o Dr. Paulo e o Dr. Dênis, né, eles se colocaram, quanto o Ministério, né, à desprocissão, mas foi sumo do assunto que ele repetiu com a Madi, uma vez, que não tem como agir se não chega essa cobrança, né, junto ao Ministério Público de Aputuração. Então, assim, fica complicado, até, não só para o próprio movimento, mas principalmente para quem faz as leis, porque se não chega a denúncia, também não há demandas, né, então assim, também não posso cobrar dizer que não atua ou não faz, se não é procurado. Então fica, sabe, um disse e me disse, mas que, ah, e assim, de formas menores, vendeu algo mais sério, como a gente já cansou de presenciar, né. Tivemos caso recente no mix, né, na polícia de churrasquinho, entendeu, mas as pessoas não quiseram fazer o boletim de ocorrência, entendeu, aí complica, mesmo agora, né, mesmo agora. Ok, deixa o dia amanhecer, marco com você, a gente vai direto para a delegacia, vai fazer o boletim de ocorrência e tomar as dívidas de providência. Ah, eu não quero. Então fica complicado. O próprio movimento em si, nem o próprio movimento pode ser questionado, quer dizer, que não agiu ou não fez, porque se você que é a vítima não quer que faça nada, eu que posso estar de contra a sua vontade. Como eu disse, se for de menor é uma coisa. E aí a gente já se anda por seludo até lá, entendeu, junto ao movimento e a partir daí vai Ministério Público, por alguém que não é responsável pelo seu fato nem pelo seu comportamento e atitude, você de menor. Se for uma pessoa de maior, fica impossibilitado.

R.A. – Por que você acredita que essas práticas violentas que tem como alvo as pessoas LGBT mais persistem?

O.S. – Meu filho persiste por uma, vou dizer. São um monte de gay, de bichas encurbadas, entendeu, que gostaria de estar no lugar da sua vítima, andar no seu dia a dia, de cabeça erguida, sem ter medo, nem preocupação de mostrar. Eu sou e não devo nada a ninguém. Na maioria das vezes, age dessa maneira com raiva por conta disso. Essa é a realidade, porque não consegue, não tem a coragem de ser o que muitos são hoje. De dar sua cara à tapa no dia a dia, entendeu, para a sociedade, para a família, entendeu, de sobreviver sozinho muitas vezes por ser expulso de casa da família disso ou daquilo, entendeu, e se sobreviver lá fora, no mundo lá fora, sendo quem é, sem a preocupação de precisar se esconder. Entendeu? Então vejo muito disso.

R.A. – Como atuar para minimizar ou acabar com essas violências?

O.S. – Meu filho, olha só uma das coisas. Sempre existe dentro do movimento uma campanha muito bem elaborada, que assim, para mim, eu acho, nunca esqueça. Gay vivo não torna com seu inimigo. A gente já sabe que a violência, o preconceito, a discriminação é tão grande, entendeu, em vários fatores, que essa própria população, ela não precisa se privar e se invitar a determinadas situações, entendeu? Por exemplo, não levar um estranho para a sua casa. Se está

em lugares públicos, tentar se manter, principalmente se for em festas, mas sobre a possibilidade de ter o controle sobre o que está acontecendo, sobre a sua própria vida e sobre quem está à sua volta, entendeu? Principalmente em comportamento, porque assim se fala muito, o respeito, o respeito, o respeito. Mas a gente sabe que para a gente ser respeitado, a gente precisa se dar esse respeito. Se uma pessoa chega para você de uma forma grosseira e ignorante, mas se você tem um conhecimento e deu um controle sobre a situação e passa para essa pessoa, aquela discussão assim pode até persistir por insistência do outro lado. Mas a intensidade, ela vai diminuir, porque queira que não queira a pessoa estar vendo que você conhece e você está no seu controle, no seu inimigo, do que você está fazendo. Então assim tem isso. Entendeu? Existem outras que não estão andando sozinhos em lugares que você sabe que é violento, entendeu? Foras de horas. Então assim são muitos fatores que precisa que com isso a gente já invitaria bastante. Se levar alguém para sua casa, sair com alguém, faça com que os outros vejam, entendeu? Saiba quem entrou na sua residência, não entrar escondido. Porque se você entrar escondido na madrugada, as coisas acontecem, você vai embora, ninguém viu. Como que a gente vai saber quem entrou e quem saiu se ninguém viu? Como que você vai ser descoberto? Precisa o trabalho ser muito bem feito. E que na maioria das vezes, nem mesmo com os heterossexuais, a gente tem a solução de tudo. Imagine com as bichas, né? Imagine com essa população.

R.A. – Você ainda atua de alguma forma com as pautas pelos direitos das pessoas LGBT, mas ainda é o meu governo?

O.S. – Sim, porque desde 2019 eu iniciei esse novo movimento, esse novo grupo, ainda é o meu, que é o grupo Diversidade pela Vida, Grupo Vida. E de lá para cá eu venho de uma certa maneira já se fazendo presente aonde é necessário para que as pessoas saibam que um novo movimento existe e está atuando. Entendeu? Como profissional do sexo, bares, né? Entra através da população LGBT, distribuição de preservativos já com panfleto, dentro do próprio CTA. Agora com a discussão que a gente tem a questão da prévia para o usuário do SUS, né? Que já existe dentro do município, mas que não é oferecido pelo município e nem divulga isso e a gente sabe que existe uma verba, entendeu? A verba vem simplesmente, é usada para outra coisa e o próprio usuário fica com essa dificuldade, porque a gente sabe a dificuldade de quem é o usuário do SUS ou do Positivo, entendeu? Que as dificuldades que ele passa, porque são mandados para outras cidades, são mandados para outros estados, sendo que o próprio município oferece, principalmente essa nova versão que é muito eficaz da prévia e reduz de 10 comprimidos para 2. Então assim, você deixa de estar se matando, vamos dizer assim, popularmente, ingerindo um monte de medicação, 10, 15 comprimidos por dia, para passar a tomar 1 comprimido, 2 comprimidos. Você tem assim um alívio de ingestão de algo que sabe

que é para o seu bem, mas que de uma certa maneira acaba também te prejudicando, porque você acha que é fácil você ou qualquer um ter que tomar 10, 15 comprimidos por dia, entendeu? Então assim, tem essa questão, porque o SUS oferece tudo isso em Arapiraca, a gente tivemos recentemente, o Ministério Público precisou ser acionado para que o município viesse a atender a população relacionada à PREP. Inclusive, eu já estou vendo com a responsável pelo próprio CTA do município, a diretora do CTA, que é de Paulo Afonso, não é que dê humilha, é de Paulo Afonso, vem quando quer, já para a gente discutir essa questão da PREP dentro do CTA para os usuários. Claro, já marquei duas reuniões e ela não compareceu, né, por motivo disso, por motivo daquilo, aquela coisa toda, não sei, mas não compareceu. Mas eu estou em cima e cobrando isso e já coloquei que a nossa batipada seria relacionada à PREP dentro do município, o que deve ser feito a partir daquele momento que eu sentar, porque senão eu vou ter que tomar outro caminho, já avisei que se não se resolveu eu vou procurar o Ministério Público e vou fazer o que deve ser feito, vê se precisa. Essa verba bem, está recebendo e o dinheiro está indo para onde, fazendo o quê? Não chega um gel lubrificante, a gente não tem gel lubrificante no CTA, a gente não vê uma campanha de prevenção sobre as ISTs, a gente não tem. A gente não vê um conflito, nem muito menos a gente vê uma ação junto do CTA, órgão responsável pelas ISTs, e principalmente pela distribuição da PREP do seu usuário junto ao movimento LGBT, para que venha fazer uma ação em conjunto, a gente não vê tudo isso. Então tudo isso são coisas que precisam ser reivindicadas. Então assim, eu já adoro ter uma foto de cada coisa que eu faço, sempre estou fazendo foto, cada pessoa que eu encontro, sempre faço foto não só com bunny, mas com camiseta, põe o like e veja que eu estive. E se me perguntar qual o assunto que foi discutido naquele momento, eu vou saber, entendeu? Então, para que eu deixe para que as pessoas tenham essa noção disso e se conscientizem também, porque não é só dizer assim, existe, mas aprenda a cobrar, é um direito seu.

R.A. – Você ainda atua no GLAD ou em outro movimento por direitos da comunidade LGBT, se sim, como e qual?

O.S. – O meu GLAD eu fiquei em 2006, 2007, 2006, 2007, 2008 e 2009. Então assim, não estou mais. Agora, de 2019 para cá, eu estou com um novo movimento que se chama Grupo Diversidade pela Vida, que é o Grupo Vida.

R.A. – Como você pode nomear as violências contra a comunidade LGBT?

O.S. – Meu filho, as violências elas têm de várias maneiras, né, que a gente sabe. É uma piadinha do meu gosto, entendeu? Ela pode ser indireta ou indiretamente, duas pessoas estão aqui conversando e aí passam uma gay. Vamos dizer assim, aí o cavalo é um produtivo pop, está parecendo um viado. A gente sabe que aquilo não foi com a outra pessoa, a gente sabe que foi

com aquele gay, com aquela lésbica, com aquele LGBT que vai passando, mas essa pessoa não tem coragem de ser direto, vai indiretamente, né? Então a gente já sabe que isso é uma violência, né? A gente já sabe, hoje, né, a gente tem uns, assim, vamos separar para uma questão de letras. Uma gays hoje mais durinha, a gente já sabe que a população LGBT... Aí, você olha, aí, esse é LGBT. Já tem uma certa dificuldade, principalmente para emprego, estabelecimentos, aquela coisa toda de... Porque, olha, você sabe que é um gay. Agora, imagina uma gays mais molinha nessa coisa. Então, essa discriminação, esse preconceito, essa violência com eles já aumenta, entendeu? Isso pode passar, simplesmente, numa piada para algo físico, entendeu? Por quê? Porque a outra pessoa começa com um tipozinho de piada e, às vezes, você vai tirar satisfações por aquilo. Isso acaba gerando algo que a pessoa está fazendo intencionalmente e é para ouvir a sua reação. Eu mesmo sou daquilo, eu não aguento piada. Eu nunca fui de aguentar piada, eu não aguento piada. Se a pessoa me disser uma piadinha, me diz que o promotor disse, tem um pouquinho de calma, menino, que você arruma uma confusão em qualquer lugar. Eu disse, eu não tenho, doutor. Eu não tenho, porque eu não sou obrigado, entendeu? Se alguém falar alguma coisa, eu pergunto logo. Isso foi comigo? Não, não, não, não. E eu já sou daquilo. Ah, porque se foi comigo, você vai ter que repetir novamente, porque eu quero ouvir ela novamente, entendeu? Então, assim, nunca vai. Vem a questão, por exemplo, no caso de violência, como foi citado no caso do Mix. O menino foi entrar no banheiro masculino, não foi entrar no feminino, foi no banheiro masculino. Foi agredido pelo segurança, porque a alegação do segurança é que ele ia entrar para olhar a piroca dos homens que estavam lá dentro. Ele não estava entrando no feminino, ele estava indo no masculino. Aí, se ele vai entrar no masculino, ele não pode, no feminino, ele não pode entrar, porque lá é o quê? Ia olhar as pepecas da giracha, da mulher. Então, assim. E aí, onde é que fica? Ele vai onde ele quer, entendeu? Então, daí gera essa violência, entendeu? Então, assim, é, sabe, complicado, né? Porque muitos se fazem de inocente ou simplesmente agem da maneira dizendo que eu vou agir assim porque eu posso e porque se deve. E aí, onde vem a questão da denúncia, que é muito importante.

R.A. – As violências voltadas para a comunidade LGBT+, podem ser nomeadas como preconceito, discriminação ou LGBTfobia?

O.S. – Meu filho, isso vai depender, a gente sabe que vai depender da gravidade em si, da pessoa também, né? Porque se for relacionado, por exemplo, a travesti, que tem peito, entendeu? A gente não pode colocar isto como um preconceito, como ser gay, mas aí a gente tem uma peituda lá, uma mulher toda trabalhada, toda bonita, entendeu? A gente já tem, no caso, uma transfobia, né? Então, assim, porque você é uma pessoa trans. Então, assim, a ocorrência, o acontecido, ele precisa avistar conforme a vítima e a situação ou a melhor maneira para que ela

seja resolvida e classificada, né? A gente tem, principalmente os alvos responsáveis junto à vítima ou junto ao movimento LGBT, tem que ter essa visão para que seja classificada dessa maneira.

R.A. – Para você, o que é homofobia?

O.S. – Meu filho, pronto, eu ouro. É o quê? Para mim, diz assim. Vire homem. Isso, para mim, é homofobia, porque eu não sou obrigado a gostar de mulher. Entendeu? A bichinha, coisa desse tipo. Viadinho. Deu boneca. Onde boneca a gente pode ser considerado muito para dar uma questão de uma trans, por ser um homem que está modelando o corpo de uma mulher, né? Então, assim, são esse tipo de adjetivo, de viadinho, de mal gosto que, para mim, vejo como homofobia. Principalmente, como você disse, eu passei, todo mundo estava dizendo que eu sou um gay, que eu sou um gay, que eu sou um menino. Aí, vire homem. Não, você está falando mulher, meu amor. Você está falando homem.

R.A. – Para você, o que é lesbofobia?

O.S. – Meu filho. Quando a gente fala de lesbofobia, principalmente na questão da lésbica, né? De jeito assim, de maneira. Porque a gente vê, por exemplo, seu filho. Seu filho não sabe que é uma mulher, né? Mas se comporta como um homem, né? Desse jeito. Então, a gente se coloca, porque quando a gente fala hoje na questão, quando alguém chama e fala, sapatão. Um sapatão, pessoa do pé grande, né? Gosta de um sapato grande, mas que gosta dos dois. É um homem que é uma mulher que gosta de outra. Sapatão, gosta de bater, né? Então, isso, para mim, é lesbofobia. Isso é tratando da questão lésbica. Isso é tratando da questão gay. Trans, na questão das transexuais, das travestis. Porque está vendo um homem que está se modelando no corpo de uma mulher, entendeu? Está se transformando em uma boneca. Então, é isso. Eu vejo, posso até ter errado, mas eu vejo que não.

R.A. – Para você, o que é LGBTfobia?

O.S. – LGBTfobia. LGBTfobia, meu filho. LGBTfobia já é uma junção. Para mim, eu vejo como uma junção de tudo, porque assim, LGBTfobia. É uma discriminação que eu estou fazendo com alguém sem aquela classificação, ah, é um menino, é um sapatão, uma travesti. Eu estou falando com LGBT. LGBT, quando a gente fala, a gente está falando de todos. Então, assim, eu não vou ficar no mesmo ambiente que essa gay, entendeu? Com esse viado, com essa travesti, com essa sapatão, com essa bicha, com essa boneca, entendeu? Não vou no mesmo banheiro que ele, como a gente vê que muito está acontecendo, não podem entrar no banheiro, entendeu? Então, vejo como é uma junção de tudo, porque é LGBTfobia. Então, colocou a sigla inteira no meio, entendeu? Então, eu vejo como dessa forma. Muitas pessoas só podem classificar de outra maneira, mas a minha visão que eu tenho, que eu vejo, que eu entendo, é

esse ponto que você colocou LGBT num só, entendeu? Num plural todo, que você envolveu todos num só. E a fobia de não quero estar no mesmo ambiente que essa bicha, que essa sapatão, que essa travesti, que essa boneca, não vou no meu banheiro, não pego no que ele quer, não sempre do meu lado, não quero que você perda em mim, não fale comigo. Deixa eu poder contar pra mim, entendeu? Que é muito sério e grave.

R.A. – Você acredita que LGBTfobia, de forma geral, tem uma característica estrutural em nossa sociedade?

O.S. – Meu filho. Eu acho que sim. Vai pintar. Começa já. Tem que detalhar? Tem que detalhar?

R.A. – Se você acredita que LGBTfobia, de forma geral, tem uma característica estrutural?

O.S. – Sim, pra mim tem.

R.A. – Só isso?

O.S. – Só.

R.A. – Acabamos de finalizar a nossa entrevista. Eu gostaria de agradecer pela sua disponibilidade, por te aceitar e contribuir com o meu trabalho de conclusão na universidade. E minha palavra que eu tenho pra dizer é só gratidão mesmo.